



**IMS** INSTITUTO  
DE MEDICINA  
SOCIAL

---

**DISSERTAÇÃO DE  
MESTRADO**

**EUGENIA: gênese e legitimação  
(1870-1900)**

**Maria Eneida de Almeida**

---

**2002**

Área de Concentração:  
Política, Planejamento e Administração em Saúde

---

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CBC

A447 Almeida, Maria Eneida de.  
Ciência eugênica: gênese e nascimento de uma nova ciência  
(1870-1900) / Maria Eneida de Almeida. – 2002.  
128f.

Orientadora: Madel T. Luz.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro, Instituto de Medicina Social

1. Eugenia – Séc. XIX - Teses. 2. Ciência – Séc. XIX –  
Teses. 3. Poder (Ciências sociais) – Teses. I. Luz, Madel T. II.  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de  
Medicina Social. III. Título.

CDU613.94 "1801/1900"

CATALOGAÇÃO NA FONTE

A447 Almeida, Maria Eneida de.  
Ciência eugênica: gênese e nascimento de uma nova ciência  
(1870-1900) / Maria Eneida de Almeida. – 2002.  
128f.

Orientadora: Madel T. Luz.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro, Instituto de Medicina Social

1. Eugenia – Séc. XIX - Teses. 2. Ciência – Séc. XIX –  
Teses. 3. Poder (Ciências sociais) – Teses. I. Luz, Madel T. II.  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de  
Medicina Social. III. Título.

CDU613.94 "1801/1900"

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL

**CIÊNCIA EUGÊNICA:  
gênese e nascimento de uma nova ciência  
(1870-1900)**

Maria Eneida de Almeida

*Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva,  
área de concentração em Política,  
Planejamento e Administração em Saúde,  
submetido à apreciação do Instituto de  
Medicina Social da Universidade do Estado  
do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos  
para a obtenção do grau de Mestre.*

.....  
**Madel Therezinha Luz**  
Professora Titular IMS/UERJ  
Orientadora

.....  
**André de Faria Pereira Neto**  
Pesquisador da Casa de Oswaldo Cruz  
FIOCRUZ

.....  
**José Luis da Costa Fiori**  
Professor Titular IMS  
UERJ

.....  
**Kenneth Rochel de Camargo Jr.**  
Professor Adjunto IMS  
UERJ

Rio de Janeiro – 15 de Março de 2002.

*Ao meu pai.*

## **AGRADECIMENTOS**

Esta dissertação é o resultado de um esforço coletivo. Foi preciso a formação de uma sólida teia de relações. Através da compreensão de várias pessoas que se fez possível todo o processo que antecedeu seu feito, e o próprio feito. Existem três aspectos fundamentais para que este agradecimento seja, no mínimo, justo: financeiro, intelectual e pessoal.

Sem a firmeza e constância do aspecto financeiro nada se faz. Portanto, agradeço eternamente a possibilidade de ter concluído o trabalho que me propus: primeiramente a meus pais, cujo sacrifício permitiu minha dedicação exclusiva aos estudos; à FAPERJ, financiadora institucional de minha bolsa de estudos; ao Prof. Eduardo Levcovitz na intenção de proporcionar a participação em um Projeto de pesquisa ao longo do curso, embora não tenha sido possível minha permanência; e à Profa. Sulamis Dain que precisou de trabalho técnico e executivo no Projeto de Pesquisa que coordena atualmente.

Importantes incentivadores, diretos ou indiretos, proporcionaram um gradativo e crescente processo intelectual. A Leila Jeolás, Regina Gil e João Campos, orientadores de monografia de Especialização em Saúde Coletiva, UEL-PR, que mantêm permanentes estímulos à minha dedicação acadêmica. Ao Instituto de Medicina Social, com seu espírito inovador e transdisciplinar, que possibilitou minha inserção acadêmica. Ao Mário Roberto dal Poz que, desde o início, acreditou e incentivou minha permanência no Rio de Janeiro. A cada professor em particular, por dividirem com excelência seus conhecimentos, instigando os alunos a um crescente compromisso e responsabilidade social. Ao grupo de pesquisa do Projeto Racionalidades Médicas, pela união, colaboração e permanente processo de permuta intelectual. À banca de qualificação de Mestrado: Ruben Mattos e Francisco Ortega, nas preciosas sugestões de re-encaminhamento da dissertação. E especialmente à minha orientadora, Profa. Madel Luz – pela liberdade de pensamento, estímulo à intuição, comprometimento, seriedade e confiança, amplamente desenvolvidos ao longo dos dois anos de aprendizado.

No aspecto pessoal agradeço especialmente ao meu filho Lucas, que soube compreender as dificuldades, alterando o rumo de sua própria vida, e apoiando sempre, com alegria, os caminhos tortuosos de sua mãe.

Aos colegas de turma, de importante convivência, aprendizado e, eterna saudade. Especialmente à Adriana Diva, Adriana Veloso, Ana Emília Guedes, Maria Helena Couto e Mônica Sutton que, a partir de características particulares e de formas diferentes, foram presenças constantes nos momentos tanto agradáveis quanto críticos deste percurso, sempre apoiando e não permitindo jamais qualquer esmorecimento de meus objetivos.

À Kildinha, nas preciosas traduções de inglês; à Verinha, nas exaustivas revisões; ao Marcos e Regina, amigos eternos e força permanente; à Maria José e Júlio, meus dentistas maravilhosos.

Esta teia de pessoas e outras mais, como meus irmãos Márcio, Marcos e Maria Inês, importante estrutura de minha personalidade, tornou possível o encerramento desta trajetória que se sobrepõe a um novo início, o doutorado.

O processo de vida individual nem sempre permite às pessoas a realização de seus sonhos. Sonho custa caro. É necessário ousadia, garra e determinação, sem importar o 'preço' que se paga. Mas é necessário 'algo mais' que sustente esse sonho, e esse 'algo' são as relações de amizade, respeito, amor e comprometimento com o outro, pois só com este espírito, a aceitação das diferenças é possível e o crescimento coletivo poderá se suceder.

A todos, muito obrigada!

Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 2002.

*Um monge indagou a seu mestre: Quando a fala e o silêncio são ambos inadmissíveis, como podemos evitar o erro? E o mestre respondeu: Lembro-me sempre de Chiangsé em março, o grito da perdiz, o aglomerado de flores  
fragrantes...  
(koan oriental)*

Esta dissertação foi defendida em 15 de março de 2002. Os membros da banca teceram preciosas considerações e comentários, os quais foram todos incorporados para a apresentação oficial na secretaria e biblioteca do IMS. Portanto, a presente dissertação já está com as adequações sugeridas. A autora optou por alterar também o título, o qual se apresenta na página seguinte.

Boa leitura.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL

**EUGENIA: gênese e legitimação  
(1870-1900)**

Maria Eneida de Almeida

*Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva,  
área de concentração em Política,  
Planejamento e Administração em Saúde,  
submetido à apreciação do Instituto de  
Medicina Social da Universidade do Estado  
do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos  
para a obtenção do grau de Mestre.*

.....  
**Madel Therezinha Luz**

Professora Titular IMS/UERJ  
Orientadora

.....  
**André de Faria Pereira Neto**

Pesquisador da Casa de Oswaldo Cruz  
FIOCRUZ

.....  
**José Luis da Costa Fiori**

Professor Titular IMS  
UERJ

.....  
**Kenneth Rochel de Camargo Jr.**

Professor Adjunto IMS  
UERJ

Rio de Janeiro – 15 de Março de 2002.

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b> .....	1
<b>Apresentação</b> .....	2
<b>Introdução</b> .....	11
<b>CAPÍTULO I - O Contexto Social</b>	
A Sociedade Civil pré-1870.....	23
<i>La belle époque</i> .....	30
A Sociedade Eugênica.....	38
<b>CAPÍTULO II – O Contexto Científico</b>	
A Sociedade Científica pré-1870.....	46
As Ciências Fundamentais.....	51
História– Biologia – Sociologia.....	52
Filologia – Etnologia .....	62
A Ciência Eugênica.....	66
<b>CAPÍTULO III - O Contexto Político</b>	
A Sociedade Política pré-1870.....	75
Os Conceitos Fundamentais.....	81
Pátria – Nação.....	82
Imperialismo – Democracia.....	86
Socialismo – Liberalismo.....	91
A Política Eugênica.....	97
<b>À Guisa de Conclusão</b> .....	103
<b>Considerações Finais</b> .....	122
<b>Bibliografia</b> .....	128
<b>Fontes Documentais</b> .....	130

# CAPÍTULO I

## O CONTEXTO SOCIAL DO SÉCULO XIX

**[A eugenia] Era, essencialmente, um movimento político, em sua esmagadora maioria composto de membros da classe média e burguesia, que pressionavam os governos para que implantassem ações positivas ou negativas visando a melhorar a condição genética da espécie humana.**

Hobsbawm

## **CAPÍTULO III**

### **O CONTEXTO POLÍTICO DO SÉCULO XIX**

**Em seus primórdios, a eugenia não era uma ciência politizada; era um credo político transformado em ciência.**

Ridley

## **CAPÍTULO II**

### **O CONTEXTO CIENTÍFICO DO SÉCULO XIX**

**O “darwinismo social” e a antropologia ou biologia racista pertencem não à ciência do século XIX, mas à sua política.**

Hobsbawm

## **RESUMO**

Este trabalho destina-se a compreender os contextos social, político e científico na emergência da eugenia no século XIX e os motivos sócio-políticos de sua legitimidade nos últimos trinta anos do referido século. O tema assim configurado permite apontar o objeto de análise: as relações de poder existentes entre sociedade – Estado – ciência e seu impacto na vida social e individual para a moldagem do novo mundo que então se constituía. A metodologia utilizada foi a análise da conjuntura dos Estados nacionais que consolidaram o capitalismo, sob hegemonia inglesa. A conclusão se dirige ao papel essencial da eugenia na estruturação do Estado moderno. A obra utilizada como referencial foi a trilogia de Eric Hobsbawm que desvenda a estrutura do sistema capitalista ocidental oitocentista.

**PALAVRAS-CHAVE:** eugenia; conjuntura; estrutura; poder.

## **ABSTRACT**

This work is meant to understand the social, political and scientific contexts upon the emergence of eugenics in the XIX Century and the socio-political reasons for its legitimacy during the past thirty years of that century. The conceived theme allows to have as the object of analysis the existing relations of power between society – State – science and their impact on the social and individual life for the shaping of the new world coming to be at that time. The methodology applied was the analysis of the scenario of the national States which consolidated the capitalism under the English hegemony. The conclusion leads to the essential role of eugenics in constructing the modern State. The work used as a referential was Eric Hobsbawm's trilogy which uncovers the structure of the 1800's western capitalist system

**KEY WORDS:** eugenics; conjuncture; structure; power.

## APRESENTAÇÃO

*The specter of eugenics hovers over virtually all contemporary developments in human genetics.*

Kevles

A palavra eugenia já cintilava em minha trajetória intelectual desde longa data, e aumentou seu brilho nas reflexões procedentes de leituras de pensadores contemporâneos que se preocupam com a ultrapassagem dos limites do poder da ciência biológica. A percepção se ampliou ao notar que esta palavra também estava presente em documentários, seminários e na própria mídia atual<sup>1</sup>. Partindo do fato de que ela tem um passado complexo e estigmatizado, sendo muitas vezes evitado (ou mesmo silenciado), instigou-me o surgimento de sua recorrência na contemporaneidade como palavra, conceito e preocupação.

Minhas questões começaram a tomar forma quando me deparei com as razões imperativas do advento do holocausto que partiam de uma ciência considerada incontestável – a ciência eugênica. Esta ciência era um amplo campo de vários ramos do conhecimento que confluíam para uma linguagem comum: a linguagem da eugenia. Essa linguagem era o padrão normal de raciocínio da sociedade civil, científica e política das primeiras décadas do século XX. Era o padrão de conhecimento oficial. A partir dele, estruturaram-se várias práticas médicas individuais e intervenções estatais no controle e higiene da população, com o movimento da saúde pública. Era uma linguagem que fundamentava a área da saúde de maneira generalizada. Era o conhecimento que se ensinava e que se aprendia. A medicina ocidental oficial era pautada nas diretrizes eugênicas. Era uma linguagem legítima, legalizada e regulamentada na educação e na prática médica.

Minha questão fundamental surgiu na crescente inquietação sobre “como”, “de que forma”, um campo das ciências da saúde pôde ter sido o dispositivo para a consolidação da ideologia eugênica que não teve barreiras

---

<sup>1</sup> Ver Fontes Documentais na bibliografia.

territoriais e abrangia todas as sociedades ocidentais? E como essa disposição pôde fortalecer, em seu seio, o racismo, o anti-semitismo e a xenofobia na sociedade civil? Quais seriam os movimentos intrínsecos da sociedade que legitimaram, com raízes tão profundas, a eugenia? Havia um movimento ascendente, da sociedade para o Estado, de construção de um novo mundo. Era um ideal conjunto do Estado e da sociedade. Um mundo melhor, mais organizado, mais limpo, mais civilizado e mais feliz. No entanto, o que poderia existir no interior da ideologia eugênica para assistirmos o forte movimento descendente, do Estado para a sociedade, que em nome da eugenia se justificava em todos os campos do conhecimento? Quais foram as razões da gênese da eugenia para esta fazer parte natural do sentir, do pensar e do viver das sociedades?

A linguagem eugênica através de sua institucionalização e estatização nas primeiras décadas do século XX, possui uma mancha em sua história, uma ferida que se quer acreditar cicatrizada – a legalização do genocídio de judeus, de negros, de ciganos, de pobres, de pessoas mental e fisicamente deficientes, fossem elas bebês, jovens ou velhos. Isso tudo além da esterilização em massa que era uma prática normal feita sem autorização da mulher mas com a chancela do Estado, nas primeiras décadas do século XX. Se esse fato – incontestável – existiu, sob justificativas científicas, extrapolando o limite do aceitável, do digno e do justo, atingindo uma grande parcela da população humana, existiria hoje, alguma possibilidade de repetição<sup>2</sup>?

Naqueles dias, os cientistas e os médicos eugenistas só praticavam o que aprendiam nas universidades e atuavam conforme as legislações. O nazismo foi o regime de Estado que mais extrapolou ao legitimar e executar a política eugênica com o genocídio em massa pautada em fundamentos eugênicos. Porém, o espectro da eugenia atingiu todos os Estados nacionais<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> GUIMARÃES (2001). A questão central da autora é se o ideal eugênico será ainda possível, numa alusão à utopia nazista das primeiras décadas do século XX.

<sup>3</sup> O termo 'Estados nacionais' será referido neste trabalho, como uma substituição à palavra 'países', porque a autora considera um termo mais substantivo para o período abordado (1870-1900).

ocidentais em diferentes graus de ação e intervenção estatal, independentemente do regime de governo. A ordem vinha legalizada e regulamentada pela razão científica, espalhou-se nos campos do saber e moldou um paradigma eugênico que atingiu todas as sociedades ocidentais. Minha pergunta não se distanciava: “Como” isso pôde ter acontecido, se aprendi que ciência se faz para a melhoria da vida em geral e do mundo? “Como” pôde haver tamanha cegueira em todas as sociedades? Quais seriam os motivos dessa cegueira instituída? A ciência foi o eixo de articulação do movimento ascendente eugênico (das sociedades) e do movimento descendente eugênico (do Estado) na intervenção sobre a vida individual e social. “Como” a eugenia pôde tomar tamanhas proporções chegando ao ponto de cegar tantos campos do saber a ponto de não se tomarem as devidas precauções quanto aos abusos de tal ideologia? O que foi então a eugenia?

Essas são as razões fundamentais do desenho desta dissertação, apesar de que os fatos quanto ao desenvolvimento propriamente dito, sua transformação em aplicação técnica no campo da eugenia científica – a ciência eugênica – no século XX e os fatos decorrentes desta aplicação **não** serão abordados neste momento acadêmico por não fazerem parte do objetivo principal. Esta dissertação visa contribuir para o esclarecimento das origens e os motivos do desenvolvimento da eugenia antes de sua institucionalização, ao se tornar um pensamento único e uma ideologia abrangente no século XIX. Uma ideologia que extrapolou seus próprios domínios.

## **Reflexões Preliminares**

O fato impulsionador dessa pesquisa foi, principalmente, a partir de reflexões sobre o **nascimento da ciência genômica** na data-marco de 26 de junho de 2000, quando do triunfo do Projeto Genoma Humano (PGH) no atingimento de sua principal meta – a decifração do DNA humano; e de reflexões quanto aos discursos sociais, científicos e políticos decorrentes deste fato. Minha atenção se fixou, portanto, nos possíveis desdobramentos desta

ciência em relação aos impactos provenientes deste conhecimento, sobre a vida humana individual e social.

Após os últimos acontecimentos da ciência biológica (pós-2000) e o surgimento de um novo ramo da medicina, a medicina genômica<sup>4</sup> que tende, no meu ponto de vista, a exponenciar o reducionismo biomédico, refleti sobre nossa contemporaneidade fundamentada por pensadores que têm acompanhado os acontecimentos do campo da biologia com o olhar sobre a nova eugenia e ampliei os horizontes. De um caminho de resistência aos avanços tecnológicos e mercadológicos da biomedicina sobre o corpo humano na cura e prevenção de doenças pelo arraigado reducionismo e mecanicismo ao lidar com a vida, passei a fazer parte de uma corrente de pensamento muito mais abrangente, de resistência à ultrapassagem dos limites da biologia em conjunção com a tecnologia (a biotecnologia), em prol da preservação da dignidade da espécie humana e da manutenção da integridade do manancial genético humano para as futuras gerações. A dignidade humana é um atributo da espécie e não do indivíduo, é o valor inerente de sobrevivência, é para este campo que me dirijo pois é esta a minha preocupação fundamental.

Mas se faz importante um esclarecimento. Nasceu uma nova ciência. **Quais seriam as novidades da nova ciência?** Por que ela é nova? O que é novidade e o que é discurso nessa história? Os desenvolvimentos da biologia e da genética<sup>5</sup> vêm se dando ao longo de todo o século XX. A genética nasce em 1900<sup>6</sup>. Na década de 40, houve o nascimento da biologia molecular<sup>7</sup> que foi a fusão da física com a biologia e proporcionou, em 1943 a descoberta do DNA como o princípio molecular estrutural que confere os traços hereditários. Em 1953, Watson e Crick revelaram a estrutura de DNA em dupla-

---

<sup>4</sup> “Perspectivas da Medicina Genômica” 1.a Mesa-Redonda do II Encontro de Bioética do CREMERJ: Bioética do Projeto Genoma – Desafios para a Medicina no Século XXI, dias 07 e 08 de junho de 2001.

<sup>5</sup> Genética é uma coleção de campos que classificam estudos de população, de um modo clínico e descritivo, com finalidades diagnósticas.

<sup>6</sup> Mais detalhes na Introdução.

<sup>7</sup> Biologia Molecular é o estudo dos mecanismos dos microorganismos dos seres vivos. Tem o objetivo de compreender a função molecular através de sua estrutura. Segundo SFEZ (1996) a biologia molecular invadiu todos os campos das ciências naturais pois dispunha de meios de grande complexidade, inclusive a ultra-tecnologia.

hélice e a descoberta desta estrutura como a linguagem comum a todos os seres vivos (plantas, animais e humanos). Após essa descoberta, o desenvolvimento deste conhecimento se ampliou. A novidade, ou o que se chama de avanços ou progressos atuais na área médica, não veio do cerne da genética ou da biologia molecular, mas sim da sua fusão com a informática. A revolução tecnológica das últimas três décadas do século XX deu grande impulso no amplo campo das ciências naturais, especialmente da genética e da biologia molecular – conseqüentemente, atingindo diretamente o campo da saúde. É partindo deste ponto que estão se dando os progressos práticos e teóricos nesta área. E foi através da explosão da informática com computadores de alta geração na década de 90, que estão sendo possíveis as gigantescas intervenções sobre os seres vivos (incluindo aqui a clonagem humana terapêutica e reprodutiva). Portanto, há uma simbiose total entre esses campos do saber. Nesse sentido, essa é **a nova ciência**: *uma fusão de campos de conhecimento científico que são o da genética, o da biologia molecular e o da informática*. Mas nada tem de novidade em seus conteúdos, simplesmente há os desenvolvimentos normais de uma ciência regulamentada pela sociedade científica.

E esta nova ciência tem um fator muito importante, talvez o mais importante: por ser uma ciência normal, e portanto oficial, aceita pela comunidade científica: apresenta uma outra novidade incontestável que é seu *financiamento gigantesco*. Jamais houve, na história das ciências naturais, tamanho financiamento. As grandes somas de dinheiro sempre foram destinadas à área das ciências exatas, principalmente a física. Nesse sentido, o PGH, que foi o projeto impulsionador dessa nova ciência, só é comparável aos projetos espaciais. Sob a égide dos Estados Unidos e da Inglaterra nasceu a ciência genômica e conseqüentemente a nova categoria médica: a medicina genômica. Comecei a perceber então, claramente, que os campos que formam esta ciência (genética, biologia molecular e informática) estão englobados ou têm dependência total do poder capitalista, pois ela foi (e está sendo) construída com muito dinheiro e muito poder. Em suma, se é que é possível sintetizar, – genética, biologia molecular, informática, poder e dinheiro: **esta é a ciência genômica**.

Por esse encadeamento de idéias tendo a abordar uma reflexão permanente dos agravos que podem surgir mediante discurso da nova ciência, no tocante a uma possível ruptura da dignidade e da continuidade da espécie humana. Isto porque parece-me que se aprofunda a fenda de um poder incontrolável pela sociedade na compreensão do processo científico no qual estamos inseridos. Pode-se dizer, tranqüilamente, que a mesma nota musical dá início a quatro músicas: a da cura e prevenção das doenças, a do fim das doenças hereditárias, a do controle social e populacional e a da construção de armas biológicas. E essas músicas têm a mesma clave musical: a clave do poder político-econômico norte-americano.

As intervenções genéticas nos seres humanos (em ritmo crescente) modificam o manancial genético individual, alterando a herança genética das futuras gerações. Aqui entra a questão que proporcionou a estrutura desta dissertação: **Existe eugenia na ciência genômica?** Essa alteração genética está sendo vista como aperfeiçoamento da nossa espécie<sup>8</sup>. A prevenção de doenças está sendo referida como eugenia<sup>9</sup>. Parece-me, neste ponto de vista, que a exclusão dos seres considerados diferentes ou mesmo não aceitos para uma sociedade ideal, em vários aspectos, corre o risco de se evidenciar.

No século XIX, um dos aspectos da eugenia estava ligada ao racismo, xenofobia e anti-semitismo. Uma vez que esses temas estão crescentemente chamando a atenção mundial<sup>10</sup>, há risco de existirem relações e efeitos conseqüentes?

---

<sup>8</sup> *Pioneiro de DNA defende a nova eugenia: Sou fortemente favorável a controlar o destino genético de nossos filhos. Trabalhar inteligente e sabiamente para fazer com que bons genes dominem o maior número de vidas possível é o modo verdadeiramente moral de procedermos.* (JAMES WATSON) Epígrafe retirada de matéria publicada em 18 de abril de 2001, setor de Biotecnologia na seção Ciência da Folha de São Paulo: *James Watson, descobridor da hélice dupla, afirma que é legítimo modificar os genes das futuras gerações.*

<sup>9</sup> "Medicina Preventiva e a Moralidade da Eugénica" 2.a Mesa-Redonda do II Encontro de Bioética do CREMERJ: Bioética do Projeto Genoma – Desafios para a medicina no século XXI, dias 07 e 08 de junho de 2001.

<sup>10</sup> 3.a Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação, a Xenofobia e a Intolerância correlata, realizada entre 31 de agosto a 07 de setembro de 2001, na África do Sul, evento da ONU.

(...) a discriminação racial não acabou. E ela não só sobrevive à desconstrução científica do conceito de raça, como também vem ganhando terreno em várias partes do planeta. (...) Na tentação de aperfeiçoar a nossa espécie, não temos percebido o retorno da eugenia. E, mais especificamente, o perigo de uma forma comercial de eugenia. (...) Temos que ver, por exemplo, até onde há risco em identificar características nas seqüências genéticas de populações de determinadas áreas. Essa informação não poderia ser usada para balizar uma discriminação étnica? (SANÉ; BINDÉ, 2001)

Nossa sociedade poderia estar sofrendo um processo de biologização? Em que medida as diferenças com o século XIX nos eximem de conseqüências? Kurz tem a tese de que a pesquisa genética teria o mérito de acabar com a teoria racista vigente desde o século XIX, porém, diz que vivemos hoje um novo racismo e em suas notas, preconiza:

Nas próprias fábricas de idéias sopram outros ventos. A última década viu o biologismo de uma nova “ciência natural” insinuar-se a passos de lobo no discurso acadêmico, que cada vez mais espelha a herança da moda lúdica e “pós-sociológica” do desconstrutivismo. À primeira vista, tudo indicava que a pesquisa genética conseguiria desbancar os despropósitos racistas com argumentos científicos. (...) Mas tais constatações curvam-se hoje cada vez mais sob o peso de uma nova “biologização” da conduta social. (...) Tais estudiosos são muitas vezes ingênuos sob a ótica social e assim, talvez, não percebam como suas pesquisas “puramente objetivas” sofrem a influência de correntes ideológicas que solapam a sociedade. (KURZ, 1997, p.195)

Um dos ápices da ciência genômica é a oportunidade e o poder de escolher os embriões com os quais se pretende constituir seres humanos e, na mesma vertente deste conhecimento, o poder de se excluir ou de se eliminar os embriões indesejáveis<sup>11</sup>. Na realidade do ano 2002, vivemos a hegemonia

---

<sup>11</sup> Indesejáveis porque imperfeitos geneticamente ou com probabilidades de adoecerem ou de terem comportamentos com tendências a vícios e hábitos não desejáveis pelos progenitores ou pela sociedade.

econômica e política norte-americana, englobando uma ciência que já fornece acesso às pessoas (com poder aquisitivo) de realizarem a escolha dos filhos que colocarão no mundo. KEVLES (1995) fala da emergência desse novo tipo de eugenia e a denomina de *homemade eugenics* (eugenia caseira). Se este fato é positivo ou negativo não é a questão que pretendo discutir, pois não tenho a bioética como referencial; o que quero enfatizar é que isto está efetivamente acontecendo na sociedade humana, e como a biotecnologia avança muito mais rápido que a academia na era da informática<sup>12</sup>, não se está tendo tempo para a formulação de teorias que possam sustentar discussões sociais e acadêmicas que levem a uma maior reflexão sobre os acontecimentos de nossa época.

Defrontei-me com a recorrência do conceito da eugenia nas reflexões de outros pensadores contemporâneos (KURZ, 1997; FOUCAULT, 1999; SFEZ, 1996; RIFKIN, 1999) que se preocupam com os limites do poder da nova ciência. Neste novo contexto que vivemos frente à nova ciência e a premente formação de uma nova sociedade que precisa se adaptar a essa ciência, desejei compreender as raízes da eugenia que geraram uma inovadora percepção de mundo e de ser humano em fins do século XIX. Ao pesquisá-la, mergulhei num universo eugênico e encontrei os motivos (ou pelo menos alguns dos motivos) – sócio-políticos e científicos – da gênese e legitimação da eugenia que subsidiaram a formulação das políticas eugênicas na construção do Estado moderno no século XIX.

Baseada em trabalhos sobre o poder da política médica (LUZ, 1979, 1982), noto que não é possível dissociar o poder da medicina<sup>13</sup> e do Estado ao longo da era moderna como fator determinante para a política dos últimos trinta

---

<sup>12</sup> Segundo Jean-Claude Guillembaud (LE MONDE DIPLOMATIQUE, 2001) vivemos hoje três revoluções que não devem ser pensadas separadamente: a economia globalizada, a informática com a internet e a genética com a clonagem. Essa tripla revolução se combina e forma um sistema que, encoberto pela modernidade, arrisca-se a conduzir à regressões anti-democráticas.

<sup>13</sup> Apesar da medicina não ser objeto direto deste trabalho, não se deve perder de vista que a medicina foi um instrumento da ideologia da ciência moderna (progressista e utilitarista). Foi por meio dela que houve a aplicação da eugenia sob ações e intervenções estatais nas primeiras décadas do século XX.

anos do século XIX. O conhecimento e da conjuntura na qual ocorreu a gênese da eugenia pode ser um elemento de auxílio para a compreensão da forma que sua legitimação se deu. Para fins de estímulo à reflexões sobre os acontecimentos atuais no campo da biologia, busco entender a gênese da nova eugenia, que é um dos aspectos da ciência genômica.

Mesmo levando em conta as peculiaridades do período abordado nesta dissertação, não podemos esquecer o legado negativo que o desvio da produção de conhecimentos no campo biológico em fins do século XIX nos deixou, moldando uma linguagem específica e um pensamento único: eugenia como solução social e nacional na estruturação dos Estados modernos sob domínio do império inglês. Tampouco podemos ficar cegos/omissos quanto aos desdobramentos espantosos<sup>14</sup> que vivenciamos na ciência genômica.

Comungo com a reflexão de Laymert Garcia dos Santos (2000) ao afirmar:

A questão da preservação da espécie humana, ou de seu desaparecimento, deixa de ser uma especulação, tornando-se um problema do nosso tempo.

No âmbito deste trabalho, a reflexão terá a chave da história nas relações de poder entre sociedade – Estado – ciência, para um esclarecimento da gênese, emergência e legitimação de um conceito que, de uma ideologia conjuntural, tornou-se uma ideologia científica **estruturante** da sociedade oitocentista ocidental da frente capitalista e transformou radicalmente o conceito de vida – **o conceito da eugenia**.

---

<sup>14</sup> Só como exemplos: Clonagem humana: novo tipo de reprodução (assexuada) da espécie humana; Criação de quimeras (o emergente fenômeno da transumanização); Nanotecnologia (ciência que estuda a física da matéria condensada, contribuindo para a construção de materiais orgânicos, para criar e trabalhar com estruturas de escala molecular); possibilidade de clonagem de identidades (distribuição da identidade de uma pessoa em diversas plataformas, compartilhamento de componentes mentais com outros e fusão de vários indivíduos numa só identidade).

## INTRODUÇÃO

*A história do presente é o esforço de reentender o surgimento do mais contemporâneo, reconstruindo o sistema das transformações de que a situação atual é herdeira. Voltar-se para o passado com uma questão que é a nossa questão hoje, e escrever o relato de seu advento e de suas principais peripécias (...) porque o presente não é só o contemporâneo. É também um efeito de herança, e a memória de tal herança nos é necessária para compreender e agir hoje.*

Castel

Para a introdução do tema propriamente dito, é necessário explicar que esta dissertação é fruto de uma divisão de trabalho que será feito em dois momentos acadêmicos. Esta divisão foi proposta no momento da Qualificação de Mestrado<sup>15</sup>, cuja idéia original se pretende completar no Doutorado. Portanto, este é um trabalho que se insere ainda no início de um projeto de pesquisa que se pretende completar em mais quatro anos, totalizando seis anos de estudo. O presente, que pode ser configurado como a primeira parte, busca desvendar a gênese e legitimação da eugenia no século XIX, priorizando o período 1870-1900. A segunda parte<sup>16</sup>, na qual será abordado o período 1970-2000, através de metodologia comparativa pretender-se-á buscar as permanências, as recorrências e as diferenças referentes aos contextos social, político e científico na gênese e nascimento da ciência genômica (em 2000). O objetivo principal do segundo momento de estudo será descobrir que aspectos da **eugenia original** apresentam-se na **nova eugenia**.

Por esse motivo, esta primeira parte foi estruturada no sentido de encontrar as peculiaridades e os motivos oitocentistas da sociedade, da ciência e da política, que geraram uma ideologia baseada na eugenia<sup>17</sup>. Esta ideologia, com o suporte do paradigma<sup>18</sup> darwinista<sup>19</sup> e com o acréscimo das

<sup>15</sup> Em junho de 2001 sob o título: "Eugenia e Felicidade nos Momentos de Biopoder".

<sup>16</sup> Ver detalhes do Projeto de Doutorado no final desta Dissertação.

<sup>17</sup> Ideologia que teve como princípio o aperfeiçoamento da espécie humana.

<sup>18</sup> *Paradigmas são as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência* (KUHN, 1982, p.13) Portanto, ao longo deste trabalho, paradigma se refere ao padrão de pensamento adotado pela ciência que se transforma em um modelo determinado, tornando-se senso comum.

<sup>19</sup> Nesta dissertação o termo 'paradigma darwinista' será adotado como o padrão de pensamento da ciência do século XIX, que teve como base a obra de Charles Darwin, com o acréscimo da ideologia eugênica. Isto porque foi crescente a incorporação da eugenia ao darwinismo, visto que, no final do século, este era um pensamento único.

necessidades políticas da época, resultaram em um mecanismo de controle social eugênico exigido pelas sociedades em fins do século XIX. Minha intenção, basicamente, é compreender a gênese<sup>20</sup> da eugenia a partir de três questões que explicitam sua legitimação; em última instância, a idéia de aperfeiçoamento humano que foi dominante no ideal social da época. Como se manifestavam na época, **os modos de sentir** da sociedade civil? Como se objetivavam **os modos de pensar** da sociedade científica? Como eram expressos **os modos de viver** da sociedade política? A somatória desses aspectos podem ajudar a desvendar as razões que dominavam a imagem-objetivo da sociedade oitocentista, em relação a uma visão de **ser humano ideal**.

Como ‘modos’, refiro-me à maneira, à forma ou ao jeito de sentir, de viver e de pensar das sociedades em questão. As expressões *modos de sentir*, *modos de pensar* e *modos de viver*, é uma tentativa de imaginar, através da análise historiográfica dos autores escolhidos, como se apresentava o interior da prática das sociedades. Talvez esta tentativa possa parecer por demais genérica ou mesmo subjetiva por se tratar de coletividades, mas esta foi a terminologia mais apropriada para a autora neste momento acadêmico<sup>21</sup>.

Faz-se necessário um esclarecimento desde já. Há duas dimensões do termo **ideologia** utilizadas neste trabalho. A primeira é o próprio conceito que significa uma gênese de idéias, constituída por efeitos de uma situação real que exigem solução, idéias tanto sociais como científicas e/ou políticas; e essa gênese vai formando um sistema próprio de idéias cujo conteúdo vai se desenhando de acordo com o fortalecimento de suas partes e criando, desta forma, uma linguagem comum. Essa dimensão, tendo em vista a ideologia eugênica, é simultânea ao conceito de ideologia científica eugênica. Neste caso, segundo CANGUILHEM (1977), na ordem da ideologia é preciso distinguir o conteúdo da função. Em uma ideologia científica há uma ambição

---

<sup>20</sup> Como gênese, refiro-me ao processo de desenvolvimento de modos, idéias, palavras e conceitos que constituíram a ideologia eugênica.

<sup>21</sup> A intenção primeira da autora ao longo da pesquisa foi tentar compreender o ‘como’ e o ‘de que forma’ a ideologia eugênica se infiltrou no sentir, no pensar e no viver da época, de maneira tão generalizada.

explícita de ser uma ciência, pois esta tem uma história e já ocupa um lugar no espaço do conhecimento. Tem um discurso paralelo à ciência em constituição que, por exigências práticas, antecipa a consumação da investigação, e por isso apresenta uma função. Afirma o mesmo autor (1977, p. 41):

a) as ideologias científicas são sistemas explicativos cujo objeto é hiperbólico, relativamente à norma de cientificidade que eventualmente é aplicada; b) no campo em que uma ciência virá a instituir-se, existe, sempre, antes da ciência, uma ideologia científica. Existe sempre uma ciência antes de uma ideologia, num campo lateral que essa ideologia vise obliquamente; c) a ideologia científica não deve ser confundida com as falsas ciências, seja magia ou religião. Tal como estas, a ideologia científica é movida por uma necessidade inconsciente de acesso direto à totalidade, mas a ideologia científica é uma crença olhada de soslaio, do lado de uma ciência já instituída, cujo prestígio reconhece e cujo estilo procura imitar.

Neste sentido, é preciso fazer a distinção das terminologias que serão utilizadas no corpo do trabalho. O termo **ideologia**, quando for utilizado sem qualificação, estará se referindo mais genericamente à sociedade civil numa pré-formulação eugênica, em resposta a necessidade da época. Este termo estará se referindo mais à primeira metade do século XIX, quando a gênese da eugenia estava em seu início, ainda muito difusa e sem nenhuma formulação.

A **ideologia eugênica** será referida como um passo adiante, quando o encadeamento de idéias estarão encontrando nos movimentos políticos, sua formulação mais específica. Já o termo **ideologia científica eugênica** será a referência da sociedade científica que prenuncia gradativamente a modelagem de uma eugenia científica, pautada nas diretrizes determinísticas da ciência da época, já se fundindo com a política na elaboração de ações e intervenções eugênicas. Esses dois termos localizam-se mais na segunda metade do século em questão quando de seu movimento de legitimação. Assim, a eugenia seria o objeto hiperbólico que fundamenta as próprias terminologias.

## O QUE É EUGENIA?

Primeiramente a eugenia pode ser apresentada, no limite deste trabalho, através de dois aspectos distintos e que fazem parte de um mesmo movimento: **gênese** e **legitimação**. A gênese pode ser compreendida como movimentos de articulação e de desenvolvimento na emergência da idéia, da palavra, do conceito e da ideologia. A legitimação fala por si, no corpo da dissertação e na sua conclusão que traz, inerentemente, a própria gênese.

**A idéia:** A idéia veio das técnicas procedentes dos séculos anteriores ao XIX, que visavam aperfeiçoar as melhores cepas das plantações de milho e maçãs na agricultura (desde o século XVII) como também na pecuária (a partir do século XVIII), visando cruzamentos que gerassem melhores estirpes. Essa idéia se transformou em técnica, irradiou-se e infiltrou-se nos campos técnicos da agropecuária. Isto, tendo em vista a crescente preocupação com a qualidade da alimentação, o aumento das populações urbanas na sociedade ocidental e a emergência da revolução industrial capitalista. Portanto, existia uma idéia bem sucedida para a melhoria da agricultura e da pecuária que fundamentava uma técnica, uma prática. (HOBSBAWM, 1996; RIDLEY, 2001; ROSE, 2000)

No campo da biologia e da medicina, os pressentimentos da genética com a preocupação na área da hereditariedade de traços morfológicos normais e anomalias invocaram estudos nos fenômenos da hibridação humana. Maupertuis se ocupou com o mecanismo de transmissão dos traços morfológicos no século XVIII. Afirma CANGUILHEM (1977, pág. 38):

A ideologia da transmissão hereditária do século XVIII é ávida de observações, de relatos que versassem a produção de híbridos animais ou vegetais, a aparição de monstruosidade. Esta ávida curiosidade tem diversos fins: decidir entre a pré-formação e a epigênese, entre o ovismo e o animalculismo; e, desse modo, encontrar soluções para problemas jurídicos de subordinação dos sexos, de paternidade, de pureza das linhagens, da legitimidade da aristocracia.

Portanto, podemos notar que existia uma ideologia científica voltada para um processo civilizador que se esboça antes mesmo do século XIX.

**A palavra:** Eugenia tem a raiz etimológica grega – *eugéneia*, que significa “gerar o melhor” (*eu* = bom, melhor / *genia* = gerar, geração). Exponho a seguir, um eixo mais ou menos cronológico de idéias e estudos que vem de encontro ao surgimento desta palavra.

A ideologia da hereditariedade, teve no estudo dos princípios da embriologia de Von Baer em 1838, uma explicação que a evolução do embrião se dá por sucessivas diferenciações celulares, cuja teoria era um passo a mais nos estudos de Maupertius no século anterior, e acrescentava legitimidade à teoria da evolução. Canguilhem (1977) afirma que ao evolucionismo foi uma ideologia científica que funcionou como uma auto-justificação dos interesses de um tipo de sociedade, que era a sociedade industrial em conflito – por um lado a sociedade tradicional e por outro a reivindicação social. Portanto, essa ideologia se estendeu por todos os campos do saber e a eugenia, como idéia, foi englobada neste movimento.

Darwin ao estudar a biologia vegetal e animal nas ciências da vida, propôs a tese de seleção natural em sua obra *Da Origem das Espécies* em 1859, e proporcionou as bases da evolução humana tanto individual como social para pensadores que interpretaram sua idéia.

Herbert Spencer, um filósofo influente que cunhou o termo social-darwinismo em meados do século XIX, reforçou o conceito liberal de *laissez-faire* (de competição) e fundiu-o com a teoria darwinista para a seleção natural humana, reforçando as bases da ideologia eugênica na sociedade.

Em 1883, Francis Galton, um cientista inglês, cunhou o termo eugenia. A definição desta palavra se fez no sentido de aprimorar a espécie humana através de casamentos entre pessoas que apresentavam boas qualidades físicas, mentais e intelectuais. Propôs (de forma análoga à técnica proveniente da agropecuária), através desse raciocínio, os casamentos eugênicos. Esses casamentos eram cruzamentos humanos entre as boas estirpes físicas, intelectuais e sociais. Galton tinha a tese<sup>22</sup> onde defendia que a

---

<sup>22</sup> *Hereditary Genius*, publicada em 1869.

hereditariedade dos talentos e capacidades naturais eram provenientes de cruzamentos de famílias de alta reputação ou posição (social), as quais estariam mais propensas a terem descendentes eminentes sob algum aspecto, através da hereditariedade.

Neste momento, a idéia foi transformada em fundamentos de uma prática política direcionada, visto que Karl Pearson, seguidor de Galton, sustentava a hipótese de que esta técnica deveria ser um projeto, incorporado na política de regulação estatal para o fortalecimento da nação e purificação da sociedade. (KEVLES, 1995).

Antes da descoberta das teorias das leis da hereditariedade de Gregor Mendel, não se sabia, com exatidão, quais práticas de cruzamento humano, de fato, poderiam aprimorar a linhagem humana. Mendel deixou sua teoria<sup>23</sup> que vem explicar e responder as questões que Darwin não conseguia desvendar. Foi em 1900 que a teoria de Mendel foi descoberta e assim nasceu a genética, cujo termo *gene* foi cunhado cinco anos após, por Bateson. A genética é o estudo dos genes, das unidades da hereditariedade que geram a vida, ou das partículas elementares construtoras do sistema físico do corpo humano. É uma ciência que foi, ao longo do século XX, muito voltada às pesquisas de populações, na determinação de etnias. Na década de 1940, quando nasceu a biologia molecular (fusão da física e da biologia), com aperfeiçoamento de tecnologias específicas, é que o estudo dos genes como unidades de hereditariedade que geram a vida pôde ser desenvolvido e produzir conhecimentos direcionados ao corpo físico individual.

Portanto, no século XIX, temos um certo encadeamento de conhecimentos que eram a ciência da biologia evolucionista: os estudos sobre hereditariedade, a biologia darwinista e os estudos sobre reprodução. Nesta linha, o desenvolvimento técnico humano foi iniciado a partir dos casamentos eugênicos.

**O conceito:** A partir de Galton e Spencer, pode-se definir a eugenia como um sentido, uma direção e mesmo um controle social, se analisarmos que existia

---

<sup>23</sup> Dizem os historiadores que o desenvolvimento da teoria de Mendel foi simultânea à de Darwin, mas este não teve livre acesso aos movimentos científicos da época ou mesmo oportunidade de discutir a teoria antes de sua morte. Darwin morreu sem nem mesmo tomar conhecimento da teoria mendeliana, apesar desta ter sido encontrada em seus pertences.

um movimento de utilização e recrutamento dos conhecimentos científicos no sentido de produzir determinados efeitos discursivos, políticos e práticos. Este sentido eugênico está no campo da ideologia científica. Foi sendo moldado um tipo de sociogênese eugênica que consolidou tal conceito dando-lhe significado e força ideológica. O aperfeiçoamento da espécie humana era um discurso que promovia um ideal considerado real e possível de ser conquistado através de técnicas individuais e sociais. Existiam várias frentes para a consolidação desse conceito: a ascensão da biologia frente às descobertas na linha da bacteriologia e sanitarismo no tocante à cura e prevenção das doenças na segunda metade do século XIX; a importância acentuada na higiene dos corpos, das populações e das cidades; o apogeu da hegemonia inglesa com princípios vitorianos da ordem e da moral (bons hábitos, bons costumes); os fundamentos da teoria da evolução que perpassava todas as disciplinas científicas; o reforço intelectual eugênico através das interpretações que emergiram de pensadores da época, após a publicação da obra de Darwin; a emergência do social-darwinismo influenciando inclusive a xenofobia<sup>24</sup>, o racismo<sup>25</sup> e anti-semitismo<sup>26</sup> crescente na segunda metade do século XIX; e a reversão do liberalismo político e econômico dominante na primeira metade do século XIX e que, ao sofrer uma transição em meados deste século, começou um movimento de inflexão e transformou-se em um liberalismo<sup>27</sup> civilizatório, colonialista e, eugênico.

**A ideologia:** A ideologia, nos últimos trinta anos do século XIX<sup>28</sup>, foi reforçada tanto na sociedade como na política e na ciência, e consolidaram o conceito.

---

<sup>24</sup> Fobia ou ódio por estrangeiros.

<sup>25</sup> No período áureo das migrações inter e intracontinentais – coloniais, econômicas e políticas – as teorias científicas racistas sustentaram o racismo: racismo entre brancos arianos e não-arianos, pois os arianos tinham sangue de ‘boa linhagem’, eram ‘inteligentes’ e faziam parte da gênese de uma ‘futura raça pura’ o objetivo da prática dos casamentos eugênicos; racismo entre brancos e outras cores de pele, principalmente negros; intolerância entre ricos e pobres; preconceito entre bonitos e feios; discriminação entre saudáveis e doentes.

<sup>26</sup> Doutrina ou movimento que foi oficializado na última década do século XX, contra os judeus, principalmente em relação aos comerciantes judeus

<sup>27</sup> Talvez este termo não seja o correto após esta transformação, porém, na falta de outro mais específico para este momento acadêmico, estarei qualificando-o desta maneira. Essa transformação ou essa reversão liberal está melhor explicada no capítulo III.

<sup>28</sup> Pela abrangência que esta ideologia se impôs, parece ter sido um processo rápido, porque a transformação que a sociedade capitalista dos países que impulsionavam as transformações em fins do século XIX e que viviam em plena II Revolução Industrial estava sendo tão grande e a necessidade de estruturas sólidas num momento de transição era de tal magnitude, que o

Para se abordar a gênese eugênica é necessário ter em mente que a eugenia e toda sua complexidade é um dos fios condutores que perpassam os aspectos políticos, sociais e científicos ao longo de todo o século XIX, na cultura ocidental. Não é casual que, no contexto peculiar do período 1870-1900, no mundo avançado<sup>29</sup>, tenha sido gerada uma ideologia voltada à melhoria da espécie humana, na busca de um aprimoramento da raça branca. Não é possível falar de eugenia sem tocar no solo fértil de formulações de idéias e conceitos que caracterizaram essa época. Tendo em vista que sociedade, política e ciência apresentam uma evolução singular nos diversos Estados de linha de frente da consolidação capitalista (pois depende da história particular de cada um), foi nesse período que houve um acelerado processo de concentração de poder e de centralização de riqueza num reduzido número de Estados nacionais industrializados e em vias de participar do “núcleo orgânico” (FIORI, 1999) de consolidação capitalista<sup>30</sup>. Existia a necessidade de uma organização social que visasse um processo civilizador sobre as sociedades. Esse foi um movimento amplamente apoiado pelas sociedades em geral, em prol de um ideal de progresso das nações e ordem social.

A eugenia foi um dos elementos de (tentativa para) delimitação das classes sociais decorrente da estratificação da burguesia pois existia, neste período, uma grande mobilidade inter-classes.

Na peculiaridade do século XIX, observa-se a construção de dogmas e axiomas pautados nesses temas com o movimento expansivo do progresso social rumo a um novo e abrangente padrão instituído, nos modos de sentir, de pensar e de viver da sociedade. A intenção era direcionada à modelagem de um novo homem para um mundo melhor, no sentido de se resolverem problemas graves e crônicos como o conflito social – caracterizados pela xenofobia, racismo e anti-semitismo – e a pobreza, reforçando a importância da civilidade vitoriana baseada na ordem, na higiene e na moral. Nesse sentido, a

---

ritmo da aquisição de novas idéias científicas pelos movimentos e partidos políticos se estabelecia quase imediatamente.

<sup>29</sup> Refiro-me, com o termo ‘avançado’, aos Estados nacionais que impulsionavam o movimento industrial na estruturação do capitalismo.

<sup>30</sup> Talvez a assimetria das relações entre esses Estados possa estar na gênese da ciência eugênica, pois busco compreender a emergência da eugenia, com sua expansão e originalidade peculiares dessa conjuntura.

ideologia eugênica foi central nas construções de axiomas científicos que visavam um processo civilizador pautado no controle social.

A ideologia eugênica foi extrapolando seus domínios e se transformando em ideologia científica eugênica que proporcionou a formulação de políticas eugênicas no mundo ocidental.

## **DELINEAMENTO DO ESTUDO**

A convicção de que estava na eugenia o cerne da questão deste estudo, se impôs lentamente, mas cada vez mais imperiosamente, ao longo do caminho do mesmo. Porém, como problematizar a eugenia? Segundo CASTEL (1998), “problematização é a existência de um feixe unificado de questões que emergiram num certo momento e que se reformularam através das crises, integrando dados novos, e que hoje ainda estão vivas. É exatamente pelo fato das questões ainda estarem vivas que o questionamento impõe o retorno de sua própria história no esclarecimento da história do presente”. Transpondo para esta dissertação a sugestão de Castel, o feixe que converge para a eugenia pode ser analisado através de três grandes ramos: a sociedade civil, a sociedade científica e a sociedade política do século XIX. Num retorno ao contexto peculiar do período busco, fundamentalmente, a compreensão das questões ainda vivas na contemporaneidade.

O **objetivo geral** é empreender uma análise sócio-histórica da gênese da eugenia. O poder biológico atingiu a sociedade oitocentista em larga escala no século XIX. O quanto a estruturação da sociedade capitalista no núcleo orgânico mundial foi responsável por esta biologização? A sociedade civil apoiava a eugenia. Interessa-me entender “como” foi este apoio, quais elementos e aspectos políticos e científicos geraram a ideologia eugênica nas sociedades e, por conseguinte, possibilitaram sua legitimação. Com vistas a alcançar este objetivo, procurei realizar uma análise sócio-política para a elucidação do espírito da época.

Nesse sentido, a **abordagem disciplinar** adotada nesse estudo é sócio-histórica, com ênfase na política, partindo do princípio que a **preocupação central da pesquisa** é o controle político sobre a vida e a questão do poder no processo de biologização da sociedade na perspectiva do contexto científico. A opção por este método de estudo (sócio-histórico com ênfase na política) se fez porque a gênese e legitimação da eugenia pode fornecer subsídios para a análise de uma nova eugenia na contemporaneidade. A análise é realizada do ponto de vista da ciência política, ciência que se preocupa com o poder. As macro-teorias da política-econômica, aqui abordadas, tornaram possível delinear as ideologias que estruturaram o núcleo orgânico dos Estados da frente capitalista no final do século XIX e apoiaram a política eugênica. É um trabalho historiográfico<sup>31</sup> porque se baseia na leitura que os autores escolhidos fazem do momento deste estudo. A obra de Eric Hobsbawm, principalmente a trilogia do século XIX (1789 – 1914), onde ele desvenda a estrutura do sistema capitalista ocidental, serviu de referência básica para este trabalho.

O **objeto** do trabalho são as relações de poder entre ciência e Estado no impacto sobre a vida social e individual oitocentista. É um trabalho que teve como **metodologia** a análise da conjuntura pela qual este objeto circula, visto que, como nos explica LUZ (1979, p.26):

Investigar uma conjuntura política e econômica é fundamentalmente perguntar-se pela disposição da estrutura do Poder (político, econômico, ideológico) em um momento historicamente situado de uma formação social. Disposição aqui significa distribuição entre classes e grupos sociais que compõem uma sociedade em um espaço histórico determinado.

Minha **hipótese de base** é que a eugenia, como ideologia (sociedade), tem sua gênese em condições político-sociais fundamentadas na hegemonia inglesa liberal (política) e na teoria darwinista (ciência), porém sua legitimação foi ocasionada pelo movimento de reversão do pensamento político liberal. Atingiu seu ápice em fins do século XIX, moldando um novo padrão de

---

<sup>31</sup> Um trabalho histórico é aquele que usa documentos primários, fundamentais, produzidos no contexto do estudo; procedimento que não foi incorporado neste estudo. Por esse motivo, este trabalho é qualificado como historiográfico.

pensamento civilizatório na consolidação do paradigma darwinista na *estrutura* do Estado capitalista.

Um **outro objetivo** deste estudo é analisar e definir os elementos sócio-políticos que proporcionaram a legitimação da eugenia nos fins do século XIX. Este objetivo encontra-se pautado em **outra hipótese**: a ideologia eugênica significou marcante suporte para o racismo, xenofobia e anti-semitismo, no cerne da sociedade civil, que deu as bases para a legalização e regulamentação da política eugênica.

Partindo-se do fato que a idéia da eugenia se originou da técnica aprimorada pela sociedade civil ligada à agropecuária nos séculos precedentes ao século XIX, **uma estratégia metodológica** utilizada foi a análise do contexto social, apresentando o cenário do cotidiano das pessoas que estavam vivendo toda a transição do período. Busquei caminhos para entender a forma que a sociedade política do século XIX estruturou suas bases. O período histórico delineado (1870-1900), do ponto de vista deste trabalho, desenha o projeto eugênico na peculiaridade da sociedade capitalista da época<sup>32</sup>. O projeto político eugênico do século XIX foi uma teorização de conceitos sobre categorias raciais, higiene e aperfeiçoamento da espécie humana para a sustentação da sociedade moderna. Esse período é considerado como um solo fecundo para o entendimento das transições políticas, sociais e científicas no mundo ocidental avançado que fomentaram a linguagem eugênica.

A escolha geopolítica foi uma **outra estratégia metodológica** utilizada. É abordado o mundo ocidental moderno, os Estados nacionais que faziam a frente do sistema capitalista - e que não mudou (muito) até os dias atuais - (FIORI, 1999, HOBBSAWM, 1998); aqueles que não só ditavam as diretrizes políticas e econômicas mundiais como também refletiam a cultura, moda, artes, música e tudo o que era importante para os que ensejavam fazer parte da elite mundial capitalista, ou mesmo de uma burguesia que se

---

<sup>32</sup> A partir desse período, a espiral do tempo histórico foi girada e a visão de mundo, de ser humano, de vida e de morte mudou radicalmente em intensidade semelhante àquelas transformações engendradas no século XVII, quando da Primeira Revolução Científica.

complexificava crescentemente. A partir das ordens da hegemônica Inglaterra foram determinadas as transformações na elaboração de novas políticas. Em suma, o mundo ocidental transformou-se a partir de um pequeno núcleo de Estados nacionais em ascensão econômica, política e militar sob hegemonia inglesa. À medida que o redesenho do mundo foi se fazendo no último quarto do século XIX, foram-se moldando conceitos que partiam das novas necessidades da sociedade, através da nova economia e de nova política que estavam sendo construídas. Em *timings* próprios, todos os Estados avançados foram adquirindo a linguagem da eugenia que se tornou comum, de uma forma muito profunda no sentir, no pensar e no viver daquela época.

O trabalho está dividido em **três capítulos**. O primeiro capítulo expõe o cenário social ao longo do século XIX, com o objetivo de captar o espírito da sociedade na emergência e consolidação da ideologia eugênica. O segundo capítulo pretende, numa articulação com o cenário social do século oitocentista, compreender os motivos da legitimação científica da eugenia. O terceiro capítulo analisa as transformações do contexto político, no sentido de entender as perspectivas da política eugênica que transformou-se em um dispositivo para sua cientificidade.

Creio que a gênese e legitimação da eugenia deva passar para história como importante fator de estruturação do pensamento moderno, porque ela foi um dos elementos construtores da sociedade e da medicina ocidental no século XX. A eugenia foi a semente de práticas políticas hoje condenáveis, e de justificativas científicas em favor de movimentos de limpeza étnica

A eugenia apresenta-se hoje como um dos aspectos de reflexão da ciência genômica. Sua gênese pode nos ser útil para compreender a recorrência na contemporaneidade. Para compreendermos realmente o que é este aspecto e de que forma se manifesta, é condição imprescindível conhecer suas origens. Para se pensar 'o novo', temos que pensar 'o velho' e seus processos de desenvolvimento – não há outra maneira de entendimento.

O cenário da sociedade civil oitocentista nos leva à constatação, incondicionalmente, de um lado, ao progresso gradual em todos os aspectos da vida cotidiana e, de outro, a uma sistemática hierarquização de classes e categorização social da raça humana com conflitos sociais crescentes. O objetivo deste capítulo é captar o **modo de sentir** da sociedade civil na transição de valores e costumes no século XIX que geraram uma ideologia. E em quais aspectos o espírito peculiar da época deu suporte à ideologia eugênica.

É importante ter claro que o século XIX começa com grandes esperanças e com concretas realizações provenientes da tripla revolução<sup>33</sup>. Seu movimento levou a sociedade moderna ocidental a definições políticas, econômicas, sociais e científicas dos últimos trinta anos. A transição estrutural tanto foi 'efeito' da crise precedente como foi 'causa' da formação de um novo mundo idealizado por toda a sociedade ocidental moderna. Nessa transição social, o século XIX abre suas portas com políticas liberais no princípio de resistência do retorno ao caos social antecedente. Essa resistência se amplia gradativamente e se faz necessária uma forte política social. A partir da segunda metade do século, passo a passo emergem políticas conservadoras para um controle social: Como foi sentida, pela sociedade civil, essa inflexão?

Sem necessariamente mudar de valores, o liberalismo que prevalece no século XIX tornou-se conservador, ou melhor, restaurador da ordem social. Sua posição é que mudou. Trata-se de enfrentar não mais sistemas de privilégios, mas fatores de desordem; não mais um excesso de regulações pesadas e arcaicas, mas riscos de desintegração social. (CASTEL, 1998, p.314)

A 'invenção do social' que CASTEL (1998) sinaliza, diz respeito às primeiras teorias e discursos que foram elaborados, tanto por pensadores

---

<sup>33</sup> As três revoluções: Revolução Francesa, Revolução Americana e a Revolução Industrial serão referidas, neste trabalho, como **a tripla revolução**, vistos que esses três acontecimentos ocorreram no mesmo tempo histórico (fins do século XVIII) e provocaram as transformações paradigmáticas – sociais, políticas e econômicas – ao longo de todo o século XIX, e que vivenciamos seus efeitos até os dias atuais.

como por políticos (liberais), no início do século XIX, pois sempre existiu o social como ajuda mútua entre as populações necessitadas. Antes, sob o ponto de vista de políticas sociais, existiam medidas de ordem nos reinados, como: exclusão dos estrangeiros, proibição da mendicância, recenseamentos, classificação dos necessitados, auxílios diferenciados em correspondência com as diversas categorias de beneficiários, a lei dos pobres. (CASTEL, 1998)

Quanto à burguesia, consolidada nos séculos precedentes, no século XIX entrou numa fase de fragmentação, dando origem a várias classes sociais, ao mesmo tempo em que surgiu o racismo em seu meio. O significado do termo burguesia se refere aos indivíduos que se estabeleceram nos burgos, cuja origem latina é *burgu* = fortaleza, e do alemão *burgs* = pequena cidade. Em Roma, os burgos eram as fortalezas. Na Idade Média, eram os castelos, ou casas nobres, ou mosteiros e suas cercanias rodeados por muralhas de defesa, muitos dos quais vieram a se transformar em cidades. A burguesia era, portanto, uma classe de indivíduos que se transformaram ao longo do tempo, transitando do feudalismo ao mercantilismo e se consolidaram no capitalismo, caracterizando-se por suas atividades lucrativas, sem exercer atividade braçal ou artesanal. Na modernidade, a burguesia inglesa tornou-se o 'objetivo' de grande parcela da população dos Estados nacionais em construção e em reconfiguração. Na sociedade inglesa, o objetivo 'burguês' se apresentava generalizado. Tendo em vista que era a partir da hegemônica Inglaterra que se difundiam as ordens políticas e econômicas a todo o planeta (em diferentes graus e em *timings* próprios de cada Estado), a vida burguesa era um sinônimo de progresso e de sucesso, tanto individual quanto social.

Esta categoria da sociedade, no limite deste trabalho, foi a mais importante para a ascensão da ideologia eugênica. As classes sociais sofreram processo de fragmentação para a estruturação do sistema capitalista e a humanidade foi sendo dividida segundo as raças, como nos conta HOBBSAWM (ibidem, p.54):

(...) a impossibilidade ou a recusa da maioria dos habitantes do mundo de viver à altura do exemplo dado pelas burguesias ocidentais era mais

notória que os êxitos das tentativas de imitá-lo. Talvez não se pudesse esperar senão que os habitantes conquistadores do Primeiro Mundo, ainda capazes de menosprezar os japoneses, concluíssem que amplas categorias da humanidade eram biologicamente incapazes de realizar aquilo que uma minoria de seres humanos de pele teoricamente branca – ou, mais especificamente, pessoas de cepa europeia – havia sido a única a se mostrar capaz. (...) Apelava-se à biologia para explicar a desigualdade, em particular aqueles que se sentiam destinados à superioridade.

Qual seria o solo que fecundou o cenário social, no qual a biologia frente à ideologia da construção de um novo homem e uma nova sociedade passou a ter lugar de destaque?

### **A sociedade civil pré-1870**

Desde o início do século, a constante evolução da tripla revolução exigia uma transformação dos antigos valores para uma nova visão de sociedade que emergia nas modernas cidades dos Estados da linha de frente capitalista<sup>34</sup>. Transformação essa, que era efeito conseqüente do próprio progresso<sup>35</sup>. As cidades-pólo, ou seja, aquelas expoentes da modernização industrial eram as vitrines do mundo moderno. Antes, existiam, basicamente, as duas clássicas classes sociais: a elite (nobreza) e os pobres (o povo). No século XVIII, a burguesia se consolidou como classe social privilegiada, fortalecida pelo movimento de quebra da aristocracia clássica europeia. Surgiu a classe trabalhadora urbana nas metrópoles a partir da Revolução Industrial. Os camponeses foram gradualmente perdendo seus trabalhos nos campos e migravam para as cidades, num movimento que alimentava a industrialização. Trocavam, assim, o sistema de escravidão campestre para o fatigante sistema industrial. A mudança do padrão de vida rural para um modo de vida citadino, da agricultura para a indústria, em cidades que não possuíam infra-estrutura básica para receber os trabalhadores que eram obrigados a sair das terras de

---

<sup>34</sup> A hegemônica Inglaterra, França e Alemanha (império germânico).

<sup>35</sup> *O progresso era, portanto, tão "natural" quanto o capitalismo.* (HOBSBAWM, 1977, p. 259)

origem em busca de trabalho e sustento, foram fatos que desequilibraram todas as classes sociais, em todos os aspectos da vida. (HOBSBAWM, 1977)

A explosão demográfica urbana fez emergir uma realidade de sofrimento, horror e injustiça que tornava aguda a necessidade de algo a ser feito no sentido de uma reforma radical em toda a sociedade civil. As maravilhas da indústria, com seus efeitos desejáveis à melhoria da qualidade de vida, empalideciam quando comparadas à desumanidade do que ocorria de fato. (CASTEL, 1998)

O trabalho infantil era abusivo. A morte e a mutilação em ambientes de trabalho eram cotidianos e possuíam uma normalidade. A fome e a miséria proliferavam nos campos e nas cidades. Crianças eram obrigadas a trabalhar desde muito cedo, mulheres e homens trabalhavam, lado a lado, em jornadas de trabalho extensas, sem descanso, em locais sem ventilação e sem higiene. As habitações eram apinhadas de pessoas dividindo seus aposentos com animais domésticos como porcos, galinhas, vacas, sem água para limpeza, o que proliferava, rapidamente, doenças contagiosas em geral e epidemias em particular. Além da falta de ventilação pois, em geral, as habitações tinham somente uma porta (pagava-se imposto pelo número de aberturas que possuíam). As placas de vidro para janelas eram quase inexistentes e de impossível aquisição pelas classes inferiores devido ao custo desse material. O mau cheiro se alastrava pelas cidades, com o lixo e excrementos jogados nas ruas. Não havia calçadas. A iluminação a gás nas ruas começava a despontar em algumas cidades-pólo. (WEBER, 2001)

Quanto à organização sanitária, esta praticamente não existia. Não existiam ainda vasos sanitários residenciais e os coletivos eram muito poucos (quando existiam em algumas cidades-pólo). Os lavatórios públicos começavam a ser construídos, proporcionando banhos coletivos, lavanderias e bebedouros. As dificuldades sanitárias se complexificaram pela superpopulação em cidades sem nenhuma infra-estrutura, alastrando doenças epidêmicas e mortes. Como exemplo, durante o século XIX houve uma pandemia mundial com quatro invasões sérias de cólera asiático que atingiram

toda a Europa e a América, devastando os povos. A crescente migração se expunha à importação de doenças, agravando os problemas locais já existentes. Começava a se valorizar a higiene pessoal, pensar em saneamento básico e propagar-se ações para a limpeza das cidades. (ROSEN, 1994)

Nessas condições de explícita miséria e sujeira, como consequência desse quadro, surgiu a saúde pública. Instituíram-se departamentos nacionais e municipais de saúde e de higiene numa constante luta contra as epidemias e contra a morte. Surgiram também as primeiras instituições internacionais de higiene para regulamentação dos movimentos migratórios, na intenção de controle das epidemias. Nesse sentido, a doença e a morte, em um momento de transição social de consolidação do capitalismo através da industrialização, deixou de ser um problema exclusivo das classes inferiores. Para que as pessoas das classes sociais superiores pudessem ficar livres de doenças (da pobreza, ou seja, das epidemias) e da sujeira, era necessário que as classes sociais inferiores fossem, não só tratadas, mas que se fornecessem meios para a prevenção das doenças através de água acessível às residências e deliberações políticas com a finalidade de promoção da limpeza, ordem e civilidade. Uma medicina social começou a ser instituída. O saneamento básico começou a ser construído. Instituições de socorro foram criadas para prevenir e tratar os males causados pela indigência. Os problemas coletivos tendiam à melhoras com reformas nas condições de vida e de trabalho. Os trabalhadores começaram a se organizar em associações que impulsionaram o processo de reformas. A questão social começava a ser pensada. (ROSEN, 1979, 1994; CASTEL, 1998)

Por outro lado, os progressos materiais despontavam. Começava o transporte público por bondes e ônibus puxados a cavalo e o trem que aproximava o campo da cidade. O poder industrial era simbolizado pela construção de estações ferroviárias (um dos principais símbolos da tecnologia triunfante<sup>36</sup> do século XIX). A imagem visual com pôsteres espalhados pelas cidades-pólo tornou-se, crescentemente, um outro símbolo do progresso

---

<sup>36</sup> O primeiro trem de passageiros data de 1825.

industrial; os primórdios da propaganda, como um código que incentivava as pessoas a buscarem constantemente melhor qualidade de vida pessoal e coletiva. As exposições de arte começavam a ser abertas ao público, o que, antes, era um lazer exclusivo da nobreza. A construção dos grandes parques públicos, que eram importantes meios de socialização, estimulavam o lazer das classes inferiores. Nas grandes cidades industriais, o ar pesado da fumaça e poluição caracterizavam a paisagem da cidade moderna (o 'fog' londrino, por exemplo), além do mau cheiro das indústrias têxteis, das indústrias químicas, do carvão e do combustível. (WEBER, 2000)

Um importante fato social desse século foram as fartas migrações intra e inter-continentais que alteraram a face do mundo. Foi o período áureo das migrações. (HOBBSAWM, 1977) Segundo Andreani, existem três tipos de migrações: migrações de caráter colonial, migrações de caráter econômico e migrações de caráter político. O século XIX foi tomado pelos três tipos concomitantemente, nos diversos Estados avançados.

Quanto às migrações coloniais:

Não é que estes continentes [Ásia e Oceania] não fossem conhecidos antes. Mas os fenômenos conjugados do desenvolvimento do capitalismo industrial com seus imperativos (acesso a matérias-primas de baixo preço, desenvolvimento de novos mercados de consumo, etc) e do desenvolvimento de meios técnicos facilitavam as conquistas e permitiam a manutenção da presença européia em continentes até então dificilmente acessíveis. (ANDREANI IN: PERRAULT, 2000, p.418)

O sistema de escravidão estava sendo extinto em função de novas necessidades capitalistas, e a necessidade econômica levava os europeus para as colônias. As migrações de caráter econômico transformaram as economias nacionais de todos os continentes.

A partir da segunda metade do século XIX, com a revolução industrial transformando as economias de certos países da Europa ocidental – entre

os quais, em primeiro lugar, a Inglaterra, a Alemanha e a França -, majoritariamente rurais em economias de caráter industrial, as migrações européias assumiram grandes proporções. Os camponeses ingleses estiveram entre os primeiros a suportar os custos da revolução industrial. Desde o início do século XIX a Inglaterra, envolvida num processo global de transformação econômica, reformava sua produção agrícola. A agricultura, ameaçada no mercado interno inglês pelas agriculturas européia e colonial, foi substituída pela criação de gado. Os camponeses ingleses, agora inúteis, foram expulsos de suas terras. A incapacidade das indústrias emergentes de absorver a totalidade desta mão-de-obra forçou um grande número de ingleses a expatriarem-se para a América do Norte, para a Índia, para a África e para a Oceania. (ibidem, p.421)

As migrações políticas são as migrações de grande escala de populações, das quais algumas desapareceram quase totalmente dos locais onde viviam tradicionalmente.

Entre as mais importantes, se é que é possível hierarquizá-las, convém falar das migrações dos judeus da Europa oriental devido aos pogrons e perseguições ao longo do século XIX. (ibidem, p.424).

Com a entrada destes três tipos de migração nos Estados nacionais industrializados, e em vias de industrialização, os quais viviam em plena transição social, política e econômica, o resultado principal foi uma onda crescente de conflitos sociais entre os autóctones e os imigrantes, ao mesmo tempo que o mecanismo produtivo capitalista aumentava seu ritmo.

Quanto à grande massa da população camponesa, esta permanecia à margem das decisões políticas e econômicas. Muitos trabalhadores da indústria, ainda viviam nas aldeias, participando das colheitas familiares visto que a fome e a morte rondavam incessantemente. Essas pessoas ainda não faziam parte do mercado vigente no sistema de economia nacional. A vida ainda era primitiva e o trabalho escravo. Essa massa não sabia nem sua nacionalidade, nem o significado de Estado ou nação. Tudo começaria a ser transformado após 1870. (HOBSEBAWM, 1977)

## ***La belle époque***

Na segunda metade do século XIX, o progresso capitalista tinha um ritmo desenfreado e promissor o qual, crescentemente, gerava a sensação de sucesso de um povo e de uma época. Após 1870, as metrópoles industrializadas se despontavam como a marca do novo mundo, e seus habitantes como um símbolo do novo homem moderno. *La belle époque*<sup>37</sup> se caracterizou por um otimismo em todos os aspectos da sociedade civil.

De meados dos anos 1890 (...) a orquestra econômica mundial tocou um tom maior da prosperidade, ao invés de, como até então, no tom menor da depressão. A afluência, baseada no *boom* econômico, constituía o pano de fundo do que ainda é conhecido no continente europeu como a “bela época” (*belle époque*). (HOBSEBAWM, 1988, p.73)

A sociedade civil se orientava na crença generalizada de que as economias nacionais estavam se estruturando, efetivamente, para uma ‘natural’ transferência de recursos financeiros para as classes inferiores, com maiores salários e maiores oportunidades de vida (pensamento liberal) ou para uma homogeneização das classes sociais (pensamento socialista). O trabalho estava mais regular nas metrópoles. As condições de trabalho e de habitações estavam em movimentos de transformação e tendiam a melhorias com serviços médicos públicos. Em alguns Estados estavam sendo instituídos recursos como aposentadoria, escolas, subsídios para habitação e para a terra, além de auxílio para o desemprego. A idéia que fundamentava as reformas era a de organizar a economia necessária para a industrialização a fim de resolver o problema social, ou seja, organizar a produção e distribuição de capital para se extinguir a pobreza. A impressão geral era de que isso seria possível a partir tanto nos regimes liberais quanto socialistas (salvaguardadas suas diferenças fundamentais). (HOBSEBAWM, 1996)

---

<sup>37</sup> A *belle époque* foi assim denominada a partir da década de 1890 até 1914 (quando explodiu a I Guerra Mundial), porém, desde 1870 um otimismo crescente (apesar da depressão econômica) na ordem e no progresso no seio das sociedades, foi sua gênese.

A classe superior e a classe média passava por grande expansão e diversificação. Novas profissões surgiram: professores, banqueiros, gerentes de indústrias, funcionários públicos, servidores públicos, caixeiros-viajantes, lojistas, mecânicos. As pessoas estavam se alfabetizando com os filhos indo para a escola, e todos eram muito importantes para a economia e para a política. As estradas de ferro, que desde a primeira metade do século XIX estavam sendo ininterruptamente construídas, serpenteavam pelos países promovendo a aproximação entre os povos, a miscigenação cultural e um sentimento de 'pertencimento' a um mundo que precisava de novos trabalhadores para novas atividades. Os confortos domésticos chegavam à classe média, junto com a proximidade das culturas e a emancipação feminina. Desponta também, nessa época, a valorização da juventude. Para este grupo, vários papéis sociais começaram a ser importantes meios de socialização das classes e, como principal deles, o esporte. O esporte da elite burguesa continuou para poucos e muito ricos, mas os esportes de massas (que antes não existiam) uniam todas as classes num só entretenimento e foram formalmente instituídos em 1896 com os Jogos Olímpicos. (WEBER, 2000)

A navegação era aperfeiçoada e proporcionava os transportes migratórios inter-continentais mais rápidos e mais seguros. Grande quantidade de famílias eram deslocadas de sua terra natal. A comunicação se expandia com o telégrafo. As informações estavam em jornais, panfletos e livros acessíveis a todas as classes sociais, o que antes era exclusividade da nobreza. A fotografia começava a encantar. A publicidade surgia decorrente do surgimento de novos produtos que facilitavam o cotidiano dos indivíduos já urbanizados e fomentavam o desejo daqueles que não podiam 'ainda' ter o desejo de consumo realizado, o que se apresentava como objetivo definido das classes populares, numa transição para o degrau superior da hierarquia social, a fim de ter acesso às melhorias de vida. Antes deste período, os pobres jamais tiveram sequer oportunidades aos pequenos 'luxos' da burguesia. A partir de então, com a estratificação social, passou a existir a esperança e reais oportunidades de acesso às melhorias na qualidade de vida individual e social. (WEBER, 2000)

As instituições de educação, principalmente primária, estruturavam-se gradualmente. Não era mais uma regalia dos nobres. A escola passou a ser a escada para a ascensão social. A partir de 1870 a Europa ocidental estava dividida em Estados-nação. Esta categoria de Estado se caracterizava pela sujeição de todos os cidadãos à obediência da mesma lei e partilhando da mesma soberania nacional, a qual dava autoridade ao Estado. Isto significava que os cidadãos poderiam partilhar da confecção das leis e participar das eleições. Portanto, era imprescindível para cada nação um idioma comum como forma de aglutinar todos os cidadãos do mesmo Estado, tornando possível uma integração social nacional, econômica, cultural e intelectual. Esse foi o fato que afetou profundamente a vida social e individual de cada Estado em particular. Se o Estado quisesse que seus cidadãos obedecessem às leis, pagassem seus impostos e servissem ao exército de livre e espontânea vontade era necessário um mecanismo de convencimento para que todos falassem o mesmo idioma e assim, pudessem compreender-se e comprometer-se com seus Estados-nação. (WEBER, 2000)

A partir de 1870, a educação tornou-se, gradualmente, compulsória, pública, universal e gratuita nos Estados avançados. Era necessário ampliar os horizontes dos camponeses para que soubessem que a terra em que eles viviam fazia parte de uma aldeia, que fazia parte de uma realidade maior que se chamava nação, com direitos e deveres subjacentes à soberania nacional<sup>38</sup>. Era necessário firmar a identidade nacional. As pessoas eram aproveitadas e necessárias para os novos trabalhos públicos como ferrovias, correios, polícia, escolas. Os jovens que se destacavam na escola ganhavam o acesso a uma educação mais avançada e assim ascendiam na hierarquia social. (HOBSBAWM, 1996)

Com a permanente expansão da kilometragem ferroviária e abertura das estradas secundárias, mais mercadorias chegavam às aldeias. Assim, o camponês era trazido à economia de mercado. Era necessário que ele registrasse suas contas, preenchesse formulários e assinasse papéis. A

---

<sup>38</sup> Por volta de 1900, todos os jovens adultos, dentro de cada um desses Estados, haviam adquirido uma identidade comum. Ingleses eram ingleses. Franceses eram franceses.

economia de subsistência transformou-se em economia de mercado; o comércio deveria ser feito com as medidas nacionais pré-determinadas e com a moeda do país. Antes desse período, os camponeses nem utilizavam dinheiro, os pagamentos eram à base de troca. (HOBBSAWM, 1977)

A escola passou a ser não só importante para a vida campesina como necessária para que os filhos, além de cuidar das ovelhas, ajudassem na contabilidade, na pesagem, na leitura e escrita de cartas, documentos, testamentos e contratos. O diploma escolar passou a ser um passaporte para um futuro melhor. As escolas, por sua vez, estabeleciam padrões e valores próprios de cada Estado-nação. Exigia-se uma obediência às leis e aos impostos, servir o exército e fornecer filhos para a nação. A economia em expansão acolhia e atraía cada vez mais pessoas, e os camponeses mandavam seus filhos para a cidade a fim de fugirem da miséria iminente dos campos. Ao mesmo tempo, o campo se integrava às cidades, os camponeses começavam a ler jornais e a participar da vida nacional. Começavam a pertencer a uma sociedade mais ampla. Os costumes, as vestimentas e os hábitos citadinos eram recebidos como sinônimos de progresso. (WEBER, 2000)

As organizações de apoio ao trabalhador e o sindicalismo já eram fortes desde meados do século. Quanto mais produção industrial, mais se conseguia vender. Era uma retro-alimentação positiva na economia de mercado. Os trabalhadores eram necessários tanto para mão-de-obra quanto como consumidores. As estradas, o acesso à água nas residências, as escolas, os créditos e empregos foram o resultado de maior produtividade das economias nacionais, com conseqüentes preços mais baixos e produtos mais acessíveis. Existia um acúmulo de mão-de-obra, mas também um acúmulo crescente de consumidores potenciais e reais que ganhavam para adquirir roupas, equipamentos, pequenos luxos. Quanto mais se vendia, mais se podia pagar salários, menos horas eram trabalhadas e a produção aumentava exponencialmente. Os trabalhadores passavam a ter direitos como cultura e lazer, eles se responsabilizavam na construção de sociedades melhores e mais adequadas à civilidade, ao progresso e à ordem. Começaram a existir

excursões baratas, oferta de hotéis e pensões à beira das estradas. Em torno dos esportes, muito mercado de consumo apareceu, tais como compra e venda de camisetas, acessórios, chuteiras, tônicos, cerveja e aumentaram os trabalhos nos correios, jornais, telégrafos para organizar agendas nacionais ou regionais e informar resultados. O papel da imprensa passou a ser de importante articulador de notícias e novidades entre as várias classes sociais. Trens e bondes tornaram-se o transporte para o trabalho e para o lazer da população das metrópoles, o que antes era reservado somente à classe social privilegiada. (WEBER, 2000) Vivia-se o progresso industrial e social em todas as frentes.

Porém, a classe rica estava cada vez mais confusa com a invasão das classes populares. Havia novos ricos e políticos profissionais por toda parte. A invasão étnica era assustadora, mas o era para todas as classes sociais. (HOBSBAWM, 1996) O anti-semitismo se expandia e era uma alternativa para expulsar os judeus. A xenofobia se traduzia como uma forma de purificar a comunidade numa repulsa social aos movimentos migratórios. As camadas inferiores da população estavam sendo encorajadas e liberadas para usufruir dos benefícios de uma sociedade industrial tecnologicamente avançada como jamais acontecera antes. Era necessário, portanto, o estabelecimento de regras sobre quem iria usufruir desses benefícios. Os estrangeiros e os judeus não eram considerados beneficiários.

A história social, política e econômica aglutinava-se nos esportes, nos transportes, nos meios de comunicação, na emancipação das massas, na melhoria das condições de vida e de trabalho, na preocupação com a saúde pública e na integração nacional. Mas existia uma condição para a manutenção da paz e da tranquilidade, a de que esses benefícios chegassem até os cidadãos autóctones. Estrangeiros e judeus eram símbolos de conflitos e confusões, fundamentalmente, no que se referia às rendas individuais em expansão e da ruptura dos costumes tradicionais reforçados pela necessidade de ordem e moral.

Os judeus não eram só identificados com o capitalismo, e sobretudo com a parte deste que se chocava com os pequenos artesãos e lojistas – banqueiros, negociantes fundadores de novas redes de distribuição e lojas de departamentos -, mas também e com frequência com socialistas ateus e, de modo geral, com intelectuais que solapavam antigas e ameaçadoras verdades da moralidade e da família patriarcal. (ibidem, p. 132)

Embora tenha havido paz nos últimos 30 anos do século, continuavam latentes as contradições e revoluções. Nas palavras de HOBBSAWM (1988, p.419) quando fala do sentimento de paz que fundamentou a época de otimismo:

Não era assim [sentimento belicoso] antes de 1914: a paz era o quadro normal e esperado das vidas européias. Desde 1815 não houvera nenhuma guerra envolvendo potências européias. Desde 1871, nenhuma nação européia ordenara a seus homens em armas que atirassem nos de qualquer outra nação similar. As grandes potências escolhiam suas vítimas no mundo fraco e não-europeu.

As contradições que o autor acima afirma podem ser encontradas quando olhamos para a fragmentação das classes sociais neste período de conflitos.

Para uma burguesia cujos alicerces morais tradicionais ruíram sob o peso de sua própria acumulação de riqueza e conforto foi uma era de profunda crise de identidade e de transformação. Sua existência [da burguesia] como classe dirigente foi solapada pela transformação de seu próprio sistema econômico. (...) é o avanço da sociedade e do mundo burgueses rumo ao que foi chamado de sua 'morte estranha' ao atingir seu apogeu, vítima justamente das contradições inerentes a seu avanço. (ibidem, p.25)

Como a sociedade estava sendo seccionada em vários estratos sociais do ponto de vista financeiro e econômico, isso causava uma constante mobilidade social. No momento dos (permanentes) progressos materiais, a burguesia que foi incontestavelmente triunfante até 1870 como uma classe

média bem-sucedida e segura da própria civilização, a partir de então começava a declinar, o que trazia uma sensação de incerteza sobre quem era quem, ou seja, neste momento de transição social, não havia clara definição dos limites inter-classes sendo de difícil definição as características particulares. Essa incerteza aguçava os ânimos intra e inter-classes, gerando conflitos. (HOBSBAWM, 1988)

Segundo CASTEL (1998), apesar das reformas que gradualmente foram se efetivando, a permanência da penúria sob sistemas de coerção entre aquele que compra e aquele que vende força de trabalho pode ser justificada como uma seqüência diversificada, porém única, num período de cinco séculos. Apesar das transformações que as melhorias materiais em todas as áreas provocaram, neste século as continuidades prevaleceram sobre as diferenças, mantendo a população carente dominada pela organização político-econômica. Quando nos deparamos com o pauperismo e a degenerescência ocasionados pela degradação dos modos de vida dos indivíduos e de suas famílias que se encontravam impossibilitados de se sustentar e de ter uma vida digna com o trabalho, observam-se as continuidades da miséria.

Os conflitos e confrontos cotidianos acendiam a chama da intolerância pelos estrangeiros. Geralmente os estrangeiros vinham de classes sociais inferiores, e estavam em países alheios para o trabalho industrial, mola propulsora do capitalismo. Onde os trabalhadores imigrantes (e suas famílias) se inseriam, era numa grande faixa da população, dividida pelos muito pobres que não tinham o sustento mínimo para a sobrevivência, pelos pobres que trabalhavam mas ganhavam só para o sustento imediato, e pelos menos pobres que trabalhavam em ofícios necessários ao sistema econômico capitalista e aspiravam ascender à classe média baixa. As classes média e alta também se subdividiam neste período. Mesmo a faixa dos muito ricos sofreu profunda mutação, pois a fortuna se fazia com relativa facilidade, dependendo do ramo em que se trabalhava<sup>39</sup>. A riqueza não era mais privilégio do sangue

---

<sup>39</sup> Como por exemplo, a corrida do ouro, a descobertas das pedras preciosas como o diamante.

azul da nobreza, era não só desejada como possível a qualquer pessoa, de qualquer classe social.

Assim, a xenofobia, o racismo e o anti-semitismo eram crescentemente validados pela sociedade civil nos Estados avançados.

A metade do século precedente a 1914 foi a era clássica da xenofobia e, portanto, da reação nacionalista a ela, portanto – mesmo deixando de lado o colonialismo global – foi uma era de mobilidade maciça e de migração e, especialmente durante as décadas da Depressão, de tensão social, declarada ou oculta. (...) A xenofobia não veio apenas de baixo. Suas manifestações mais inesperadas, que refletiam a crise do liberalismo burguês, provinham das classes médias estabelecidas (ibidem, p.217)

A educação formal primária era a principal modeladora dos anseios modernos nacionais. O patriotismo significava o apoio à governabilidade política no novo desenho dos Estados nacionais ocidentais. Porém, havia uma crise intelectual européia.

Há outra forma de enfrentar a crise intelectual que deve ser mencionada aqui. Pois uma forma de pensar o então impensável era rejeitar ao mesmo tempo a razão e a ciência. É difícil medir a força desta reação contra o intelecto nos últimos anos do velho século, ou mesmo, retrospectivamente, apreciar essa força. (ibidem, p.365)

No contexto peculiar do século XIX, não se conseguia evitar as crises sociais, eram fatos que precisavam ser lidados cotidianamente. A classe média aumentou quantitativa e qualitativamente na sociedade industrial desse período. O progresso econômico do mecanismo capitalista mantinha um ritmo crescente. O progresso político, referente à democracia, não era confiável aos regimes de governo, de maneira geral, mas era irreversível pois garantia os direitos dos cidadãos. O socialismo ameaçava o progresso do capitalismo, mas era a esperança da classe operária, que configurava a maior parcela das sociedades. A intelectualidade oitocentista sentia pressão em todos os aspectos.

O progresso científico e tecnológico avançava incessantemente. O progresso intelectual era não só bem aceito como necessário para firmar as bases do progresso material e do sucesso capitalista. Um Estado nacional que despontava crescentemente no progresso intelectual era a Alemanha, altamente considerada em ciência e erudição, em tecnologia e desenvolvimento econômico, em civilidade, cultura e artes. Era uma nação poderosa, a de maior êxito em todo o século XIX, se tomada em seu conjunto. O nacionalismo e o imperialismo eram potenciais em sua construção. A comunidade científica mundial estava se estabelecendo crescentemente com o progresso em todos os campos da ciência. (HOBSBAWM, 1988)

Com a apresentação desse cenário, é possível afirmar que era forte a sensação de que viriam, da ciência, as respostas para os problemas sociais. Existia uma fé na ciência que permeava toda a sociedade civil. A esperança da felicidade individual e social seria realizada através de suas descobertas, que simbolizavam o sucesso da modernidade. A sociedade em geral, tanto de Estados que tendiam ao socialismo quanto os que tendiam ao liberalismo, era favorável ao progresso da ciência, que tinha suas bases estabelecidas na razão e no positivismo, com características determinísticas. As certezas racionais da evolução da ciência não estavam em questão, apesar da religião ainda ter pontos de conflito com o novo modo de ver o mundo. Os avanços da ciência em todas as áreas eram visíveis e a sociedade compartilhava dos progressos materiais, cada vez mais arraigadas no seio da sociedade; como senso comum de todas as classes sociais, a importância da ideologia moderna, do progresso e da ordem. A ciência e a tecnologia eram substratos do avanço social na construção do novo mundo e do novo homem. Era o conhecimento legitimado que agia como interventor político e econômico sobre a sociedade em transição.

## **A Sociedade Eugênica**

Almejando atender o objetivo deste primeiro capítulo, quanto ao desvendamento dos **modos de sentir** da sociedade civil oitocentista ocidental,

que deu bases concretas para a ideologia eugênica emergir, podem ser observados duas fortes peculiaridades características do cenário apresentado que podem ser analisados como dois grandes movimentos distintos entre si, porém simultâneos e que formam uma só unidade no sentido do direcionamento para a ideologia eugênica.

Uma das peculiaridades percebidas e importantes serem analisadas nesse trabalho era o **otimismo**. A sociedade se dirigia a uma busca constante da felicidade individual e social. Existiam vários motivos para um verdadeiro otimismo em todas as frentes: na industrialização, gerando trabalhos e novos valores de consumo; na engenharia urbana, ferroviária e naval, símbolos do progresso; na educação primária, onde se aprendiam novos conceitos de nação, enfatizando o patriotismo como o sentimento nacional mais importante para a cidadania no serviço a um Estado nacional; no exército onde se instilava o amor à pátria; nas reformas sanitárias com ações de resistência às epidemias e uma vida social mais limpa, organizada e moralizada; na medicina com a descoberta da bacteriologia e soluções para doenças; no acesso às informações; nos avanços das comunicações.

A outra peculiaridade desse período era a **intolerância**. Essa característica social, apesar de ser permanente na história da humanidade tanto quanto as ações que decorrem dele: extermínios, leis de estrangeiros, expulsões<sup>40</sup>, (CASTEL, 1998) no final do século oitocentista, observa-se uma ramificação de três fortes impulsos que se apresentam como novidade, não pelo seu conteúdo, mas por suas emergências simultâneas: a xenofobia, o racismo e o anti-semitismo.

Estes dois movimentos da época podem ser traduzidos como modos de sentir da sociedade civil porque, apesar de terem graus diferentes de intensidade, abrangeram uma certa coletividade, principalmente as urbanas. O otimismo e a intolerância não eram antagônicos, complementavam-se, e seus

---

<sup>40</sup> Vem da defesa das sociedades gregas, romanas e medievais contra os mercadores estrangeiros.

efeitos eram intrínsecos da própria sociedade. Como se, para se manter o otimismo social fosse necessário excluir – ou eliminar – os grupos que não fizessem parte, ou atrapalhassem o sucesso individual, social e nacional.

A novidade da intolerância aos estrangeiros no século XIX é que os Estados da frente industrial (e comercial) necessitavam dos imigrantes para obter, com o ritmo do sistema capitalista, um progresso permanente. As migrações, tão necessárias para o mecanismo capitalista, eram um grande problema social pois avolumavam as classes inferiores, tanto em número de habitações como na disputa por postos no sistema trabalhista. Os imigrantes, geralmente pobres em seus países de origem, chegavam a um novo mundo com a meta de trabalho e ascensão social. Quando chegavam ao destino muitos eram inseridos na máquina produtiva, outros abriam comércios varejistas que canalizavam as mercadorias da indústria para o consumidor, porém, eram apartados da vida social por serem estrangeiros, por serem taxados ou discriminados por ocuparem o lugar da população autóctone. A sociedade civil em transição buscava, não somente sustentar e manter um ritmo de progresso em direção da ordem e da civilidade, mas também um assentamento qualitativo nas condições de vida em todos os aspectos. A intolerância das classes superiores na hierarquia social aumentava em relação às massas de imigrantes pobres que simbolizavam um retorno à sujeira e à feiúra das cidades.

A afluência de mão-de-obra barata conformou uma sistematização do preconceito de raças entre as populações, pois essa afluência colocava em perigo os progressos já conquistados e ameaçava a sociedade que se reconhecia como civilizada, numa forçada miscigenação cultural que poderia levar (como um retorno) ao caos social pela desintegração dos costumes e modos de vida tradicionais. No entanto, havia a necessidade premente de desenvolvimento econômico das áreas urbanas, nas quais estavam localizadas as indústrias. Os imigrantes se aglutinavam para tentar, em conjunto, reduzir as dificuldades na nova terra em que viviam e esses núcleos eram uma incubadora de movimentos nacionalistas das minorias étnicas. Os comerciantes, artesãos e lavradores se sentiam ameaçados não só pelas

indústrias, mas também por esses imigrantes que vinham de longe e que, principalmente pelo fato do baixo custo da mão-de-obra (para os empresários e para as indústrias estatais), ameaçavam crescentemente seus trabalhos e as possibilidades de ascensão econômica. A xenofobia se tornava crescente conforme melhorava a qualidade de vida da classe média e burguesa. Na outra ponta da intolerância, podemos notar que o pauperismo não foi extinto, como propagavam as teorias político-econômicas liberais e socialistas de maneira geral, nem conseguiu ser diferente. Como diz CASTEL (1998), o pauperismo era permanente.

A abolição da escravidão no século XIX foi um feito que resolveu o problema político e econômico internacional, mas agravou o problema social nacional de maneira geral. Os negros carregavam permanentemente o estigma da pobreza, do pauperismo, além do estigma de portadores da sujeira, do caos e das doenças. A servidão lhes era exigida, bem como a distância social. A cor da pele era o suficiente para a exclusão social. A partir do século XV, na era das grandes navegações e conquistas coloniais, o negro foi taxado e profundamente estigmatizado de escravo. No racismo tradicional o negro era tratado e visto como animal, de maneira geral (do mesmo modo como o índio era encarado como um animal silvestre), não eram reconhecidos nem mesmo como humanos. Após a abolição da escravidão, com a inserção dos negros nas sociedades em busca de trabalhos domésticos e rurais, foi que o racismo, a aversão ao negro (social), surgiu. A burguesia precisava fazer algo para não só apartar os negros da vida social, como também mantê-los dentro de uma nova categoria de seres humanos. Em fins do século XIX havia uma confusão na compreensão quanto a considerar o negro-ser humano, o negro-escravo e o negro-animal. Naquela época, como lidar com essa situação, era um aprendizado necessário. Essa novidade perpassava toda a hierarquia social.

Neste contexto, o movimento de xenofobia fortalecia o racismo como um modo de sentir que julgava a exclusão do diferente como uma defesa da sociedade moderna. Entre os pertencentes às classes sociais inferiores, da mesma forma como existia a luta para o mercado de trabalho e pela sobrevivência, existia também confusão na aceitação da nova categoria

humana. A fragmentação da burguesia, gerou incertezas constantes quanto à definição das classes, pois era impossível se traçar um limite determinado, o que era ainda mais dificultado quando o estrangeiro ou o negro estavam próximos. Já a pobreza, aquela que vivia nas beiradas da sociedade, como sempre, sofriam das discriminações tradicionais.

Quanto ao anti-semitismo, também conhecido movimento na história do mundo, ao longo do século XIX como resultado da expulsão dos judeus pela Europa oriental, foram gradualmente se instalando na Europa central (em pleno crescimento econômico). Não foi o número de judeus que foi levado em conta na ascensão do anti-semitismo neste período, mas sim a atividade que eles exerciam, tirando o trabalho autóctone de comerciantes, banqueiros e empresários, o que desorganizava o sistema trabalhista e a vida social. A parcela de judeus imigrantes era muito pequena se comparada com a totalidade das populações dos Estados nacionais onde se instalaram. O movimento nacionalista judeu foi nomeado de sionismo e surgiu na década de 1890, especialmente na Alemanha, na Áustria e na França como uma reação judaica, pois os membros desta etnia eram taxados de agitadores revolucionários e financistas, o que crescentemente os expulsava das terras que se encontravam ou aumentava o grau de dificuldade da inserção social. A repulsa a este grupo era principalmente a reação às suas atividades produtivas. A posição deles na sociedade era ambígua. Trabalhavam no sistema capitalista, colaborando no aquecimento das economias nacionais, mas eram odiados pela sociedade.

Os judeus estavam presentes em quase todo lugar e podiam simbolizar com facilidade tudo o que havia de mais odioso num mundo injusto, inclusive seu compromisso com as idéias do Iluminismo e da Revolução Francesa que os tinham emancipado e, ao fazê-lo, os haviam tornado mais visíveis. Eles [os judeus] podiam servir de símbolos do odiado capitalista/financista; do agitador revolucionário; da corrosiva influência dos 'intelectuais sem raízes" e dos novos meios de comunicação; da competição – como poderia ela ser outra coisa que não "injusta"? - que lhes dava uma fatia desproporcional dos empregos em certas profissões

que exigiam educação; e do estrangeiro e forasteiro como tal. Para não falar da visão aceita entre cristãos antiquados de que eles tinham matado Jesus. (HOBBSAWM, 1995, p.123)

Em suma, grande parte (ou mesmo, a maioria) da sociedade civil ocidental oitocentista era xenofóbica, racista e anti-semita.

(...) o fim do século XIX introduziu a xenofobia de massa, da qual o racismo – a proteção da cepa local pura contra a contaminação, e até mesmo a submersão, pelas hordas invasoras subumanas – tornou-se a expressão comum. (...) O cimento comum desses movimentos era o ressentimento de homens comuns contra uma sociedade que os esmagava entre a grande empresa, de um lado, e os crescentes movimentos trabalhistas, do outro. Ou, na melhor das hipóteses, os privava da posição respeitável que tinham ocupado na ordem social, e que julgavam lhes ser devida, ou do status social numa sociedade dinâmica a que achavam que tinham direito a aspirar. Esses sentimentos encontraram sua expressão característica no anti-semitismo, que começou a desenvolver movimentos políticos específicos baseados na hostilidade aos judeus no último quartel do século XIX em vários países. (ibidem, p.122) <sup>41</sup>

A partir dessa análise historiográfica é possível perceber que o modo de sentir da sociedade civil, com os movimentos simultâneos de otimismo e de intolerância, foi um impulso para a abertura das portas para a entrada da ideologia eugênica. Como conceito baseado no aperfeiçoamento e aprimoramento da sociedade, socializado através dos casamentos eugênicos, somado às diretrizes higienistas vitorianas (ordem e moral) sob a ordem política e econômica da hegemônica Inglaterra no contexto de uma sociedade em transição, estratificação social e intolerâncias internas, tornou-se uma ideologia social. O solo apresentava-se fecundo para o rápido sucesso do projeto eugênico em todos os Estados nacionais da frente capitalista.

---

<sup>41</sup> Grifos da autora

Temas ligados à eugenia surgiram na música ideológica dos liberais, dos reformadores sociais, dos socialistas fabianos e alguns setores da esquerda, nos países em que o movimento ficou na moda. (idem, 1988, p.352)

O período 1870-1900 apresentava duas linguagens sobre as sociedades: a linguagem da *economia* liberal, internacionalizada (ou, numa palavra da atualidade, globalizada) que em seu movimento expansivo pré-1850 abriu as economias dos Estados nacionais que interagiam economicamente com os do núcleo orgânico central e a linguagem da reversão liberal na *política* que partiu para o movimento colonialista, intervencionista e de imposição inglesa imperial sobre os dependentes. Essas duas linguagens conviviam no mesmo tempo e no mesmo espaço. A economia liberalizada mantinha o otimismo que produziu a *belle époque* (1890-1914) e simultaneamente a política imperial se impulsionava a resolver os conflitos sociais colonizando grande parte da população humana, intervindo sobre as populações. Essa intervenção crescentemente se caracterizava como totalitária, pois era imperialista. Sob a ideologia eugênica e com movimentos da ciência os quais se fortaleciam as teorias raciais, a sociedade, de maneira geral, e dentro de um movimento que pode ser considerado natural, tornou-se eugênica.

O movimento intelectual tanto de ciências sociais, de ciências naturais, como dos que compunham a sociedade política na elaboração de legislações e intervenções de ordem social, apresentava-se impregnado pela ideologia eugênica.

Os eugenistas extremistas acreditavam que as condições do homem e da sociedade poderiam ser melhoradas *apenas* através da melhoria genética da espécie humana – por meio da concentração e do incentivo às estirpes humanas de valor (em geral identificadas à burguesia ou a raças adequadas coloridas como a “nórdica”, e da eliminação das indesejáveis (em geral identificadas aos pobres, colonizados ou estrangeiros impopulares). Os eugenistas menos extremistas deixavam alguma margem às reformas sociais, à educação e às mudanças ambientais em geral. (ibidem, p.352)

Nos Estados Unidos, a eugenia foi crescente, como na Europa, e ao final do século a ideologia impregnava toda a sociedade.

Do início do século até a Grande Depressão, a eugenia foi acolhida por boa parte da elite intelectual norte-americana como uma panacéia para todas as iniquidades econômicas e problemas sociais que ameaçavam a estrutura da vida nos Estados Unidos. Isso ocorreu em uma época na qual os reformadores mostravam-se cada vez mais desanimados com sua inabilidade em lidar efetivamente com crescentes problemas de pobreza, crime e inquietação social. O movimento da eugenia expandiu-se entre 1890 e o início do novo século, como consequência da primeira grande leva de imigração, que trouxe consigo a rápida proliferação de favelas urbanas e pressões de militantes para organização de sindicatos. (...) Muitos norte-americanos passaram a acreditar que os laços de sangue e a hereditariedade eram muito mais importantes que os determinantes econômicos, sociais e culturais, na configuração do comportamento individual e na determinação do caráter dos vários grupos étnicos e raciais. (RIFKIN, 1999, p.124)

Como conclusão deste capítulo, o modo de sentir da sociedade civil ocidental apresentava um forte **otimismo** na formação de um novo homem moderno participante de um novo mundo onde se poderia alcançar a **felicidade** individual, dos povos, das sociedades e das nações, com **fé** na ciência moderna. E a sociedade civil dos Estados nacionais que compunham o núcleo orgânico capitalista mundial apresentava-se eugênica nos últimos trinta anos do século XIX porque tinha o impulso imperial de controle não só de suas populações internas, mas também (talvez principalmente) o controle de civilizações, o qual pode ser traduzido por **intolerância** da própria sociedade civil ao fomentar os movimentos xenofóbicos, racistas e anti-semitas, na construção de um novo homem para o Estado moderno inserido num novo mundo.

Como compreender os **modos de pensar** da sociedade científica nos últimos trinta anos do século XIX, ponderando que: a sociedade civil apresentava-se, gradualmente, movida pela ideologia eugênica, a ordem mundial liberal inglesa comandava o ritmo da economia global e a sociedade política elaborava programas para atender aos anseios e aos receios dos cidadãos e da nação num claro movimento intervencionista colonialista. Grande parte da sociedade científica, no século XIX, era de origem inglesa. O objetivo deste capítulo é compreender o espírito dos cientistas oitocentistas na formação de teorias raciais que, ao assimilarem a ideologia dominante, forneceram suporte para a cientificidade da eugenia. Fatos que estavam inseridos em um grande cenário de transformações políticas mundiais estruturais.

### **A sociedade científica pré-1870.**

A ciência moderna nasceu com a I Revolução Científica no século XVI a partir de um *pool* de conhecimentos seculares ligados, basicamente, à astronomia. Passou a ser possível comprovar, através da física e da geometria, que o mundo era um dos vários planetas que giravam em torno do sol. O mundo era bem maior e bem diferente do que se imaginava. A ciência começou a ser valorizada como libertadora de conhecimentos e atitudes tradicionalmente impostas pela Igreja e pelos reis. A Igreja começava a ser questionada sobre seus conhecimentos esotéricos. Seu poder começava a ser pulverizado, pois lhe era arrancada a legitimidade absoluta da posse dos conhecimentos. Surgiu uma ruptura dos tradicionalismos intelectuais clericais através dos novos conhecimentos, crescentemente oficializados pelos reis. (HOBSBAWM, 1977; WEBER, 2000))

Como certos modelos de conhecimentos são preteridos em função de outros, como certas práticas e instituições do saber (...) tornam-se dominantes, como, em resumo, a verdade, em termos de ciência, não pode ser desligada do contexto histórico em que é produzida. Ao contrário, exprime este contexto histórico e contribui para constituí-lo, conservá-lo,

modificá-lo, instituí-lo. (...) é necessário talvez reconhecer que a estrutura básica de produção do conhecimento que compõe o método científico, comum atualmente às diversas disciplinas – da área social ou “natural” - e cujo produto denominamos ciência, é parte histórica da constituição da ordem social das sociedades que nasceram com o capitalismo. (LUZ, 1982, p.15)

A ciência e o Estado capitalista foram gerados no século XVI em uma grande transição, faziam o movimento de um mundo que buscava a ordem isenta do poder clerical e que precisava criar uma soberania sob novas bases. Os cientistas começaram a ser importantes elementos de apoio político. A sociedade científica iniciava sua inserção na sociedade política, com poder crescente sobre as regulações sociais, baseado nas teorias científicas.

Da forma como aconteceu com as demais forças, as exigências diretas feitas aos cientistas pelo governo ou a indústria estavam entre as menos importantes. (...) Aquela foi, talvez, a primeira ocasião na história [Revolução Francesa] em que o cientista enquanto tal, fez parte do governo, embora isto tenha sido de maior importância para o governo do que para a ciência. (...) Por outro lado, a ciência se beneficiou tremendamente com o surpreendente estímulo dado à educação científica e técnica, e com o menos surpreendente apoio dado à investigação durante nosso período [1879-1848]. (HOBBSAWN, 1977, p.302)

Ao mesmo tempo que despontava a ciência, o ocidente passava por uma superação (ainda incompleta) do mercantilismo, e sofria a remontagem da construção da estrutura capitalista.

Quando Smith publicou, em 1776, sua investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações, já fazia mais de dois séculos que os mercantilistas estavam convencidos de que o dinheiro e a riqueza eram dimensões inseparáveis do poder dos Estados. (...) [Smith] acabou concluindo – submetido ao *desideratum* ideológico – que “nada parecia ter mais probabilidades de criar tal igualdade de força do que o intercâmbio mútuo de conhecimentos e de todos os tipos de aprimoramentos que trazem consigo um amplo comércio entre si”. (FIORI, 2001, p.49)

Novas idéias e as primeiras teorias políticas científicas começavam a desenhar uma nova face às sociedades. A idéia de um mundo civilizado, com o ideal de redução dos conflitos cotidianos daqueles tempos que geravam a desorganização social, era uma esperança dos que viviam em constantes guerras européias na colonização e dos povos autóctones que viviam em permanente instabilidade política. A navegação e as conquistas coloniais disseminavam o conhecimento científico para os povos distantes do pequeno núcleo europeu de poder e de conhecimento.

Várias associações para o progresso da ciência<sup>42</sup> foram instaladas na Itália, França e Inglaterra em fins do século XVIII e início do XIX. A era da tripla revolução proporcionou não só o crescimento, mas também a expansão da ciência.

Não eram fundações destinadas a acalentar a busca do conhecimento puro, por si mesmo, já que este tipo de instituição demorou mais a surgir. (...) Havia instituições para formar técnicos, como na França e na Alemanha, ou para criar na juventude um espírito de serviço a seu país. A era revolucionária, portanto, fez crescer o número de cientistas e eruditos e estendeu a ciência em todos seus aspectos. E ainda mais, viu o universo geográfico das ciências se alargar em duas direções: Em primeiro lugar, o progresso do comércio e o processo de exploração abriram novos horizontes do mundo ao estudo científico, e estimularam o conhecimento sobre eles. (...) Em segundo lugar, o universo das ciências se ampliou para abraçar países e povos que até então só tinham dado contribuições insignificantes. A lista de grandes cientistas de, digamos, 1750, contém muito poucos que não sejam franceses, britânicos, alemães, italianos e suíços. (...) a ciência parece refletir a ascensão das culturas nacionais fora da Europa Ocidental, o que é também um surpreendente produto da era revolucionária. (HOBSBAWM, 1977, p.304)

---

<sup>42</sup> As primeiras são da Itália: Academia Del Cimento; Academia dels Lincei. Na França: Escola Politécnica (1795); Escola Normal Superior (1794); Academia Real (1795); Museu Nacional de História Natural (1794). Na Grã-Bretanha: Instituição Real (1799); Sociedade Lunar de Birmingham; Sociedade Filosófica e Literária de Manchester; Instituto dos Mecânicos de Londres; Universidade de Londres; Associação Britânica para o Progresso da Ciência (1831).

A sociedade científica começou a expandir seus conhecimentos numa ascensão das trocas culturais internacionais. O conhecimento foi distribuído, ao mesmo tempo que o capitalismo se estruturava.

(...) as ciências refletiram na sua marcha a revolução dupla [Revolução Francesa e Revolução Industrial], em parte porque esta lhes colocou novas e específicas exigências, em parte porque sua própria exigência sugeria novos padrões de pensamento. (HOBSBAWM, 1977, p. 302)

Foram três séculos de descobertas e valorização científica crescente. Algumas ciências caracterizam uma época de avanços do conhecimento e importância social, tornando-se símbolos. Nesse sentido, pode-se dizer que o século XVII foi o século da astronomia, da física e da anatomia, sendo a física, seu símbolo. No século XVIII nasceram ramificações que, ou por fusão ou por distinção, visaram responder novas necessidades: economia política, ciências sociais, matemática, história, filologia, geologia, zoologia, etnologia, biologia e a química, sendo esta última seu símbolo. No século XIX, outros ramos visavam responder à complexidade crescente da sociedade e da política, tais como: sociologia, psicologia, psicanálise, química orgânica, química inorgânica, termodinâmica, estatística social, antropologia física, etnografia, ecologia, bacteriologia, fisiologia. Porém a ciência que foi símbolo desse século foi a biologia. (HOBSBAWM, 1988)

A sociedade burguesa de nosso período [1848-1875] estava confiante e orgulhosa de seus sucessos. Em nenhum outro campo da vida humana isso era mais evidente que no avanço do conhecimento, da “ciência”. Homens cultos do período não estavam apenas orgulhosos de suas ciências, mas preparados para subordinar todas as outras formas de atividade intelectual a elas. (idem, 1996, p.349)

A sociedade científica era considerada bem sucedida em todos os campos. Não só quantitativamente, mas qualitativamente a ciência transcendeu a imaginação dos próprios cientistas. O que vejo importante enfatizar é o fato desse considerado sucesso ser simultâneo à transformação política. A ciência

foi participante da I Revolução Industrial, portanto, da economia industrial e da política que a sustentava. A disponibilidade da eletricidade e a fabricação de bombas à vácuo adequadas e instrumentos de precisão para medidas, foram elementos do avanço da tecnologia em todas as áreas da ciência, que gradualmente chegaram ao cotidiano das sociedades mais avançadas e, por ressonância, a todo o planeta. (HOBSBAWM, 1988)

Ninguém duvidava do progresso, tanto material como intelectual, já que parecia óbvio demais para ser negado. Esse era, sem dúvida, o conceito dominante da época, embora houvesse uma divisão fundamental entre aqueles que pensavam que o progresso seria mais ou menos contínuo e linear e aqueles (como Marx) que sabiam que ele precisaria e iria ser descontínuo e contraditório. (ibidem, p.351)

A crença na ordem e no progresso levava a uma crença no processo civilizador. E essa crença extrapolava os limites nacionais do poder hegemônico inglês. Existia o sentido intra-territorial desse processo e já se desenhava uma expansão de domínio extra-territorial, dando-lhe características de um processo civilizatório. O objetivo de civilidade, naquela época, era abrangente. O discurso era de que a civilidade racionalizaria os povos. E a razão científica era o instrumento legítimo para a regulação social pautada na ideologia do progresso. Essa ligação da ciência e do Estado dava um impulso automático na ideologia do progresso das nações. Fator de importância crucial para a legitimação social das ideologias que buscavam a ordem em todos os aspectos.

(...) tampouco é difícil localizar na obra desses autores [Adam Smith, Karl Marx, David Ricardo], como o pensamento de todos os intelectuais e dirigentes europeus do século XIX, a crença inabalável no papel civilizatório e equalizador da expansão e dominação colonial europeia sobre os povos “primitivos” ou “incivilizados”. (FIORI 2001, p.15)

Esse movimento de expansão e dominação colonial europeia veio a vigorar realmente após meados do século e principalmente a partir de 1870 quando a hegemônica Inglaterra afirmou sua ordem mundial no momento de

reversão política liberal. Esse movimento tinha a seu favor, axiomas e dogmas das ciências sociais e das naturais. Ao mesmo tempo que o movimento da economia liberal (vigente apesar de seu lento declínio<sup>43</sup>) possuía seus dogmas econômicos numa sociedade capitalista em formação.

A sociedade científica vivia portanto, em pleno cruzamento desses movimentos, ao mesmo tempo em que vivia os movimentos de intolerância e otimismo analisados no capítulo anterior. Seu modo de pensar, inserido nesse contexto sócio-político, adquiria instrumentalização no sentido do movimento de controle populacional e social, o que fornecia subsídios e reforçava a ideologia eugênica.

### **As Ciências Fundamentais**

Do ponto de vista dessa dissertação, cinco ciências foram escolhidas como fundamentais para a compreensão da gênese da eugenia, que lhe forneceu direção à legitimação social ao mesmo tempo que se apresentava o movimento da ideologia científica eugênica. Esse elenco de ciências configura, para os limites desse trabalho, o espírito da sociedade científica dos últimos trinta anos do século XIX. O mais importante neste capítulo é o entendimento da formulação das teorias raciais e a inserção social da teoria darwinista, pois os conhecimentos de vários campos da ciência foram sendo crescentemente aplicados em programas políticos no campo social e econômico. As ciências escolhidas são: história, biologia, sociologia, filologia e etnologia<sup>44</sup>. Não pretendo fazer uma descrição técnica destas ciências, mas sim dos pontos de intersecção com a eugenia, para se contemplar os objetivos

---

<sup>43</sup> O liberalismo econômico sofreu um declínio gradual de 1870 à 1930. No entanto a política liberal foi que sofreu a drástica reversão e, através da transformação de hegemonia em imperialismo inglês, se dirigiu ao movimento colonizador intervencionista.

<sup>44</sup> Optei, neste momento acadêmico, em não trabalhar o 'Higienismo', que deu as bases para a saúde pública no século XIX, por se tratar de um tema muito extenso, cujas especificidades mereceriam aprofundamentos detalhados que, sem estes, a dissertação incorreria em sérias falhas. O progresso e sucesso da bacteriologia de Pasteur e Kock, por exemplo, são temas abrangentes que estão no movimento de ação e intervenção do conceito de higiene. Esse conceito foi teorizado e aplicado em larga escala na Inglaterra e irradiou-se na saúde pública dando bases à transição da ideologia eugênica à higiene racial vitoriana, substrato da ideologia científica eugênica.

desse trabalho. A análise será efetuada a partir de dois blocos: **História – Biologia – Sociologia e Filologia – Etnologia**. O primeiro bloco tem a intenção de explicar o desenvolvimento da teoria da evolução e a consolidação do paradigma darwinista. No segundo bloco, duas ciências que apresentaram importantes avanços da teoria racial, que foram incorporados no desenvolvimento da ideologia científica eugênica.

### **História – Biologia – Sociologia**

**História:** No século XVIII, a história deu origem a reflexões teóricas, tanto no campo das ciências naturais como no das sociais, e foi a disciplina-mãe no desenvolvimento da teoria da evolução. A compreensão de que os fatos que acontecem vêm de um processo (de vida) próprio, e que isso é importante para o entendimento do acontecimento atual, forneceu novos meios de investigação e experiências. Segundo Hobsbawm, a história deixava de ser uma sucessão cronológica de acontecimentos e passava a ser considerada um processo de evolução com raciocínio lógico.

(...) uma epidemia de historiadores tomou conta da Europa na primeira metade do século XIX. Raramente tantos homens se propuseram a interpretar seu mundo escrevendo relatos de muitos volumes a respeito do passado de vários países (...) Os resultados mais duradouros deste despertar histórico se deram no campo da documentação e da técnica histórica. (...) A inserção da história nas ciências sociais teve seus efeitos mais imediatos no direito, (...) no estudo da teologia, (...) mas especialmente em uma ciência totalmente nova, a filologia. (HOBSBAWM, 1977, p. 309)

Segundo o mesmo autor, para a biologia, a história se constituía no principal problema pois, o estudo da terra (natureza) estava ligado à química, e o estudo da vida<sup>45</sup> estava intimamente ligado à fisiologia (seres vivos) e à

---

<sup>45</sup> Biologia = estudo da vida (*bios*=vida; *logia* =estudo).

química (através da descoberta de que os elementos químicos da natureza eram os mesmos dos seres vivos).

Se o problema histórico da geologia era o de como explicar a evolução da terra, o do biólogo era duplo: como explicar a formação da vida desde o ovo, a semente, o esporo, e como explicar a evolução das espécies. Ambos estavam unidos pela prova evidente dos fósseis, dos quais uma seleção particular podia ser encontrada em determinada camada terrestre e não em outra. (ibidem, p.311)

Nas ciências sociais, a compreensão do processo de evolução da vida social, deu a Augusto Comte a teoria do Positivismo, a Herbert Spencer a associação entre ciências sociais e naturais e, a Karl Marx, os fundamentos de sua teoria do capitalismo.

A teoria da evolução, foi fruto da compreensão do processo histórico e tornou-se dominante. Perpassava, em todos os campos científicos, o padrão de pensamento evolucionista. Importa, neste contexto, entender que o solo para a inserção do paradigma darwinista na sociedade científica da segunda metade do século XIX, estava sendo preparado. O paradigma darwinista foi, primeiramente uma fusão da teoria da evolução nas ciências naturais e da teoria da evolução nas ciências sociais.

A grande conquista da teoria da evolução da terra foi explicar a diversidade geológica existente no planeta. A grande conquista da teoria da evolução das espécies foi explicar a diversidade das espécies animais, incluindo os seres humanos. A grande conquista da teoria da evolução social foi explicar a sociedade na transição político-econômica capitalista.

Nas ciências naturais:

De fato, se uma única teoria científica deva representar o avanço das ciências naturais em nosso período [1848-1875], e era de fato reconhecida como crucial, essa teoria é a da evolução, e se uma única figura dominou a

imagem pública da ciência, essa foi a do indivíduo de feições marcadas e algo simiescas, Charles Darwin (1809-82) (idem, 1996, p.352)

A primeira teoria da evolução biológica foi elaborada por Lamarck e publicada em 1809, na França. Ele propôs que a evolução das espécies seria baseada na herança de caracteres adquiridos. Em 1819 Lawrence publicou a primeira teoria da evolução do homem, cuja edição foi recolhida por motivos da resistência clerical. Na década de trinta as teorias amadureceram e a primeira teoria da evolução da terra, uma obra do geólogo Lyell, foi aceita. Com a descoberta do homem de Neanderthal, em 1856, os avanços na etnologia e na filologia convergiam para o desenvolvimento da teoria da origem dos seres humanos. Charles Darwin<sup>46</sup>, no final da década de cinquenta publicou sua primeira obra. A tese se refere à evolução das espécies animais através da seleção natural, a qual ratifica a importância da história na compreensão do processo de vida dos seres vivos. A importância da teoria de Darwin foi o fato de unir as ciências naturais às ciências sociais, trazendo o homem para a estrutura social evolucionista, principalmente após a publicação de sua segunda tese que analisa a evolução do homem. (HOBSBAWM, 1977; ROSE, 2000)

Nas ciências sociais:

(...) houve duas revoluções cujos cursos convergem para produzir o marxismo como a mais abrangente síntese das ciências sociais. A primeira delas, que dava continuidade ao brilhante pioneirismo dos racionalistas dos séculos XVII e XVIII, estabelecia o equivalente das leis físicas para as populações humanas. Seu primeiro triunfo foi a construção de uma sistemática teoria dedutiva de economia política, que já estava bastante avançada por volta de 1789 [a publicação da teoria de Adam Smith foi em 1776]. A segunda delas, que em substância pertence ao nosso período [1789-1848] e está intimamente ligada ao romantismo, foi a descoberta da evolução histórica. (idem, 1977, p.307)

---

<sup>46</sup> Naturalista inglês, com interesses voltados à história natural na geologia e zoologia.

A teoria de Marx foi a primeira teoria de evolução social sistematizada.

(...) o socialismo adotou uma forma de argumentação que, se não estava fora do alcance da clássica tradição liberal, tampouco estava muito dentro dela: a argumentação histórica e evolutiva. Para os liberais clássicos, e de fato para os primeiros socialistas modernos, tais propostas eram naturais e racionais, distintas da sociedade irracional e artificial que a ignorância e a tirania tinham, até então, imposto ao mundo. Agora que o progresso e o iluminismo tinham mostrado ao mundo o que era racional, tudo o que restava a ser feito era retirar os obstáculos que evitavam que o senso comum seguisse seu caminho. (ibidem, p.265)

**Biologia:** Esta é uma macro-área da qual se ramificam as ciências ligadas aos seres vivos (animais e vegetais). No início do século XIX, esta ciência era um bloco único ligado à geologia e à zoologia, na busca da explicação da evolução biológica dos seres vivos e da evolução da terra. Essas linhas de pesquisa somente se definiram com clareza, no final do século. O importante a salientar, é o contexto científico na área da biologia, quando da emergência da teoria de Darwin para a compreensão da mudança do padrão de pensamento desta ciência.

A sucessão de camadas geológicas revelava uma sucessão de formas animais que implicava uma evolução biológica. Foi partindo destes conhecimentos que Darwin elaborou sua teoria na *Origem das Espécies* em 1859, quando deduziu o mecanismo da seleção natural dos seres vivos. (HOBSBAWM, 1996)

Antes de Darwin, discutia-se três características da vida: a semelhança (relação de parentesco), a diversidade e a adaptabilidade das espécies. Darwin, ao estudar e responder essas três questões fundamentais em sua teoria, liberou a ciência biológica de todo componente religioso e lançou a biologia evolucionista baseada em três questões principais: a natureza

da hereditariedade, o modo de funcionamento da seleção e o padrão da evolução. (ROSE, 2000)

Darwin afirmou que as origens animais não se originaram por um ato divino da criação como eram comumente consideradas, mas que evoluíram como resultado de transformações históricas naturais, aproveitando ou perdendo oportunidades de adaptação a um ambiente em constante mutação. Só sobrevivem, nesse raciocínio, as espécies mais aptas.

Mesmo a teoria darwinista da evolução impressionava não porque o conceito de evolução fosse novo – era familiar havia décadas – mas porque fornecia, pela primeira vez, um modelo de explanação satisfatório para a origem das espécies, e o fez em termos que eram inteiramente conhecidos até para não-cientistas, já que refletiam os conceitos mais familiares da economia liberal, a competição. (idem, 1996, p.353)

Darwin desenvolveu seu raciocínio através de obras de sua época, da área de ciências sociais. Algumas décadas antes, Adam Smith havia publicado sua tese sobre a teoria liberal, onde defendia o *laissez-faire* como base para o desenvolvimento de um modelo econômico competitivo o qual valoriza o esforço individual para o progresso.

As idéias de Darwin sobre como os organismos organizam-se na natureza também tinham muito em comum com as idéias do economista Adam Smith sobre como os compradores e vendedores se comportavam no mercado. Smith argumentava que uma “mão invisível” regulava a oferta e a procura no mercado, permitindo um reinado livre para se maximizar o próprio auto-interesse. (...) Darwin concordava com Smith que na natureza como na sociedade, cada organismo individual é absorvido com o ato de maximizar seu próprio auto-interesse e de sobreviver na luta com outros por causa dos recursos limitados. (...) Ele argumentou que assim como uma lei externa – a mão invisível – está constantemente funcionando na esfera econômica, regulando e equilibrando a oferta e a procura, uma lei similar – a seleção natural – deve estar constantemente em funcionamento

na natureza, para estar sempre regulando e equilibrando o fornecimento de recursos junto à demanda por esses recursos. (RIFKIN, 1999, p.215)

Existia uma íntima relação entre a mão invisível do mercado, de Adam Smith e a mão invisível da natureza de Charles Darwin.

Outra obra de influência sobre Darwin foi a tese de Thomas Malthus sobre o crescimento geométrico populacional, onde explica que havia a tendência da oferta de alimentos não ter condições de acompanhar a necessidade populacional, o que resultaria em fome, doenças e guerras. Essas noções foram expressas numa frase que conquistou a atenção da sociedade política e civil: “A luta pela vida” (ou a luta pela existência), por analogia com o modelo teórico da economia política clássica, da competição capitalista individualista. (HOBBSAWM, 1977)

Darwin interessou-se pelas conseqüências que essa calamidade teria para os diferentes integrantes das populações de plantas e animais. Seu raciocínio foi que os organismos mais bem adaptados sobreviveriam a essa calamidade e, com isso, teriam uma representação maior entre os pais da geração seguinte. Pela simples admissão da hipótese de que o semelhante dá origem ao semelhante, a prole desses sobreviventes superiores seria também superior, pelo menos por uma pequena margem. Tendo continuidade numa geração após a outra, esse processo levaria à seleção natural dos descendentes mais aptos. (ROSE, 2000, p.31)

Em 1871, Darwin lançou seu segundo livro *A Essência do Homem*, onde fez a ligação da evolução humana aos primatas, de modo específico e científico na tese de que a vida é uma luta competitiva pela existência. As criaturas possuem características úteis ou as desenvolvem em mutações que são favorecidas na luta, pela aptidão. Esse raciocínio foi desenvolvido para todos os animais, inclusive para o ser humano que passa a ser visto como animal aperfeiçoado e aprimorado pela própria natureza competitiva. (WEBER, 2000)

Nesses termos, a teoria darwinista foi crescentemente associada ao sucesso, à luta individual pela vida, ao progresso das nações, à competitividade e tornou-se uma espécie de ortodoxia na década de 1880. Essa forma de análise que priorizou a fusão das ciências sociais e naturais foi sendo crescentemente incorporada pela sociedade política. Gradualmente, a ciência foi adquirindo um papel na formulação de ideologias, próprias das necessidades sócio-políticas da época, e a teoria darwinista transcendeu os limites da biologia e da sociologia.

(...) na medida em que entravam [os cientistas sociais] nas ciências naturais – mesmo as biológicas, na sensível questão da evolução – refletiam uma intrusão de preferências ideológicas, em lugar de debates profissionais. (HOBSBAWM, 1996, p.353)

Nos EUA o apoio à teoria darwinista foi imediato.

(...) a observação de que toda a tese darwinista resultava em pouco mais do que a “aplicação da economia na biologia”. As idéias de Darwin atraíam amplo apoio porque elas pareciam explicar a natureza das coisas em termos facilmente reconhecíveis. Completamente desnorteadas pelas mudanças que assolavam suas vidas, as pessoas estavam ansiosas por algum tipo de grande explicação que pudesse colocar tudo em foco. A teoria de Darwin passou no teste, precisamente porque conseguiu encontrar na natureza as mesmas forças em funcionamento que as pessoas estavam experimentando nas suas vidas diárias, nas fábricas e cidades pioneiras da era industrial. Assim ela fez, mas se a aplicação na natureza era motivada pela economia, a transferência das leis da natureza de volta a sociedade era motivada pela política. (RIFKIN, 1999, p.216)

**Sociologia:** O mais importante neste tópico é a dimensão política que o desenvolvimento da teoria da evolução trazia para a sociedade foi adquirindo e de que forma foi feita a conexão entre a teoria darwinista e a ideologia eugênica. Essa fusão de pensamentos criou o paradigma darwinista na visão da autora. Interessante notar que, tanto a esquerda quanto a direita política adotaram esse padrão de pensamento.

O acentuado entusiasmo dos social-democratas pelo darwinismo bastou para garantir que ele não seria discutido em termos exclusivamente científicos. (...) enquanto a tendência político-darwinista na Europa o via como um reforço para a perspectiva marxista, a qual os processos evolucionistas na natureza e na sociedade ocorriam independentemente da vontade e da consciência dos homens – e todos os socialistas sabiam aonde esses processos inevitavelmente levariam – nos EUA o darwinismo social destacava a livre concorrência como lei fundamental da natureza, e o triunfo do mais apto (isto é, do homem de negócios bem sucedido) sobre os menos aptos (isto é, os pobres). (HOBBSAWM, 1988, p.354)

O movimento socialista, que nos últimos trinta anos do século XIX se fortaleceu e começou formular sua teoria com bases na obra de Marx, adotou o pensamento darwinista.

A sorte do darwinismo, portanto, dependia, não tanto do seu sucesso em convencer o mundo científico dos méritos evidentes de *A Origem das Espécies*, mas da conjuntura política e ideológica do tempo e do país. Ele foi, evidentemente, adotado de imediato pela extrema esquerda. (idem, 1977, p.361)

Segundo Hobsbawm (1988), dois fatos da conjuntura serviram de fermento para ascensão da dimensão política do darwinismo: o avanço da burguesia (liberal e progressista) e a ausência de guerras (significativas). Existia uma acentuada fé na ciência pautada na razão, na lógica e no determinismo em direção à ordem e ao progresso individual e nacional.

Herbert Spencer, um filósofo inglês de meados do século XIX cunhou o termo darwinismo-social e influenciou correntes de pensamento.

O filósofo Herbert Spencer adotou entusiasticamente a idéia da sobrevivência dos mais aptos, argumentando que ela reforçava a credibilidade da economia de *laissez-faire* e justificava o individualismo da sociedade vitoriana: darwinismo social como ele chamava. (RIDLEY, 2001, p.334)

A ordem inglesa, predominante nos Estados nacionais avançados trazia, para o modo de sentir da sociedade civil, o social darwinismo. A ciência atingia os debates sociais e fundamentava conceitos políticos.

A grande conquista da seleção natural era poder explicar a ainda maior variedade das espécies, inclusive o homem. Esse sucesso provocava, e ainda provoca os pensadores a negar ou minimizar os processos inteiramente diferentes ou novos que governam a mudança histórica, e que reduzem as mudanças nas sociedades humanas a regras de evolução biológica – com importantes conseqüências (e às vezes, intenções) políticas – ou seja, ao “social-darwinismo”. A sociedade na qual os cientistas sociais viviam – e todos os cientistas pertenciam ao mundo ocidental, mesmo os situados nas margens da Rússia – combinavam estabilidade e mudança, assim como suas teorias revolucionárias. (HOBBSAWM, 1996, p.360)

Segundo KURZ (1997), um diplomata francês, o conde de Gobineau criou as chamadas “raças” da humanidade e teorizou sobre as ‘desigualdades naturais’, com uma pretensão de superioridade biológica da raça branca numa legitimação pseudocientífica do colonialismo europeu.

Quando Darwin descobriu a história da evolução biológica, sua teoria da seleção natural na “luta pela existência” foi logo transposta à sociedade humana. O próprio Darwin não deixou de tomar partido. Em algumas de suas cartas, ele recriminava o então incipiente movimento sindical, uma vez que suas exigências por solidariedade atravancavam o processo de seleção natural e oneravam a sociedade com espécimes exangues e inaptos à concorrência. Esse darwinismo social mantinha um vínculo obscuro com a “física” do mercado. Ao fim do século XIX, somou-se a ele a chamada eugenia ou “higiene racial”, que apregoava a transmissão hereditária de qualidades sociais. (KURZ, 1997, p.193)

A teoria darwinista se acentuava em todos os campos científicos, obtendo a legitimação social e se conectando à política. Francis Galton, denominado por KEVLES (1995) como ‘o fundador da fé’, além de cunhar o

termo eugenia, propôs os casamentos eugênicos para o aprimoramento da raça. Karl Pearson, seguidor da doutrina eugênica de Galton, idealizou um projeto nacional para o aprimoramento da nação, com regulação social.

[Pearson] O primeiro e mais influente seguidor de Galton, um socialista utópico radical e um estatístico brilhante. Fascinado e horrorizado com o crescente poder econômico da Alemanha, Pearson transformou a eugenia em um elemento de xenofobia. Não era o indivíduo que deveria ser eugênico, era a nação. Somente pela reprodução seletiva entre seus cidadãos a Grã-Bretanha poderia se colocar à frente de seu rival continental. O Estado devia dizer quem poderia procriar e quem não poderia<sup>47</sup>. (RIDLEY, 2001, p.335)

Spencer, Galton, Pearson, eram cientistas influentes em suas áreas e, numa continuidade pertinente à ideologia científica da hereditariedade, faziam uma frente ideológica científica eugênica, na proposta de um projeto de nação.

Em um mundo spenceriano de individualismo (...) a eugenia significava que cada indivíduo deveria se empenhar em escolher um bom parceiro – alguém com um bom intelecto e um corpo saudável. (...) No mundo galtoniano, contudo, “nós” passou a significar algo mais coletivo. (ibidem, p.335)

Os EUA recebiam, como todos os continentes, a influência da sociologia inglesa.

A descrição de Darwin sobre a evolução das espécies também confiou muito na imagem da máquina. Simplesmente não havia uma maneira de escapar da presença esmagadora da máquina na vida inglesa da época. Lá estava aquela tecnologia maravilhosa remodelando o mundo. ‘Naturalmente’, todo o mundo estava ansioso para estender suas aplicações a todas as facetas da vida. Era difícil imaginar que os naturalistas pudessem permanecer indiferentes à excitação do dia. (...)

---

<sup>47</sup> Grifos da autora.

Darwin vestiu a natureza como uma personalidade inglesa de classe alta, atribuiu a ela as motivações e os impulsos ingleses e, até mesmo, a supriu com o mercado e a forma do governo inglês. (...) O darwinismo floresceu na época e no local onde o capitalismo foi mais fortemente estabelecido. (...) O que tornou a cosmologia de Darwin tão terrivelmente atraente é que ela muito convenientemente se encaixou na época para a qual foi escrita. (RIFKIN, 1999, p.213)

## **Filologia – Etnologia**

**Filologia:** Em suas origens, esta ciência baseava-se, principalmente, na reconstituição da evolução da língua falada e sua multiplicidade idiomática através dos séculos. O objetivo era descobrir a língua falada do ancestral comum à toda humanidade. Foram descobertas as relações entre as várias linguagens indo-européias, e suas transformações ao longo dos séculos. Tratava-se de reconstruir o indo-europeu original o qual era um desdobramento lingüístico do sânscrito (oriente) e do celta (ocidente).

O ostensivo estímulo para a filologia era a conquista de sociedades não-européias pela Europa. (...) não se limitava à descoberta, descrição e classificação. (...) tornou-se a segunda ciência social propriamente dita, isto é, a segunda a descobrir leis genéricas aplicáveis a um campo aparentemente tão caprichoso como o da comunicação humana. (A primeira foi a economia política). (HOBBSBAUWN, 1977, p.309)

A filologia vinha, portanto, esclarecer a evolução histórica da linguagem humana. Sendo uma fusão da história e da antropologia, foi a primeira ciência a considerar a teoria da evolução como base de toda ciência moderna. Ocupava-se diretamente com palavras, estabelecendo a árvore genealógica das línguas indo-européias.

Entretanto, durante aquelas explorações pioneiras, nunca duvidaram de que a evolução das línguas não era simplesmente uma questão de estabelecer uma seqüência cronológica ou registrar mudanças, mas que

esta evolução devia ser explicada por leis gerais da lingüística, análogas às leis científicas. (ibidem, p.311)

Segundo HOBBSAWM (1977), esta ciência, no princípio, era mais forte na Alemanha que dominava o estudo de história no ocidente. Em seu desenvolvimento, ao longo do século XIX, forneceu suporte às teorias raciais.

Mas era bem tipicamente uma ciência social-evolucionista, e pelos padrões da época, muito bem-sucedida, tanto entre especialistas como junto ao grande público. Infelizmente (...) encorajou a crença no racismo – os que falavam as línguas indo-européias (um conceito puramente lingüístico) sendo identificados com a raça “ariana”<sup>48</sup>. (idem, 1996, p.368)

Os avanços da filologia eram um impulso para a base idiomática para o movimento de construção dos Estados nacionais modernos, com a finalidade de definição de suas populações. A língua falada em dialetos foi sendo substituída pela língua oficial através do sistema educacional. Nos últimos trinta anos do século XIX a educação chegou à sociedade dos Estados avançados em todas as classes sociais. Através da educação, a sociedade moderna consolidou sua língua nacional e colaborou na construção das nações. A linguagem comum nacional era condição para a formação da identidade nacional.

**Etnologia:** Esta ciência tinha como objetivo, estudar as raças existentes na humanidade, através do processo histórico. Era uma vertente da antropologia<sup>49</sup>, a qual analisava a diversidade social, sendo a pré-história das ciências sociais. Era crescentemente inegável as diferenças raciais entre povos amarelos, negros, pretos, brancos e caucasianos, porém não se explicava a desigualdade social entre os seres humanos.

A existência de diferentes raças (ou melhor, cores) de homens tinha sido muito discutida no século XVIII, quando o problema de uma criação única

---

<sup>48</sup> Ariano: pertencente à raça dos árias, os mais antigos antepassados da família indo-européia; raça supostamente pura, sem ascendência judaica.

ou múltipla do homem preocupava também os espíritos de reflexão. A fronteira entre monogenistas e poligenistas não era simples. O primeiro grupo reunia defensores da evolução e da igualdade humana, com homens que consideravam que, sobre este ponto, a ciência não era conflitante com a Escritura. (...) O segundo grupo incluía não só cientistas de boa fé, mas também racistas e escravagistas provenientes do sul dos EUA. (idem, 1977, p. 314)

O contexto histórico do século XIX apresentava uma necessidade social de esclarecimentos quanto ao aspecto físico e cultural de determinados povos. As teorias raciais provenientes da etnologia se estenderam para a antropometria<sup>50</sup>, frenologia<sup>51</sup> e para o estudo estatístico das populações<sup>52</sup>. A explicação da diversidade social e racial apresentava-se, crescentemente, necessária para a compreensão científica da própria espécie.

Sob a forma de racismo, cujo papel central no século XIX nunca será demais ressaltar, a biologia era essencial para uma ideologia burguesa teoricamente igualitária, pois deslocava a culpa das evidentes desigualdades humanas da sociedade para a “natureza”. (idem, 1996, p.351)

Para os adeptos à comprovação da superioridade racial de brancos e outras raças, este era um ponto importante.

Ao mesmo tempo, uma mistura de nacionalismo, radicalismo, história e observação de campo introduziram o igualmente perigoso tópico das permanentes características raciais ou nacionais na sociedade. (ibidem, p.314)

A teoria da evolução de Darwin sugeria uma hierarquia humana biológica na evolução da humanidade e, esse aspecto de sua teoria, levava a

---

<sup>49</sup> A antropologia era proveniente da fusão da antropologia física (derivada da anatomia) e da etnografia (descrevia as comunidades).

<sup>50</sup> Classificação e medidas de crâneos.

<sup>51</sup> Determinação do carácter da pessoa a partir da configuração do crânio.

<sup>52</sup> Analisava-se as características raciais das sociedades quanto à cultura, arte, idioma.

uma compreensão de que muitas culturas poderiam pertencer a um nível inferior da evolução da civilização moderna.

E essa inferioridade era comprovada porque, de fato, a raça “superior” era superior pelos critérios de sua própria sociedade: tecnologicamente mais avançada, militarmente mais poderosa, mais rica e mais “bem-sucedida”. O argumento era tão lisonjeiro quanto convincente – tão convincente que as classes médias estavam inclinadas a tomá-lo dos aristocratas por razões internas e também internacionais. Os pobres eram pobres porque biologicamente inferiores e, por outro lado, se cidadãos pertenciam às “raças inferiores”, não era de se espantar que eles permanecessem pobres e atrasados. (ibidem, p.370)

O racismo passava a ser abrangente pois não atingia somente as pessoas de cor, mas também as de classe social inferior independentemente da raça, justificando as desigualdades sociais, sob o padrão adotado pelos cientistas.

A crença de que uma linhagem racial específica sobrevivia (...) se encaixava admiravelmente em uma época em que os homens pretendiam descobrir a romântica e misteriosa individualidade de suas nações para reivindicar missões messiânicas para elas se fossem revolucionários, ou para atribuir sua riqueza e poder a uma “superioridade inata”. (idem, 1977, p.315)

As camadas inferiores de criminosos e desclassificados ganharam a pecha de homens “hereditariamente inferiores”, a quem se devia coibir a reprodução. No reverso da moeda, figurava o aclamado “tipo vitorioso” do homem belo, forte e de “herança salutar”. (KURZ, 1997, p. 193)

Somando-se ao imperialismo inglês, o intervencionismo civilizatório e a escalada do socialismo instituíam-se, através da ciência, que os seres humanos eram diferentes, e as raças eram crescentemente categorizadas em inferiores e superiores.

O liberalismo não tinha nenhuma defesa lógica diante da igualdade e da democracia, portanto a barreira ilógica do racismo foi levantada: a própria ciência, o trunfo do liberalismo, podia provar que os homens *não* eram iguais. Mas evidentemente, a ciência do nosso período [1848-1875] não chegou a prová-lo, embora alguns cientistas o desejassem. A tautologia darwinista (“sobrevivência dos mais aptos, sendo que a prova de “aptidão” era precisamente a sobrevivência) não podia provar que os homens fossem superiores às minhocas, já que ambos sobreviviam com sucesso. A “superioridade” era entendida através da redução à equação de igualar história evolucionista a “progresso”. (idem, 1996, p.371)

## A Ciência Eugênica

Como conclusão do primeiro bloco: **História – Biologia – Sociologia** pode-se notar que a teoria darwinista – na biologia e na sociologia –, favorecia o ideal social da construção de um novo homem para um Estado moderno. Neste ideal estava implícita a idéia de raça pura – bela e perfeita. De maneira geral, a construção da raça ideal foi um objetivo crescente dos Estados nacionais avançados e se legitimavam no axioma de aperfeiçoamento da espécie humana através do aprimoramento social<sup>53</sup>.

Portanto, o elo entre a ideologia eugênica e a teoria darwinista, **que construiu o paradigma darwinista**, foi que os eugenistas precisavam de um fundamento científico para legitimação de suas ideologias. Esse fundamento veio da fusão das ciências sociais com as naturais. A civilidade, a ordem e os bons costumes vitorianos, foram elementos da gênese dessa ideologia e faziam parte da ordem imperial e, portanto, de sua política e necessidades econômicas que eram disseminados pelo mundo.

---

<sup>53</sup> Fato que semeou o ideal da raça perfeita na Alemanha: *Reconhecemos ter havido épocas, como o final da era vitoriana, em que Darwin foi visto como um santo secular na igreja do progresso humano; ao mesmo tempo, entretanto, o darwinismo foi também um esteio explícito para os defensores da supremacia ariana.* (RIDLEY, 2001, p.12)

Os eugenistas vitorianos tomaram seus preconceitos sobre raça e a “criação”, naquele sentido muito inglês, projetaram-nos no darwinismo e passaram a contemplar a perspectiva de uma eugenia que cultuasse a eles e a seus valores por muito tempo, no futuro evolucionário. (ibidem, p.160)

Como conclusão do segundo bloco: **Filologia – Etnologia**, o conjunto das pesquisas dessas ciências e correlatas (antropometria, frenologia, antropologia física, estatística populacional) forneceu bases teóricas para a construção do homem ideal, no sentido de se atingir a raça pura, a fim de um ideal social. Essa construção foi pautada no paradigma darwinista, que por sua vez, reforçou a ideologia científica eugênica

Ao longo do século XIX, pode-se dizer que os modos de pensar da sociedade científica eram perpassados pela ideologia eugênica e nesse sentido havia um movimento científico já legitimado em prol da eugenia que confluíam para uma linguagem única. Os **modos de pensar** da sociedade científica dos últimos trinta anos desse século estão inseridos nos contextos em que viviam a sociedade civil e política. Apresentavam-se infiltrados pelo otimismo da sociedade eugênica e pela sua intolerância, o que dava à sociedade política, crescentemente, bases concretas para intervenção estatal. Os cientistas participavam e eram importantes núcleos de debates sociais e nacionais nas sociedades que, em transformação, buscavam encontrar sua identidade de nação e participavam do movimento da ordem e do progresso. A linguagem da eugenia era uma idéia-força que os mobilizava a colaborar na evolução humana individual e social.

Para muitos ideólogos modernos, a captação da mensagem darwiniana foi apenas um pequeno passo para o surgimento de uma arrogância prometéica e do desejo de assumir o controle da evolução da espécie humana. Esse projeto de dirigir deliberadamente a evolução humana tem um nome: eugenia. (ROSE, 2000, p.159)

Partindo do princípio que a sociedade científica tinha como modelo a teoria da evolução, quando Darwin lançou sua teoria de evolução biológica foi imediatamente aceito. Logo em seguida, sua teoria extrapolou os limites da biologia, sendo utilizada nas ciências sociais. O darwinismo transformou-se em uma base científica axiomática dando nascimento ao seu paradigma. Como a ideologia eugênica precisava de um suporte científico para ser legitimada, encontrou, no darwinismo, um lugar privilegiado.

Vários cientistas de áreas específicas da biologia estruturavam novas teorias e novos conceitos. Com a intenção de tornar possível uma verdadeira e legítima ciência da eugenia, Galton começou pela busca das leis de hereditariedade.

No início da década de 1870, Galton começou sua busca por materiais coletando informações sobre características físicas de escolares. Para dados hereditários, ele comparou as sementes de uma geração de pais de *Lathyrus adoratus*, a planta da ervilha doce, com as de sua progênie. “Estava em busca de uma prova antropológica, importando-se somente com as sementes como um meio de explicação para a hereditariedade no Homem”; disse ele, mais tarde. Para obter os dados de hereditariedade humana, Galton teve a brilhante idéia de abrir um laboratório antropométrico durante a Exposição Internacional de Saúde, realizada no Museu de Ciência de South Kensington, em 1884. Em poucos meses, cerca de nove mil pessoas, inclusive pais e filhos, foram medidos em termos de altura, peso, circunferência do braço, respiração e outros. Ao mesmo tempo, ele publicou o *Record of Family Faculties – Registro de Características de Famílias*, um questionário sobre hereditariedade, e ofereceu prêmios de até 500 libras para quem fornecesse os dados de famílias mais detalhados. (KEVLES, 1995, p.14)

Segundo KEVLES (1995), no prefácio da edição de 1892 do livro de Galton, *Hereditary Genius*, ele escreve que o “problema do aperfeiçoamento da raça humana não passaria de um assunto acadêmico, pois não seria possível originar a raça pura. Mas através dos avanços da ciência se poderia conduzir esse aperfeiçoamento, sem perder as oportunidades de intervenção

sobre a espécie, conferindo as raças impuras e aprimorando e valorizando as boas”.

Ethel M. Elderton<sup>54</sup> resumiu a atitude que encobria os principais trabalhos eugênicos do Laboratório Galton: “Melhoria nas condições sociais não compensarão uma má influência hereditária (...) O único modo de manter uma nação forte mental e fisicamente é entender que cada nova geração se origina principalmente de indivíduos melhores do que os da geração anterior”. O que o Departamento de Pearson produzia era uma mistura de boa ciência estatística com explorações geralmente voltadas para a hereditariedade humana. Porém, nos primeiros anos do século 20, ele era o único centro britânico de pesquisa eugênica, a principal fonte respeitável de ciência eugênica, uma referência científica, para todas as discussões realizadas na Inglaterra. (ibidem, p.40)

As doutrinas clericais deixaram, definitivamente, de ser consideradas importantes pela biologia, a partir de Darwin e Galton. Os seres humanos passaram a ser resultados de um processo biológico evolutivo. Neste raciocínio, seria possível conduzir a perfeição da espécie.

Para Galton, a doutrina científica da evolução destruiu a doutrina religiosa da desgraça. Ele se apropriou do pensamento de Darwin para afirmar que o homem, ao invés de cair de um estado superior, foi “rapidamente se elevando a partir de um estágio mais inferior”. A eugenia aceleraria este processo, procriaria o barbarismo vestigial da raça humana e manipularia a evolução para colocar a realidade biológica do homem em consonância com seus avançados ideais morais. De acordo com Galton, “o que a natureza faz cegamente, vagorosamente e impiedosamente, o homem pode fazer providencialmente, rapidamente e gentilmente”. Ele achou na

---

<sup>54</sup> A principal figura feminina do grupo era Ethel M. Elderton, que fez seu primeiro estágio em estatística como assistente de Galton, tornou-se funcionária de Schuster no Escritório de Registros Eugênicos, e depois trabalhou através do laboratório de Pearson, desde a posição de bolsista Galton até a posição de professora efetivada de Estatística Social na University College. “ O cálculo de correlações”, disse Elderton certa vez, “é o único método racional e eficaz disponível para atacar (...) o que faz, e o que danifica a adequação nacional”. (KEVLES, 1995, p.39)

eugenia um substituto científico para a ortodoxia de fé da igreja, uma obrigação religiosa defensável<sup>55</sup>. (ibidem, p. 12)

A sociedade civil vivia sobre fortes pressões políticas. Imperialismo, democracia, socialismo, o que conformava uma ambigüidade (inconsciente) de ideais, pois sob a hegemonia inglesa, avançava o socialismo, afirmava-se o liberalismo na economia e promovia-se o totalitarismo nas intervenções estatais imperiais. Os Estados nacionais formavam suas identidades, ao mesmo tempo que nas escolas se aprendia o amor à pátria como um ideal prioritário para o progresso nacional e reforço ao otimismo material. A xenofobia, o anti-semitismo e o racismo, gerava crescentemente a intolerância, que era crescentemente justificada pelas teorias científicas raciais, e acentuava a separação entre categorias humanas superiores e inferiores. A pobreza permanecia sendo discriminada nas beiradas da sociedade e eram, mesmo os brancos, de uma linhagem inferior no discurso de não serem aptos a lutar pela sobrevivência.

Nesse imbróglio pseudocientífico de ideologias que perpassou toda a sociedade ocidental ao redor da passagem do século, ganharam paulatinamente destaque duas imagens sociobiológicas distintas. De um lado, desenvolveu-se um racismo social que infamava pessoas de cor, enfermos, criminosos, incapacitados, maltrapilhos, etc. como “homens inferiores”. A construção da sociedade industrial cabia com exclusividade a trabalhadores brancos e fortes, e todo “lastro” supérfluo devia ser lançado por terra. (...) De outro lado, começou a grassar um novo anti-semitismo, despido de bases religiosas. O “judeu” foi imaginado como o “super-homem negativo”, como uma espécie de príncipe das trevas e o antípoda do níveo príncipe do trabalho. (KURZ, 1997, p.194)

A sociedade científica estava sob o paradigma darwinista. A eugenia, já legitimada pela sociedade civil, era a linguagem comum na ciência.

Em 1900, a eugenia tomou conta da imaginação popular. O nome Eugene ficou na moda de repente, e houve uma imensa onda de fascinação

---

<sup>55</sup> Grifos da autora.

popular pela idéia da procriação planejada, quando as reuniões sobre eugenia pipocaram por toda a Grã-Bretanha. (...) Algo semelhante estava acontecendo na Alemanha (...) sobre o destino biológico que provocou um entusiasmo pelo progresso evolutivo para acompanhar o progresso social e econômico. (...) na Alemanha, ainda mais do que na Grã-Bretanha, a biologia estava se enredando no nacionalismo<sup>56</sup>. Mas durante algum tempo permaneceu amplamente ideológica, e não prática. (...) Até aqui tudo bem. O foco logo mudou, contudo, do estímulo à procriação “eugênica” dos melhores para a suspensão da procriação “disgênica” dos piores. E os “piores” logo viriam a significar principalmente os “débeis mentais”, que incluíam os alcoólatras, epiléticos e criminosos, além dos mentalmente retardados. Isto ocorreu principalmente nos Estados Unidos. (RIDLEY, 2001, p.336)

Segundo RIDLEY (2001), grande parte do entusiasmo americano pela eugenia era proveniente de um sentimento antiimigrantes (EUA foi o país que mais recebeu imigrantes neste período). Os argumentos eugênicos proporcionavam uma forma conveniente para os Estados nacionais que desejavam restringir a imigração por motivos racistas.

De maneira generalizada, a eugenia era o ideal individual, social e nacional. E o mais importante é que, como utopia, aproximava-se a largos passos de sua realização. A ciência da genética sugeria a exclusão total do meio ambiente na hereditariedade. Os genes seriam os responsáveis por todas as características dos seres humanos.

O que tornou a eugenia “científica” foi justamente o surgimento da genética após 1900, que parecia sugerir a exclusão total das influências ambientais na hereditariedade e a determinação, por um único gene, da maioria ou de todas as características; isto é, que o cruzamento seletivo dos seres humanos segundo o processo mendeliano era possível. (HOBBSBAUWM, 1988, p.353)

---

<sup>56</sup> Grifos da autora.

Descobriu-se uma forma de **conduzir** cientificamente o cruzamento dos seres humanos. A eugenia, em 1900, já estava incorporada no inconsciente coletivo das sociedades. Em poucos anos começaria a ser aplicada na educação e na prática médicas. A eugenia passou a fazer parte do senso comum, para a estruturação da nação ideal.

A sociedade política oitocentista, até 1870, passava por uma transformação estrutural. Vinha de uma grande fragmentação conseqüente das revoluções do século precedente. A sociedade civil começava a exigir ações e intervenções direcionadas à pobreza, à educação, à saúde, ao trabalho. O fato é que havia uma nova sociedade política sendo gerada. Após 1870, com um novo desenho do mapa mundial e sob a hegemonia inglesa, os Estados nacionais ocidentais avançados consolidaram suas diretrizes políticas. O objetivo deste capítulo é compreender **os modos de viver** da sociedade política que vivia uma dupla linguagem: o liberalismo na economia e o crescente imperialismo civilizatório na política, cujo cruzamento instilava o patriotismo que moldou massas de cidadãos, sendo que o amor à pátria significava, implícita e explicitamente, apoiar um projeto de política eugênica.

Ao longo do século XIX, a ideologia iluminista<sup>57</sup> consolidou-se no ocidente. Esta ideologia nasceu como idéia progressista no século XVII a partir da Revolução Científica, num movimento expansivo e evolutivo desenvolvido através do progresso da humanidade e da sociedade, no mesmo movimento de consolidação do capitalismo. O progresso<sup>58</sup> e o utilitarismo<sup>59</sup> eram suas características principais pois ‘iluminavam’ a nova sociedade e o novo mundo; progresso, como ênfase nas ciências para aprimoramento da sociedade e do Estado fundamentado pela razão (científica); utilitarismo, como trabalho individual, embasando o trabalho coletivo fundamentado pelo progresso social e capitaneado pela I Revolução Industrial na Inglaterra. Nesse contexto, ocorria a Revolução Americana e Francesa, alterando o padrão sócio-político, econômico e educacional. Progresso e utilitarismo foram as bases ideológicas

---

<sup>57</sup> *Um individualismo secular, racionalista e progressista dominava o pensamento “esclarecido” [iluminista]. Libertar o indivíduo das algemas que o agrilhoavam era o seu [da ideologia iluminista] principal objetivo; do tradicionalismo ignorante da Idade Média, que ainda lançava sombras pelo mundo, da superstição das igrejas; da irracionalidade que dividia os homens em uma hierarquia de patentes mais baixas e mais altas de acordo com o nascimento ou algum critério irrelevante.* (HOBSEBAWM, 1977, p.37)

<sup>58</sup> *O progresso era, portanto, tão “natural” quanto o capitalismo.* (HOBSEBAWM, 1977, p. 259)

<sup>59</sup> *O utilitarismo puro que reduzia todas as relações humanas ao padrão da sociedade do século XVII e XVIII, no XIX não monopolizou a ideologia da classe média liberal, mas proporcionou o mais cortante dos machados radicais com que se poderia derrubar as instituições tradicionais que não sabiam responder às triunfantes perguntas: É racional? É útil? Contribui para a maior felicidade para o maior número de pessoas?* (HOBSEBAWM, 1977, p. 258)

das políticas desenvolvidas no século XIX que não só reforçaram o capitalismo como o transformaram em um sistema de ordem mundial.<sup>60</sup>

Em poucas palavras, para o liberalismo clássico, o mundo humano estava constituído de átomos individuais, com certas paixões e necessidades, cada um procurando, acima de tudo, aumentar ao máximo suas satisfações e diminuir seus desprazeres (...) e naturalmente não reconhecendo limites ou direitos de interferência em suas pretensões. (HOBSBAWM, 1977, p.256)

O liberalismo vinha da linha de pensamento iluminista que preconizava a importância do indivíduo como ferramenta útil e progressista. O socialismo nasceu também da ideologia iluminista, porém focava a coletividade. Essas macro-teorias políticas foram frutos do Século das Luzes. A felicidade, tanto individual quanto social, era o objetivo maior desta época, apresentando-se também como o objetivo da era moderna.

A felicidade (um termo que deu a seus definidores quase tantos problemas quanto a seus perseguidores) era o supremo objetivo de cada indivíduo; a maior felicidade do maior número de pessoas era claramente o objetivo da sociedade. (ibidem, p.257)

Sendo o objetivo supremo alcançar, e assegurar, a maior felicidade ao maior número de pessoas, era preciso que estivesse expresso na política e, logicamente, na economia. Nas bases da política econômica clássica repousa a utopia da felicidade geral dos povos e das nações. Foi sobre esta utopia que brotaram as ideologias que movimentaram o século XIX em todo o ocidente, a partir das repercussões e efeitos concretos da tripla revolução, que conduziria ao progresso da civilização inserido num processo civilizador com reforçada regulação social. A regulação e o controle social estavam no âmago da preocupação com a questão social que surge no início do século XIX.

---

<sup>60</sup> As três revoluções: Revolução Francesa, Revolução Americana e a Revolução Industrial serão referidas, neste trabalho, como **a tripla revolução**, vistos que esses três acontecimentos ocorreram no mesmo tempo histórico (fins do século XVIII) e provocaram as transformações paradigmáticas – sociais, políticas e econômicas – ao longo de todo o século XIX, e que vivenciamos seus efeitos até os dias atuais.

A “questão social” é uma aporia fundamental sobre a qual uma sociedade experimenta o enigma de sua coesão e tenta conjurar o risco de sua fratura. É um desafio que interroga, põe em questão a capacidade de uma sociedade (o que, em termos políticos, se chama uma nação) para existir como um conjunto ligado por relações de interdependência. (CASTEL, 1998, p.30)

O desafio era constante, principalmente levando-se em conta os imensos e crescentes progressos materiais que se faziam sentir pelas sociedades, os quais não chegavam às classes sociais inferiores.

### **A sociedade política pré-1870**

O século XIX foi uma absoluta transformação de valores no seio das sociedades. Aconteceram os conflitos de gerações e entre as classes sociais que expunham o lado sombrio dos triunfos materiais. Os conflitos sociais eram nacionais, internacionais e coloniais. Houve uma seqüência de insurreições, de combates e de revoluções sociais. Era o legado do século XVIII que exigia soluções ao longo do século seguinte. As trágicas conseqüências da Revolução Francesa e das guerras napoleônicas levaram a uma decisão conjunta dos Estados nacionais da frente capitalista: fazer todo o possível para se evitar grandes confrontos internacionais. Os sistemas de governos tinham a determinação de evitar que conflitos fossem além de revoluções setorializadas. (HOBSBAWM, 1988)

Segundo WEBER (2000), as revoluções francesa e americana trouxeram duas deduções inéditas: 1.a) Era possível fazer guerra contra governantes. Os colonos americanos haviam usado a violência para tirar o rei britânico e os franceses usaram a violência para acabar com a monarquia. A seguir, derrubaram e humilharam dinastias tradicionais na Europa. Esses tipos de revoltas, de magnitude sem precedentes, mostravam que súditos podiam ganhar guerras de governantes hereditários. Esse fato criou possibilidades políticas imensas e criou uma nova forma de fazer política; 2.a) Uma filosofia

política começou a surgir e justificava a guerra dos súditos contra os governantes. Começaram a surgir fundamentos morais para as revoluções que fortaleciam a idéia de que as instituições reais eram um mal a ser derrubado. Esse pensamento influenciou um grande número de pessoas que ficaram próximas dos revolucionários ou os apoiavam ou tornavam-se um deles. As três idéias básicas dessa nova filosofia eram: a soberania do povo, a possibilidade de aperfeiçoamento da sociedade e a igualdade do homem.

Quanto à possibilidade de aperfeiçoamento, isto significava que o homem poderia ser tornado perfeito, a vida poderia ser aperfeiçoada assim como a sociedade em que o homem vivia. Essa era uma idéia anti-cristã, pois de acordo com o cristianismo não se busca a perfeição neste mundo imperfeito, temporal e pecaminoso, visto que a perfeição só pertenceria a 'Deus'. Portanto, nessa forma de entendimento, o homem só podia ser perfeito se não fosse impedido pelas superstições da Igreja e pela tirania dos reis. A Igreja e os reis foram, ao mesmo tempo, questionados sobre a manutenção tradicional da escravidão (trabalho) e servidão espiritual. A coerção secular desses princípios levava a sociedade civil à muitos problemas internos porque era necessário romper com as amarras da Igreja e dos reis para se conseguir atingir a liberdade (e a perfeição). No início do século XIX, uma geração cresceu ouvindo que eram homens livres condenados à escravidão de seus algozes. E que a liberdade, para ser atingida, estava em suas próprias mãos. (WEBER, 2000)

A doutrina da soberania do povo crescia e encolhia a soberania do rei. Os reis, eram os tiranos que impediam a soberania do povo. O absolutismo, vindo de séculos precedentes, refletia o sucesso do governo moderno (ou, mais especificamente proto-moderno) sobre o feudalismo. Porém, desenvolveu-se também, nesse período, a importância do comércio. A doutrina mercantilista conflitava com a política absolutista, mas era tácito que os governos absolutistas deviam fazer nações não somente fortes, mas também ricas. Assim, isso poderia ser alcançado pela regulação da economia nacional para aumentar o poder do Estado. A riqueza das nações, sob o absolutismo, era vista através do poder dos nobres e pelo protecionismo de seus bens. O

século XVIII reagiu contra os resquícios do absolutismo, contra o mercantilismo e buscou a igualdade entre os homens (revoluções francesa e americana). Porém, o capital comercial não queria mais sofrer controles do Estado, o mercado livre que determinaria ao governo suas regras. No início do século XIX, o liberalismo político-econômico, cuja teoria de Adam Smith foi publicada em 1776, teve uma trajetória crescente no sentido de superação do mercantilismo, propondo a importância do mercado e do individualismo. Essa teoria foi dominante em todas as sociedades, sendo uma base consistente (e científica) na formulação de legislações, de intervenções e na construção de novas instituições. (WEBER, 2000)

A Revolução Francesa e a Revolução Americana, em fins do século XVIII, tiveram conseqüências que ressoaram por todo o mundo ocidental, transformando o padrão da sociedade em todos os aspectos numa nova perspectiva de vida, de ser humano, de sociedade e de mundo; baseados nos novos conceitos de direito e igualdade. Esses novos conceitos reforçavam a idéia de progresso da ideologia iluminista com valores que a fundamentavam: a razão científica na política; a organização social; e o trabalho como fonte primeira das economias nacionais e da divisão internacional da produtividade capitalista. Até então, não era assim, não existia sistematização em nenhum aspecto da sociedade na era do mercantilismo. As políticas surgidas a partir dessas revoluções eram contrárias à ideologia mercantilista e ao Estado absolutista. O capitalismo era crescentemente assumido pela sociedade política que vivia, crescentemente, sob o domínio da ideologia liberal inglesa. O comunismo, nascido nos séculos precedentes, e o socialismo que começava a ser gerado, eram movimentos sociais contrários ao mercantilismo, mas não eram favoráveis ao liberalismo. Nesse processo de estruturação e de reformas dos Estados nacionais que já tinham uma história marcada por lutas e poderes, o século XIX foi o berço das grandes ideologias que emergiram na sociedade política. (HOBBSAWM, 1977, 1988)

A igualdade estava explícita em todos os manifestos, pois todos os homens queriam ser tratados como iguais e como irmãos. O primeiro passo para se abrir os caminhos na conquista da felicidade como um princípio básico

na formulação de novos valores fomentados no século precedente, era atingir objetivos legais e prioritários baseados em: 'nenhum homem deve escravizar, maltratar ou oprimir outro homem'. Nem mesmo o rei poderia mais manter esse direito milenar. Era crescentemente negado o direito sobre outras pessoas por privilégio, tradição, propriedade, conquista anterior, sangue ou descendência. Direitos baseados em tais princípios não estavam mais sendo legitimados pela sociedade que se formava e nem pelos movimentos sociais que surgiam. Os únicos direitos que importavam e que não produziam contradições eram os direitos inalienáveis do homem, pertencentes a ele simplesmente por ser homem. Esses direitos representaram a emancipação dos escravos em 1848 na Europa, nos EUA em 1868 e, nas proximidades desse período, a abolição era executada nos outros continentes. Havia a negação crescente dos direitos reais, papais e de aristocracias hereditárias. (WEBER, 2000; HOBBSBAWM, 1977) O legado da tripla revolução foi a correção de erros tanto sociais quanto políticos.

O racionalismo político-econômico, com suas idealizações, investigações e auxílio de instrumentos que deveriam calcular o que podia ser calculado, vinham da ideologia do Iluminismo e se associavam aos ideais políticos. Por outro lado, também em movimento contra o absolutismo tradicional, mas como rebeldia ao legado do Iluminismo, nasceu uma corrente de pensamento que pretendia revelar as forças que movem e afetam os seres humanos sob as atividades das sociedades e dos indivíduos chamada Romantismo. Os participantes dessa corrente de pensamento queriam explicar as forças silenciosas da sociedade e da história. Karl Marx participava desta corrente de pensamento. Esse movimento era, portanto, uma revolta de gerações contra o conservadorismo dominante. (WEBER, 2000)

Um fantasma ronda a Europa: o fantasma do comunismo. Todos os poderes da antiga Europa uniram-se numa caçada demagógica ao fantasma: o Papa e o Czar, Metternich e Guizor, os radicais franceses e os espiões da polícia alemã. (...) A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos das classes. Estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas

de luta no lugar das antigas. (...) No lugar da sociedade burguesa antiga, com suas classes e antagonismos de classe, uma associação, na qual o desenvolvimento livre de cada um é a condição para o desenvolvimento livre de todos. (MARX, 1998)

Estes trechos, retirados do Manifesto Comunista publicado em 1848, faz uma alusão ao liberalismo econômico da época, quando aponta o mercado como solução dos problemas sociais e novas formas de opressão estavam nascendo. Marx fala do movimento de substituição do feudalismo pelo capitalismo referenciado pelo liberalismo, como condição para o desenvolvimento livre de todos. Na primeira metade do século XIX o liberalismo era dominante em toda a sociedade política tanto no que se referia às intervenções políticas quanto relacionadas à economia. Era uma linguagem única. O estopim das revoltas da classe operária para conquistar o poder, era assumir o controle do Estado e usá-lo para seus interesses, objetivo que decorria da impossibilidade de integração entre as classes sociais. Os recursos não pareciam fluir para todos de acordo com suas capacidades e necessidades. O que se pregava, não se fazia sentir pelos mais pobres. A condição que se impunha não se apresentava como solução.

Uma outra corrente iluminista de pensamento que influiu no contexto desse século foi o positivismo de Augusto Comte, formulado na primeira metade deste século. Essa corrente formulou uma doutrina e era uma como uma religião do progresso inspirada pelo real progresso material que ocorria, afirmando que este poderia ser atingido a partir de especialistas como engenheiros, economistas e tecnocratas. (HOBBSAWM, 1977) Esse pensamento tornou-se paradigmático e influenciou nações.

Em suma, a sociedade política desse período vinha de um desmonte, e se moldava gradualmente uma unificação sistemática. Ao longo do século XIX foram estabelecidas as instituições públicas tanto de educação quanto de regulação e ordenação social.<sup>61</sup> O desenvolvimento do liberalismo

---

<sup>61</sup> *Realmente, a Sociedade de Moral Cristã [1824] – onde se cruzavam, lembremos isso, personagens tão diferentes quanto La Rochefoucault-Liancourt, Guizot, Constant, Dufaure, Tocqueville, Gerando, Dupin... – constituiu um núcleo de reflexões e de iniciativas de onde*

deu-se no contexto de transformação e reestruturação da sociedade civil e das nações. Os princípios de economia global, eram praticados através dos avanços tecnológicos, ferroviários e navais, cada vez mais adequados para transportes intra e intercontinentais das produções industriais, agilizando as importações e exportações. A disseminação do progresso capitalista e seus efeitos sobre a construção das nações proporcionava, não só um maior conhecimento sobre outras sociedades, mas também abrangente integração econômica. Nesse sentido, até 1850, houveram diretrizes institucionais políticas e econômicas sob controle hegemônico do liberalismo inglês.

No entanto, a sociedade política inglesa começou a formular uma nova linguagem em meados do século que passou a conviver com a linguagem econômica liberal já firmada institucionalmente. Essa nova linguagem política veio de um movimento de expansão colonialista inglês, para firmar sua hegemonia e consolidar seu projeto imperial. Para efeitos deste, era necessária a manutenção ou imposição da ordem social, nacional e internacional, sob domínio da Inglaterra.

Na economia, essa nova linguagem política se fazia sentir sob nova ordem de poder e riqueza. A partir de 1870 consolidou-se o primeiro sistema monetário internacional, o padrão-ouro, vigente na Inglaterra desde 1821. As adesões a esse sistema foram progressivas: Alemanha em 1871, França em 1873, EUA em 1879, Japão em 1895 e, assim, esse grupo de cinco países formou o núcleo orgânico do sistema econômico capitalista mundial vigente até os dias de hoje (FIORI, 1999; HOBBSAWM, 1998). Ao mesmo tempo em que a economia afirmava o liberalismo, o internacionalismo e a desregulação dos mercados, entrava em vigor o intervencionismo estatal em direção ao totalitarismo imperial. Começava uma reversão liberal, ou seja, a economia permaneceu com ideologia liberal e a política sofreu um processo de inversão da lógica ao incorporar uma intervenção (para fora) colonialista e (para dentro) social e nacional, na manutenção da ordem imperial. A hegemonia inglesa foi vigente no ocidente até 1930, mas foi a partir de meados do século XIX, e

---

*saíram inúmeras instituições (...) e numerosas regulamentações saíram de suas deliberações.* (CASTEL, 1998, p.323)

principalmente após 1870, que foram crescentemente definidas as duas linguagens que moldaram as políticas sociais da época. A linguagem liberal moldou a *belle époque*, e a linguagem da reversão política liberal moldou o intervencionismo civilizatório. Este intervencionismo civilizatório era excludente e claramente eugênico.

Na ciência, o processo vinha de um grande desenvolvimento em todas as áreas e a sociedade civil passava por um momento de transição dos valores que a embasavam pois os avanços científicos chegavam por várias vias: saúde pública, melhoramentos urbanos, indústrias, produtos domésticos de qualidade, variedade alimentar, diversidade de tecidos para vestuário, etc. Ao mesmo tempo em que a sociedade, como um todo, passava por uma revolução paradigmática<sup>62</sup>, vivia e se adaptava também à dupla linguagem imperial. Na economia, o movimento de expansão industrial, de abertura comercial, de liberalização, de internacionalismo. Na política, um movimento de manutenção da ordem, sob domínio inglês, que passa por intervenções sociais de exclusão e de repressão.

## Os Conceitos Fundamentais

Do ponto de vista desta dissertação, seis conceitos foram escolhidos como fundamentais para a gênese da eugenia e configuraram a nova sociedade política em que se formularam objetivos e metas pós-1870: nação, pátria, imperialismo, democracia, socialismo e liberalismo. Neste período houve uma nova prática política desses conceitos. Alguns foram reformulados, outros foram criados. Apesar de estarem sendo trabalhados separadamente, configuram uma tríade. São três duplas de conceitos que devem ser pensadas juntas para se tentar compreender a formulação da política eugênica: **Nação – Pátria // Imperialismo – Democracia // Socialismo – Liberalismo**. Esses

---

<sup>62</sup> Revoluções paradigmáticas são referidas nesta dissertação como: *transformações da estrutura de pensamento ocasionadas pela crise, perigosa e oportuna, que mostra a insuficiência de uma visão antecedente hegemônica, através de reflexões e ações que provocam uma evolução a partir de rupturas de princípios básicos e valores que nos serviam de referência*. (ALMEIDA, M.E., 1999, p.9)

termos são aqui avaliados como teoricamente antagônicos, porém ao longo do estudo e para fins deste, mostraram-se complementares na prática da sociedade política oitocentista na moldagem do projeto eugênico para as nações.

Para se trabalhar a vertente política da gênese da eugenia é condição de entendimento a íntima ligação da construção das nações com o raciocínio eugênico. Arnold Pichler, articulista de um jornal liberal de Viena na década de 1880, era muito claro a esse respeito:

Em seus escritos [de Arnaldo Pichler], o nacionalismo e o raciocínio eugênico vão juntos com um entusiasmo pela revolução industrial e, mais surpreendente ainda, pela criação de um corpo de “cidadãos do mundo” (...) longe dos provincialismos de cidades pequenas e de horizontes ligados pela torre da igreja, abrisse o planeta para aqueles até então prisioneiros de seus cantos regionais. (HOBSBAWM,1990, p.52)

## **Pátria – Nação**

**Pátria:** Falar de pátria e patriotismo, nos leva diretamente a falar de nação e nacionalismo, em fins do século oitocentista. Não é intenção dissociar esses conceitos, mas sim apresentar seus pontos confluentes.

O patriotismo foi um movimento do Estado para as bases, nos princípios de amor à pátria, à língua e à nação, essencialmente valorizado em fins do século XIX. Problemas como a língua, a raça, o dever, a educação (primária) e o exército são a essência do patriotismo. Era um modo de sentir a pátria, um modo de afirmar o pertencimento a uma nação. Diferente de nacionalismo, que foi um movimento das bases para o Estado, do povo para o governo, desde o século XVIII. Na prática, patriotismo era o movimento contrário ao nacionalismo. Este era um movimento social que, em nome de uma união nacional, buscava aprimorar a prática da cidadania quanto aos direitos dos cidadãos – idéias procedentes das revoluções políticas francesa e

americana de onde nasceu o princípio da nacionalidade. Era uma forte corrente que fluía por toda a Europa e para fora dela, alimentando as revoluções sob as bases do Romantismo (socialismo, comunismo). A história internacional, ao longo do século XIX, foi a história dos povos lutando para serem nações livres. Problemas como poder, status, política e ideologia são a essência desse movimento (HOBSBAWM, 1990, WEBER, 2000)

O patriotismo, portanto, deslocou-se para a direita política, não só por se haver desbaratado seu antigo companheiro, o liberalismo burguês [a partir de 1870 se inicia a linguagem política intervencionista civilizatória inglesa], mas por já não se manter a situação internacional que anteriormente havia tornado compatíveis liberalismo e nacionalismo. Até a Grande Depressão, algo de semelhante ao livre comércio mundial, embora beneficiando mais à Inglaterra que a outros, havia sido do interesse de todos. Da década de 1870 em diante, porém, tais reivindicações não pareciam mais verdadeiras, e dado o conflito mundial ser considerado, mais uma vez, possibilidade real, senão iminente, ganhou terreno a espécie de nacionalismo para o qual as demais nações eram francamente ameaças ou vítimas [colonialismo]. (HOBSBAWM, 1988, p.226)

Nesse contexto, o sentimento nacional – tanto da sociedade política (que inspirava o patriotismo) como dos movimentos da sociedade civil (que inspiravam o nacionalismo) – foi um elemento importante no processo de construção da nova sociedade e do Estado moderno, na formulação e redefinições de conceitos que embasassem intervenções estatais. O conceito de nação implantado na sociedade através da consolidação do ‘Estado moderno e suas novas regras’, cujo fundamento era o progresso da sociedade, foi um reforço da utopia da felicidade.

(...) na perspectiva da ideologia liberal, a nação representava o estágio de evolução alcançado na metade do século XIX. (...) A nação moderna era parte da ideologia liberal. (idem, 1990, p.51)

A questão nacional tornou-se tema principal da política internacional dessa época e a identificação nacional formava um substrato geral de

politização. Essa politização que partia da sociedade política era transmitida à sociedade civil como patriotismo e uma definição de espírito nacional se formou. Portanto, nação como conceito crescentemente patriótico, passou a representar um estágio no desenvolvimento histórico da sociedade humana adequada ao progresso nacional ao mesmo tempo em que era internacional, em essência, devido às transformações econômicas das novas tecnologias. A pátria era o símbolo do amor dos cidadãos que eram dedicados à nação. No último quarto do século XIX, era um fator determinante para o progresso – econômico, político e social – nacional. O movimento de expansão colonialista inglesa agia internamente no sentido de controle social.

O princípio da nacionalidade que os diplomatas debateram e que mudou o mapa da Europa entre 1830 e 1878 era, portanto, diferente do fenômeno político do nacionalismo que se tornou crescentemente central na era da política de massas e da democratização européia (ibidem, p. 56)

A questão étnica e a questão da linguagem tornaram-se cada vez mais determinantes para as definições desses conceitos, no interior da hegemônica Inglaterra. A questão social incomodava as nações industrializadas pois, ao mesmo tempo que o progresso material atendia, com sucesso, as expectativas, não dispunha de condições voltadas à soluções da pobreza marcante.

O pauperismo<sup>63</sup> é um drama que ilustra esse efeito bumerangue através do qual o equilíbrio do conjunto de uma sociedade é abalado por aquilo que parece situar-se à sua margem. (CASTEL, 1998, p.299)

Os movimentos nacionalistas, que já eram fortes, cresceram de 1870 em diante, onde ideologias passaram a ter espaços de ação. Dentre eles, o sionismo foi sendo reforçado entre os judeus como uma espécie de

---

<sup>63</sup> *O pauperismo é, antes de tudo, uma imensa decepção que sanciona o fracasso do otimismo liberal, modelo século XVIII. Não suscita, a despeito de seu caráter quantitativamente circunscrito, um problema setorial, porque representa o dado histórico inédito do início do século XIX, a verdadeira ruptura em relação ao passado. É uma ruptura na organização do trabalho, mas é também o que parece capaz de engendrar, para pior, um homem novo. Assim, representa o caráter mais patente da modernidade.* (CASTEL, 1996, p. 297)

nacionalismo dos imigrantes daquela etnia, considerados minorias étnicas instaladas em países alheios. O anti-semitismo, que reagia contra o grupo étnico sionista, foi um movimento nacionalista de direita, um movimento patriótico. O nacional-socialismo, que no início era um movimento trabalhista, tendia eliminar as reivindicações dos trabalhadores no sentido de transcender a idéia de guerras entre classes, pois o Estado assumiria os meios de produção e os meios de governo. O Estado nacional se tornaria cada vez mais intervencionista. O Estado seria a agência de riqueza entre os cidadãos, proporcionaria uma distribuição econômica para resolver os maiores problemas sociais, além de tornar os cidadãos cada vez mais patrióticos.

**Nação:** O termo nação sofreu uma evolução conceitual a partir da segunda metade do século XIX. Antes, nação era o conjunto de habitantes de uma província ou de um país ou de um reino. Este termo era referido como um local, mais especificamente, o local de nascimento. Era uma equação de resultado zero: nação=Estado=governo. A partir de 1870, definiu-se como um corpo político de habitantes de um território constituído por um Estado que tinha soberania; este poder pertencia às instituições do governo e a seus governantes. Essa transformação foi um dos elementos que proporcionaram a construção das novas nações desse período (Itália, Alemanha) e a redefinição dos Estados-nação já consolidados (Inglaterra, Japão, França, Rússia, Estados Unidos). (HOBBSAWM, 1990)

O fundamento nacional era permeado por um sentido patriótico de progresso. O princípio da nacionalidade, que vinha sendo conhecido e reconhecido como legítimo de um Estado desde as revoluções francesa e americana, trazia o sentimento de cidadania. A questão nacional passou a ser intrinsecamente ligada à reformulação do termo nação. Na prática, haviam três critérios para um povo ser uma nação:

[1.o]: Uma associação histórica com um Estado existente ou com um Estado de passado recente e razoavelmente durável; (...) [2.o]: A existência de uma elite cultural longamente estabelecida, que possuísse

um vernáculo administrativo e literário escrito; (...) [3.o]: Uma provada capacidade para a conquista. (ibidem, p.49)

Como o mundo ocidental vivia sob hegemonia inglesa, os termos nação e liberalismo eram intrinsecamente ligados. O conceito de nação moderna era parte importante da ideologia liberal. A exigência da definição da língua nacional oficial foi essencial para se estabelecer a identidade nacional, além do entendimento da diversidade das raças que estavam circunscritas num mesmo território.

Segundo Hobsbawm, a nação tornou-se uma espécie de 'religião cívica' dos Estados formados e em construção. Politicamente, os assuntos mundiais estavam sujeitos às grandes potências do pequeno núcleo orgânico. As grandes potências em geral divergiam, mas administravam o mundo com uma espécie de consenso que legitimou a hegemonia inglesa e lhe possibilitou o império. O objetivo primordial desse consenso era evitar grandes catástrofes. Os efeitos negativos da Revolução Francesa ficariam na lembrança por todo o século XIX, moldando as ações e intervenções políticas no sentido de abafar revoltas e levantes sob a norma da ordem e da civilidade. (HOBSBAWM, 1990)

Portanto, era condição de entendimento nacional, uma definição desses conceitos e seu enraizamento no inconsciente da sociedade civil para que a prática política pudesse se desenvolver no sentido de fortalecimento nacional. Nesse sentido, Pátria e Nação eram conceitos indissociáveis na prática da sociedade política.

### **Imperialismo – Democracia**

**Imperialismo:** Imperialismo e democracia, na sociedade política oitocentista, foram práticas complementares, apesar de serem conceitos de significados radicalmente opostos.

Foi no período dos últimos trinta anos do século XIX que o mundo foi dividido em Estados dominadores e dominados, em avançados e atrasados,

em fortes e fracos e foi repartido entre os Estados da frente capitalista. Foi um novo tipo de imperialismo que levou a um novo tipo de colonialismo, com divisão territorial entre as grandes potências capitalistas com suas esferas de influência política e militar procedentes da expansão econômica ultramarina que regeu esse período

(...) o fato maior do século XIX é a criação de uma economia global única que atinge progressivamente as mais remotas paragens do mundo, uma rede cada vez mais densa de transações econômicas, comunicações e movimentos de bens, dinheiro, pessoas ligando os países desenvolvidos entre si e ao mundo não desenvolvido. (idem, 1988, p.95)

Essa economia global única<sup>64</sup> baseada na concorrência e na competição de uma economia internacional com vistas à divisão internacional do trabalho, apresentou uma rivalidade em ritmo crescente a partir da crise econômica mundial da década de 1880. No cerne do movimento imperialista está o ativo movimento de reversão política liberal, caracterizando-se depois, como civilizatório, excludente e eugênico.

Segundo HOBBSBAWM (1988), o novo imperialismo (sob hegemonia inglesa) possibilitou o período mais longo sem guerras generalizadas desde a era romana. A razão para isto ter sido possível foi que as grandes potências conseguiram disseminar suas rivalidades ou circuitos de alta energia bélica para outras partes do mundo (colonizando outras terras). O movimento democrático da primeira metade do século XIX foi substituído por esse novo imperialismo.

Na verdade, o surgimento dos movimentos operários ou, de maneira mais geral, da política democrática teve uma relação nítida com o surgimento do “novo imperialismo”. (ibidem, p.105)

---

<sup>64</sup> Usando a palavra comum das últimas décadas do século XX, é o mesmo que a ‘globalização econômica’.

Crescentemente, a política europeia, mais especificamente a inglesa, era a política do mundo. A Europa havia dominado o mundo através das conquistas de comércio e investimentos com a colonização. Muitos países se tornaram extensões da Europa, economicamente dependentes. Por definição, como nos conta Hobsbawm, uma grande potência tem possessões ultra-marinas e uma grande frota naval. A partir da rivalidade europeia econômica e política que se estendeu por todo o mundo alimentando crises internacionais e conflitos coloniais, foi gerando um acúmulo de tensões políticas que causou uma crescente expectativa de guerra.

Neste sentido, o “novo imperialismo” foi o subproduto natural de uma economia internacional baseada na rivalidade entre várias economias industriais concorrentes, intensificada pela pressão econômica dos anos 1880. (ibidem, p.101)

O imperialismo configurava o projeto político inglês no ideal de domínio de povos frente ao colonialismo que se fazia real e reforçava o espírito patriótico na sociedade civil justificando crescentemente as intervenções estatais dirigidas à ordem e ao progresso dos povos. Ao mesmo tempo que impulsionava um movimento de ideal democrático nascido na Revolução Francesa de direitos dos povos livres. Esses movimentos vinham juntos e moldavam um novo ideal social.

De forma mais geral, o imperialismo encorajou as massas, e sobretudo as potencialmente descontentes, a se identificarem ao Estado e à nação imperiais, outorgando, assim, inconscientemente, ao sistema político e social representado por esse Estado, justificação e legitimidade. Numa era de política de massas, mesmo os sistemas antigos precisavam de nova legitimidade. Uma vez mais, os contemporâneos tinham total clareza a esse respeito. A cerimônia britânica de coroação de 1902, cuidadosamente remodelada, foi elogiada por visar expressar “o reconhecimento, por uma democracia livre, de uma coroa hereditária como *símbolo do domínio mundial de sua espécie*”(grifo de Hobsbawm). Em suma, o império era um excelente aglutinante ideológico. (ibidem, p.106)

**Democracia:** Ao longo do século XIX, a democracia era um movimento tido como subversivo, pois fazia frente ao poder tradicional de dominação sobre as sociedades que não queriam mais revoluções ou insurreições políticas. Após as revoluções francesa e americana que alteraram as instituições dos governos e das sociedades, passou a existir um impasse com relação ao direito que seria conferido aos cidadãos e um medo real do retorno ao caos social. Porém, a transformação era um fato, e precisava-se lidar com este fato novo:

Na verdade, o surgimento dos movimentos operários ou, de maneira mais geral, da política democrática teve uma relação nítida com o surgimento do “novo imperialismo”. (ibidem, p.105)

A política democrática avançava em todos os Estados do núcleo orgânico capitalista, apesar de seu fracasso após 1850, no impulso colonizador e civilizatório.

Após 1870, contudo, tornou-se cada vez mais claro que a democratização da política dos Estados era inteiramente inevitável. As massas marchariam para o palco da política, quer isto agradasse ou não aos governantes. (...) Esses acontecimentos eram vistos com entusiasmo pelos governos que os introduziram mesmo quando comprometidos por convicção ideológica com a representação popular. (HOBBSAWM, 1988, p.127)

Não se podia deter a velocidade das transformações, pois fazia parte da transformação social estrutural. A democratização assustava os nobres do imperialismo. A elite e a burguesia se transformavam, forçadas pelo novo movimento de massas a fim de adaptar-se à democracia, principalmente no sentido de manter o status e o domínio da classe. Foram surgindo as estratégias políticas na manutenção da unidade dos Estados e para a manutenção da continuidade de políticas voltadas às transformações da economia.

A democracia, no entanto, seria tanto mais fácil de domar quanto menos agudos fossem seus descontentamentos. A nova estratégia envolvia, portanto, uma disposição no sentido de empreender programas de reforma

e bem-estar social, que minaram os clássicos acordos liberais de meados do século, com governos que eram mantidos à distância do campo reservado à iniciativa e à empresa privada<sup>65</sup>. (ibidem, p.150)

Os planos de aposentadoria, de seguros de saúde, de refeições escolares, de bolsas de trabalho e seguro desemprego começaram nessa época, pois era necessário conquistar a lealdade das massas a fim de se manter uma regulação dominante do sistema capitalista. O protecionismo era um movimento estatal de domínio, dirigido à sociedade. A invenção das tradições também data desse período como uma estratégia emocional do governo de assegurar a obediência, a subordinação, a lealdade e o patriotismo. Surgiram símbolos como a bandeira nacional, a música, que representavam o país, além do futebol e esportes de massa, orientados pelos governos nesse momento de construção das nações, sob o espírito democrático. (HOBSBAWM, 1988)

As iniciativas oficiais, naturalmente, obtinham maior êxito ao explorar e manipular emoções básicas espontâneas e indefinidas, ou ao integrar temas da política de massas não-oficial. (ibidem, p.155)

O controle do sistema escolar público foi o solo mais fértil, para a consolidação do patriotismo na direita política, ou seja, do império. No entanto, em que pesasse os temores da democracia, esta revelava-se de completo acordo com a estabilidade política e econômica da ordem do sistema capitalista mundial.

A religião, o nacionalismo, a democracia, o socialismo: (...) tudo isso mantinha unidas as massas recém-mobilizadas, quaisquer que fossem os interesses materiais também representados por seus movimentos. (ibidem, p.137)

---

<sup>65</sup> Exceto na Alemanha, os esquemas de bem-estar social eram modestos até os últimos anos que precederam 1914 e, mesmo na Alemanha, fracassaram na tentativa de sustar o crescimento do partido socialista. (HOBSBAWM, 1988)

Um otimismo democrático moldou as políticas e sociedades européias, tendo como marco a *belle époque* a partir de 1890, uma comunhão do capitalismo econômico liberal e da democracia com todos seus símbolos de paz nas sociedades e nos governos que consolidavam o sistema capitalista. Apesar de que este cenário também se apresentava, e crescia, a intervenção eugênica imperial.

### **Socialismo – Liberalismo**

**Socialismo:** Socialismo e liberalismo, teorias antagônicas em fundamentos, mas com um denominador comum em suas origens: faziam resistência ao mercantilismo. Em fins do século XIX, com o avanço do socialismo e a reversão política liberal em intervencionismo civilizatório, ambos assumiram políticas com ideologia eugênica.

Liberalismo, socialismo e nacionalismo deram contribuições decisivas para a destruição dos antigos regimes e para a construção das bases ideológicas, políticas e materiais da face igualitária e libertária do mundo moderno. (FIORI, 2001, p.246)

A teoria elaborada por Karl Marx em meados do século XIX, foi, antes, um movimento político que aglutinava idéias (românticas) comunistas e socialistas vindas do século XVIII, decorrente da necessidade de elaboração de novas políticas sociais. Pregava a homogeneização das classes sociais, enquanto o liberalismo elaborava formas de distribuição de riqueza por meio do trabalho hierarquizado no mercado. As crises nacionais desse período, eram decorrentes da fragmentação crescente dos estratos sociais, principalmente da classe operária e da classe burguesa. O grave e persistente problema social no tocante à política trabalhista e à política social, exigia reformas e ações direcionadas à faixa da população que se caracterizava pelo pauperismo. O socialismo evoluía através das revoluções esparsas e de movimentos sociais.

De David Hume a Karl Marx, todos os autores clássicos, entre o fim do século XVIII e meados do século XIX, atacaram sistematicamente as políticas e os sistemas mercantilistas e acreditaram de uma forma ou de

outra, na necessidade ou na inevitabilidade do desaparecimento dos Estados territoriais. Não é difícil, por outro lado, localizar na obra de Adam Smith, como na de Karl Marx, a previsão comum de que a expansão dos mercados ou o desenvolvimento das forças produtivas do capitalismo industrial promoveria, no longo prazo e por si só, a inevitável universalização da riqueza capitalista. Apesar de que tenha sido só Ricardo (...) quem levou essa idéia às últimas conseqüências. Ao profetizar que o livre-comércio promoveria também uma convergência e homogeneização da riqueza das nações. (ibidem, p.15)

O socialismo surgiu como movimento social operário, em atenção àqueles que ganhavam a vida por meio da força braçal, em troca de um salário de subsistência. Essa nova classe social aumentava sensivelmente em todos os países que estavam se industrializando.

Aquelas pessoas eram encontradas onde quer que as cidades modernas necessitassem de trabalhos de construção ou onde houvesse serviços municipais de utilidade pública – já indispensáveis no século XIX, como os de gás, água e esgotos – e onde quer que se estendesse a rede portuária ou a de estradas de ferro e telégrafos, que interligavam, economicamente, o globo. (HOBSBAWM, 1977, p. 164)

Ao mesmo tempo que as indústrias e a tecnologia das novas máquinas tiravam a base de sustento dos camponeses, artesãos e costureiros tradicionais, a faixa de operários crescia em ritmo exponencial ao longo do século XIX. O aumento quantitativo da mão-de-obra significava o aumento quantitativo da produção e qualitativo dos materiais de consumo. Não havia país industrializado ou em vias de industrialização ou de urbanização que não se preocupasse com o percentual de crescimento de suas populações. (HOBSBAWM, 1977)

E, qualquer que seja o estabelecido pelo historiador, o fato é que para os contemporâneos a massa dos operários era enorme, e indiscutivelmente crescia, lançando uma escura sombra sobre a ordem estabelecida na sociedade e na política. Que aconteceria, na verdade, se os operários se

organizassem politicamente como classe? Foi precisamente o que aconteceu, em escala europeia e com extraordinária velocidade. (ibidem, p. 169)

Enquanto as nações foram sendo construídas ou reformadas devido às novas exigências emergentes, os povos (os cidadãos) foram se adequando, ou reagindo contra, as novas ideologias, inserindo-se em movimentos de classe na consolidação de seus ideais, estruturando modos de pensar e de intervir, de acordo com as necessidades da época. A questão nacional moldou os movimentos políticos da segunda metade do século XIX.

(...) de 1880 em diante, o debate sobre 'a questão nacional' tornou-se sério e intenso, especialmente entre os socialistas, porque o apelo político dos "slogans" nacionais para as massas de votantes potenciais e reais, ou para os que apoiavam movimentos políticos de massa, era agora objeto de uma preocupação prática real. (idem, 1990, p.55)

O socialismo era um movimento popular que intensificava os ânimos dos adeptos contra a burguesia liberal estabelecida, contra o capitalismo, enfim, contra a hierarquia superior. O objetivo era criar uma nova sociedade com a emancipação dos trabalhadores,

(...) que emanciparia toda a raça humana, à exceção de uma minoria cada vez mais insignificante de exploradores. (idem, 1988, p.171)

Porém, mesmo na relação interna da classe dos trabalhadores, existiam divisões e rivalidades entre grupos equivalentes na busca dos monopólios trabalhistas. Existia uma disputa para a manutenção da subsistência individual e de grupos.

A todas diferenças [entre os diversos grupos da classe trabalhadora] acrescentavam-se outras, ainda mais óbvias, de origem social e geográfica, de nacionalidade, de língua, de cultura<sup>66</sup> e de religião, às quais

---

<sup>66</sup> Grifo da autora.

não podiam deixar de emergir à proporção que a indústria recrutava seus efetivos, que tão rapidamente aumentavam, em todos os cantos do próprio país e mesmo, nessa era de maciça migração internacional e transoceânica, no estrangeiro. (ibidem, p.173)

A desconfiança pelos que não sujavam as mãos no trabalho e a intolerância pelos estrangeiros passaram a ser uma questão de luta pela sobrevivência.

**Liberalismo:** A teoria da doutrina liberal foi elaborada por Adam Smith no final do século XVIII em um movimento de resistência à política-econômica do mercantilismo e resquícios do absolutismo, para um novo modo de vida político, econômico e social. As teorias científicas neste campo começaram a existir no movimento de sistematização do capitalismo. A teoria de Adam Smith (e as teorias dos pensadores que se somaram a ele), tornou-se uma das primeiras macro-teorias que estruturaram toda a política e a economia de vários Estados. Em contraposição ao mercantilismo, a ênfase era dada ao livre-comércio internacional, na prevalência das empresas privadas e na diminuição do poder do Estado. A idéia-força era que a metáfora da “mão invisível” do mercado regularia naturalmente as economias nacionais. Era um reforço à economia global única, que exigia a criação de relações internacionais. Para que o mecanismo do sistema capitalista liberal funcionasse, vários setores do mercado e de regulação nacionais visando o comércio internacional, precisavam interagir.

É importante a análise de CASTEL (1998) quando explica que a política social preconizada pelo modelo liberal era de responsabilidade dos cidadãos esclarecidos, e não do governo. O papel da cidadania liberal era o voluntarismo para a proteção às classes necessitadas.

(...) [social] se diz, em oposição ao político, das condições que, deixando de lado a forma dos governos, referem-se ao desenvolvimento intelectual, moral e material das massas populares. (...) O “social” é um conjunto de práticas que visa a atenuar o *déficit* que caracteriza o estado material,

porém mais ainda moral, das classes inferiores da sociedade. Entende-se “por oposição à política”, não à política dos políticos de que a maior parte desses reformadores foi um hábil praticante, mas em oposição ao que se refere a uma política que faria do Estado o ordenador dessas práticas sociais. A política social que [os reformadores] preconizam não é da responsabilidade do governo, mas da responsabilidade dos cidadãos esclarecidos que devem assumir voluntariamente o exercício da proteção das classes populares. (CASTEL, 1998, p.314)

O Estado social nasce no cerne do liberalismo clássico na primeira metade do século XIX e instituições de apoio aos problemas sociais são fundadas. No movimento de reversão política liberal, a partir de meados do século, a política social começa a ser da responsabilidade dos governos, inserindo-se nas intervenções de Estado sob a consolidação do império inglês.

O liberalismo econômico com a ênfase crescente no internacionalismo formaram um clube de nações, como afirma FIORI (1999), que passaram “não só a produzir, mas também a possuir a maior parte da riqueza mundial”. Uma das características básicas desta ideologia é o individualismo<sup>67</sup>, ou seja, o indivíduo como uma ferramenta útil à sociedade através de seu trabalho.

(...) no caso dos teóricos do desenvolvimento do século XIX, Smith, Ricardo, Malthus, Stuart Mill e Marx foram todos, a um só tempo, teóricos e ‘publicistas’ que escreveram suas teorias, visando propor caminhos e soluções e influenciar as políticas do seu tempo. E foi, sobretudo, quando tentaram sustentar suas teses políticas nas suas análises econômicas que os teóricos da economia política clássica, em nome de um projeto científico, acabaram dando origem às grandes utopias modernas, sendo a mais antiga delas – a utopia liberal – a que permaneceu viva por mais tempo, culminando com a idéia da globalização. (FIORI, 1999, p.15)

---

<sup>67</sup> *Em poucas palavras, para o liberalismo clássico, o mundo humano estava constituído de átomos individuais com certas paixões e necessidades, cada um procurando acima de tudo aumentar ao máximo suas satisfações e diminuir seus desprazeres, nisto, igual a todos os outros, e naturalmente não reconhecendo limites ou direitos de interferência em suas pretensões.* (HOBSBAWN, 1977, p. 256)

Ao longo do século XIX, a teoria econômica liberal viveu sua ascensão e apogeu, num pensamento único de progresso das nações e dos povos, até 1870. A partir de então, passou a sentir a crise e seu conseqüente declínio se fez presente. Ao mesmo tempo que fortalecia seu aspecto de economia global, a política expansionista do império inglês reforçava seu intervencionismo.

(...) a partir de 1870, a consolidação internacional do sistema monetário baseado no padrão-ouro transformou-o [o sistema monetário] na síntese de toda a obra liberal. Por isso, ao ruir definitivamente na década de 30 [1930], levou consigo uma época e uma utopia. (ibidem, p.57)

O desenvolvimento das utopias da economia política clássica<sup>68</sup> era ligada à idéia de progresso material e igualdade. A idéia-força era que o livre-comércio internacional promoveria o progresso das nações que fizessem parte deste sistema, e por sua vez a felicidade individual e social. A *belle époque* é fruto desse internacionalismo econômico.

(...) de fato, esta previsão econômica sempre supôs de forma implícita ou explícita – sobretudo nos seus ataques aos mercantilistas – a existência de uma condição histórica ou teórica: o necessário desaparecimento do poder e da competição entre os Estados territoriais, que deveriam ser substituídos pelos mercados ou – na fórmula utópica kantiana – por uma grande e única confederação mundial. (ibidem, p.17)

Em suma, no período aqui em análise, vivia-se ao mesmo tempo o apogeu econômico liberal, o início de seu declínio e a reversão política liberal. O movimento de reversão política liberal, foi um impulso à coletividade através de uma regulação estatal hierarquizada.

---

<sup>68</sup> O argumento social da economia política de Adam Smith era tanto elegante quanto confortador. É verdade que a humanidade consistia essencialmente de indivíduos soberanos de certa constituição psicológica, que buscavam seus próprios interesses através da competição entre uns e outros. (...) [Essas atividades possibilitariam] o mais rápido aumento possível da riqueza das nações, quer dizer, do conforto e do bem-estar, e portanto, da felicidade de todos os homens. A base desta ordem era a divisão internacional do trabalho. (HOBBSAWM,1977, p. 259)

Os preceitos ideológicos e o poder de economia global, colaboraram na disseminação de uma ideologia com todos os aspectos subjacentes a ela, em particular, o intervencionismo eugênico imperial sobre as populações do Estado moderno, na forma que ele estava sendo fundamentado.

## **A Política Eugênica**

Para atender ao objetivo deste capítulo, que é captar **os modos de viver** da sociedade política, que forneceram as bases e as razões do patriotismo, cujo amor à pátria exaltado (e exacerbado) levou os cidadãos a apoiarem uma política eugênica, precisamos ter em mente que, os seis conceitos estudados, ao serem analisados como duplas: pátria/nação, imperialismo/democracia e socialismo/liberalismo, apesar de seus antagonismos, facilitam a compreensão das perspectivas de um objetivo comum e concreto da sociedade política oitocentista – **a formação da identidade nacional**. Esta formação, como condição de entendimento para a assimilação da cidadania, tinha como elementos: a língua nacional oficial, os símbolos nacionais (hino, bandeira, cultura popular) e a determinação racial. Isso tudo, aconteceu crescentemente entre 1870-1900.

É nítida a percepção de que, na construção e re-construção dos Estados nacionais da frente capitalista ocidental, no novo desenho político mundial sob a hegemonia inglesa, ao firmar seu projeto imperial exigia que as raças humanas teriam que ser analisadas e avaliadas. Com a ascensão da xenofobia, do anti-semitismo e do racismo, se fazia necessário um projeto de nação para atender aos conflitos sociais. Os seis conceitos aqui estudados têm um denominador comum do ponto de vista da eugenia: foram todos reconceituados ou criados em um movimento paralelo ao da emergência de um projeto de política eugênica. Esse projeto se insere no movimento de reversão política liberal para um intervencionismo de Estado de características excludentes e civilizatórias.

No tempo histórico e no espaço territorial que este trabalho abrange, era ensinado (e aprendido – ou mesmo inculcado) o amor à pátria na educação primária e no exército. Cidadania, nos moldes do Estado, significava servir ao Estado nacional ao qual o indivíduo pertencia. A obediência às normas, às leis e aos impostos eram os deveres-símbolos da cidadania.

Retomando neste ponto, o imperialismo, este impulsionava a sensação de superioridade da elite burguesa ocidental. Partindo deste ponto de vista (que é o que interessa recortar para este trabalho) e tomando a vertente racial, essa sensação de superioridade aglutinava os brancos ocidentais de qualquer classe social. Mesmo onde havia uma ideologia em torno da igualdade, a dominação pelos brancos gradualmente se instalava.

O imperialismo (...) confrontou uma pequena minoria de brancos – pois mesmo a maioria desta raça pertencia à categoria dos destinados à inferioridade, como a nova disciplina da eugenia alertava incessantemente – às massas de negros, pardos, talvez sobretudo amarelos... (HOBBSAWM, 1988, p.122)

A sensação de superioridade que uniu os brancos ocidentais – ricos, classe média e pobres – não se deveu apenas ao fato de todos eles desfrutarem de privilégios de governante, sobretudo quando efetivamente estavam nas colônias. (...) o operário branco era um comandante de negros. Mas mesmo onde a ideologia insistia numa igualdade, mesmo potencial, esta se transformava gradualmente em dominação. (ibidem, p.107)

No mesmo momento que o impulso imperial ensejava a dominação global, a ordem mundial inglesa se impunha, baseada nas ciências da vida tanto nas ciências naturais como nas humanas, a teoria darwinista, que sugeria o individualismo e a concorrência, reforçava a vontade de dominação branca em relação às massas, de uma forma generalizada.

O impacto econômico do imperialismo foi significativo, mas, é claro, o que ele teve de mais significativo foi sua profunda desigualdade, pois as

relações entre metrópoles e países dependentes eram altamente assimétricas. (...) Dentre os países metropolitanos, foi obviamente para a Grã-Bretanha que o imperialismo teve maior importância, uma vez que sua supremacia econômica sempre dependera de sua relação especial com os mercados ultra-marinhos e as fontes de produtos primários. (ibidem, p.111)

Não só a política e a economia se moldavam ao imperialismo, mas o universo cultural também. As elites glorificavam o progresso das imagens, das idéias e moldavam novos valores que faziam a sensação dos movimentos culturais modernos. A ânsia pelo progresso, pelo bem-estar e melhor qualidade de vida em todos os aspectos da vida cotidiana perpassava todos os Estados do pequeno grupo de nações que detinham o poder. Neste período, a educação foi um importante elemento político <sup>69</sup>:

(...) o mais poderoso legado cultural do imperialismo foi uma educação em moldes ocidentais para minorias de vários tipos: para os poucos favorecidos que se alfabetizaram, descobrindo, portanto, com ou sem a ajuda da conversão cristã, o caminho mais direto para a ambição que usava o colarinho branco dos clérigos, professores, burocratas ou funcionários de escritório. (ibidem, p.117)

A formação da nova sociedade política baseou-se largamente nas novidades da ciência que, sob a égide do paradigma darwinista, acentuava a xenofobia, colaborava no crescimento da intolerância aos imigrantes e fortalecia o racismo. O crescimento do movimento imperial intervencionista civilizatório foi claramente excludente e eugênico. A ciência veio ao encontro das necessidades políticas e sociais da época. Os conceitos darwinistas: “a luta pela sobrevivência” e “a sobrevivência dos mais aptos”, largamente aceitos pelo império, foram mais um suporte eugênico da sociedade política inglesa.

Na visão de Pearson<sup>70</sup>, o darwinismo fortaleceu a doutrina de individualismo de Herbert Spencer<sup>71</sup> e serviu como uma justificativa para o

---

<sup>69</sup> Entretanto, segundo HOBBSAWM (1988), até o século XX, de uma maneira geral, a grande maioria dos habitantes do planeta eram analfabetos.

<sup>70</sup> Person era um biometrista inglês, seguidor de Galton (o pai da eugenia) - personagens importantes na gênese da ciência eugênica.

capitalismo do laissez-faire. (...) [Nesta época] de grande preocupação quanto à rivalidade econômica da França, Alemanha e Estados Unidos, isto foi um curto pulo para o imperialismo social, para o pensamento que a nação deveria ser mantida forte internamente em nome da luta externa. (KEVLES, 1995, p.23)

O patriotismo, a fidelidade à nação e a dedicação na conformação da identidade nacional se traduziam em ações de cidadania. As preocupações nacionais eram tanto econômicas quanto sócio-políticas nas rivalidades internacionais. A ciência tornou-se crescentemente um dispositivo de apoio político na regulação social.

Pearson propunha somente que a Grã-Bretanha lidasse com o impacto em desvantagem das reformas liberais sobre a adequação nacional assegurando que o seguro nacional, pensões para crianças e outras [melhorias], favorecessem os eugenicamente desejáveis. Pearson, entusiasta do estudo, dizia que ele não tinha nem a responsabilidade nem o conhecimento suficientes para avançar programas de lei. Ele declarou que seu principal propósito era explorar cientificamente as teorias (...) sobre as quais uma política eugênica<sup>72</sup> sadia deveria ser construída. Para reconhecer por que as nações se erguiam e caíam, tudo o que contribuía para o caráter do homem deveria ser estudado 'não por argumento verbal, mas..... com o microscópio estatístico'. (ibidem, p. 34)

Sob o domínio imperial inglês, a política eugênica foi se conformando em um projeto nacional comum que perpassava todos os regimes de governo em fins do século XIX. Era o ponto de confluência de várias ciências, de várias necessidades sociais e de várias necessidades políticas para se atender os objetivos da higiene, da moral e da ordem, com fins de estabilização e limpeza das sociedades.

---

<sup>71</sup> Herbert Spencer foi um filósofo inglês que cunhou o termo social-darwinismo – personagem importante na gênese do paradigma darwinista.

<sup>72</sup> Grifo da autora.

[Galton] Duramente um liberal, não acreditava em igualdade natural; ele dizia que pessoas merecem igual proteção, mas não direitos políticos iguais. (ibidem, p. 9)

Quanto à burguesia liberal inglesa, esta necessitava uma forma (um sentido) de sentir para poder barrar ou afastar os imigrantes, os judeus e os negros que ensejavam um lugar na sociedade daqueles Estados nacionais onde estavam alojados. A construção desta forma de sentir moldou-se através dos modos de pensar da sociedade científica, que se conectavam à política eugênica. A saúde pública precisava da higiene para evitar epidemias e doenças provenientes da sujeira. O Estado precisava da ordem, da moral e da civilidade para manter sua máquina econômica aquecida e assegurar o sistema capitalista na competição individual e internacional. O Estado, que tendia ao socialismo, necessitava de bases científicas para se consolidar como regime de governo. O Estado que tendia ao liberalismo estava submetido à reversão política liberal. Foi a ascensão do darwinismo-social o elemento impulsionador da política eugênica e assim foi incorporado por todas as ideologias políticas.

Nos EUA, a ascensão do darwinismo social como uma política social se legitimava como idéia principal para os políticos da era industrial.

Com a publicação de *A Origem das Espécies*, a classe burguesa pôde racionalizar seu comportamento econômico, apelando para as leis universais da natureza como sua autoridade suprema. Era possível, até mesmo aceitável, justificar a exploração brutal do pobre trabalhador e das aventuras imperialistas no exterior, em nome de uma leal obediência às “leis da natureza”. (...) Como instrumento político o *Darwinismo exaltou a competição, o poder e a violência sobre a convenção, a ética e a religião. Assim, ele tornou-se uma bandeira do nacionalismo, imperialismo, militarismo e da ditadura do culto ao herói, ao super-homem e à raça superior.* (RIFKIN, 1999, p.217)

Como conclusão deste capítulo, a sociedade política elaborou um projeto de nação baseado nas necessidades e solicitações da sociedade eugênica, apoiado no paradigma darwinista, onde se legitimaria a exclusão

(expulsão e/ou eliminação) dos estrangeiros, dos negros e dos judeus e exclusão social (dos pobres), em busca de uma **identidade nacional** que atendesse ao ideal do novo homem para a nova estrutura do Estado moderno. Esse projeto de nação era eugênico, no sentido de que atendia o processo civilizatório inglês com características excludentes. **O modo de viver** da sociedade política intervencionista focava o patriotismo e se traduzia tanto como luta pela cidadania (direitos) como obediência à nação que, por sua vez, executavam a política eugênica. Através da irradiação dos preceitos e ordens imperiais facilitada pelo internacionalismo econômico, este modo de viver foi incorporado por todos os Estados modernos da linha de frente capitalista.

É inútil, e de fato costuma ser impossível, tentar um paralelo entre teorias científicas específicas e posições políticas específicas, ainda menos em áreas que, como a “evolução”, se prestam a uma gama de metáforas ideológicas. É quase tão inútil quanto analisá-las em termos de classe social dos cientistas, pois praticamente todos eles eram, nesse período, quase por definição, profissionais liberais da classe média. Contudo, a política, a ideologia e a ciência são aspectos inseparáveis em áreas como a biologia, pois suas vinculações são por demais óbvias. (HOBBSAWM, 1988, p.355)

A imagem-objetivo do Estado moderno era a construção de cidadãos ideais para a afirmação da soberania nacional. E essa construção traduzia-se em seres humanos sadios e fortes, física e mentalmente. Para isso a ciência, ao formular teorias de condução social em direção ao aprimoramento da espécie humana, mais especificamente da raça branca, elaborava axiomas e dogmas raciais que determinaram as bases intervencionistas da política eugênica.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Pelo motivo já abordado na Introdução de que esta dissertação é fruto de uma divisão de trabalho em dois momentos acadêmicos – mestrado e doutorado, o encerramento deste trabalho não é propriamente conclusivo, e será feito em duas partes: conclusão do século XIX e apresentação sintética do projeto de doutorado.

### CONCLUSÃO DO SÉCULO XIX

A eugenia, como ideologia científica, teve sua gênese em três condições peculiares do período de análise: as condições político-sociais fundamentadas na teoria do darwinismo social (Spencer), a reversão do liberalismo político que se transformou em intervencionismo civilizatório excludente, e a consolidação do paradigma darwinista (científico).

A ideologia eugênica significou, portanto, marcante suporte para o racismo, a xenofobia e o anti-semitismo no cerne da sociedade civil, que deu as bases ideológico-sociais para a legitimação da eugenia e deu o impulso fundamental para a legalização desta com bases científicas.

As conclusões dos três capítulos do trabalho – sociedade eugênica, ciência eugênica e política eugênica – fornecem elementos para embasar as afirmações acima.

Com o movimento de consolidação do sistema capitalista mundial por três séculos e seu reforço sob a égide da hegemonia inglesa no século XIX, legitimada na I Revolução Industrial, o último quarto do século foi a afirmação do *poder capitalista – científico*, tanto no que diz respeito a ações voltadas à economia liberal na construção da *belle époque*, quanto a ações e intervenções políticas excludentes. O poder imperial, ao atender aos anseios e receios dos cidadãos xenófobos, racistas e anti-semitas, apresentava um movimento

totalitário ao atender aos anseios e receios dos Estados nacionais intervencionistas na ocasião de suas reestruturações, tanto territoriais quanto de suas identidades, num mundo em transição de valores.

Levando-se em consideração a transitoriedade do período de 1870-1900, *a sociedade civil* vivia um crescente **otimismo** decorrente do ideal de um novo mundo moderno que se concretizava em todos os aspectos da vida ao mesmo tempo que o **pessimismo** se fazia sentir pelas políticas repressivas; *a sociedade política* preocupava-se com a **formação da identidade nacional** na conformação e delimitação do Estado moderno em todos os aspectos que o conceituam; e *a sociedade científica* consolidava o **paradigma darwinista**, fornecendo a legitimação da ideologia eugênica como idéia de aperfeiçoamento da espécie humana e da sociedade, em íntima conexão à idéia da construção da raça pura/perfeita e ariana que, crescentemente, se tornava possível através da crença na ciência que se afirmava como **uma verdadeira fé**.

Interessante ressaltar que, na transição que as sociedades viviam, havia uma transformação lenta, gradual porém real, do otimismo ao pessimismo. Sim, se analisarmos a década de 1890, em plena *belle époque*, o mundo já estava sob domínio arbitrário do império inglês, com suas políticas intervencionistas, civilizatórias, excludentes e...eugênicas.

Os processos do intelecto não são autônomos. Sejam quais forem a natureza das relações entre a ciência e a sociedade onde está embutida a conjuntura histórica particular onde ocorre, esta relação existe. Os problemas que os cientistas identificam, os métodos que usam, os tipos de teorias que consideram satisfatórias em geral ou adequadas em particular, as idéias e modelos que usam para resolvê-los são os de homens e mulheres cujas vidas, mesmo no presente, não se restringem ao laboratório ou ao estudo. (HOBBSAWM, 1988, p. 350)

Tomando a explicação de “crise” de Hobsbawm e de “transição” de Luz, podemos compreender a eugenia como um dos elementos da **estrutura** capitalista, e não somente à sua *conjuntura*. Segundo LUZ (1982), o poder do

Estado se traduz por formas de organizar populações em função de um conjunto de regras a serem obedecidas. Nesta obra<sup>73</sup>, a autora, ao trabalhar a hipótese de base: ‘não se pode separar o saber produzido cientificamente em uma estrutura social, de suas intervenções na sociedade e de suas proposições políticas implícitas’, demonstra que o momento de transição é uma **(re)estruturação**, e as considerações de Hobsbawm, ao falar das contradições desse período, podem ratificar essa observação<sup>74</sup>.

É a “transição”, que representa na verdade, um momento de lutas e contradições no seio do Estado, alcançando as instituições e as transformando. Um momento de crise, portanto de questionamento, onde os discursos políticos diversos mostram os interesses dos grupos em luta, das contradições aí presentes<sup>75</sup>. (...) Conseqüentemente e, simultaneamente, um conjunto de novas idéias, concepções, formas de ação e associação se impõem. (LUZ, 1982, p.36)

Para considerar essa transformação em seu contexto histórico global, é preciso encará-la como parte da “crise”<sup>76</sup> generalizada. E se quisermos encontrar um denominador comum aos múltiplos aspectos dessa crise, que atingiu praticamente todos os setores da atividade intelectual, em graus diversos, este deve ser o fato de todos se defrontarem, depois dos anos 1870, com inesperados, imprevistos e muitas vezes incompreensíveis resultados do progresso. Ou, para ser mais preciso, com as contradições que este havia gerado.<sup>77</sup> (HOBBSAWM, 1988, p.359)

<sup>73</sup> Esta obra trabalha a medicina e a ordem política brasileira – 1870-1930, no entanto, tanto um quanto outro estavam submetidos à ordem imperial liberal inglesa. Suas afirmações podem, portanto, ser utilizadas nesta conclusão sem risco de erros.

<sup>74</sup> Dando um rápido salto à frente e tendo em vista que a ciência eugênica ‘pura’ em suas origens, foi sendo gradualmente aplicada, após sua instituição, pela medicina – na educação, na prática e na intervenção estatal individual e social – , cuja sociedade (médica) tradicionalmente era parte ‘orgânica’ do poder estatal capitalista, todo o espectro desta ciência foi adotado simultaneamente: **teorias raciais** como suporte à xenofobia, racismo e anti-semitismo, **ideologia da perfeição humana**, da felicidade social e de uma identidade forte de nação. A medicina era um instrumento legal que foi incorporando as novidades da ciência para a criação de um novo homem numa sociedade moderna, fazendo juz à civilidade, à ordem e à higiene com bons hábitos, bons costumes e uma educação sanitária (individual e social) nos moldes da ordem hegemônica vitoriana.

<sup>75</sup> Grifo da autora.

<sup>76</sup> Aspas da autora.

<sup>77</sup> Grifos da autora.

Foi através da observação dos fatos históricos do período 1870-1900: ***crise estrutural econômica global, reversão política liberal, movimentos democráticos, imperialismo inglês, movimento migratório intenso, o otimismo e triunfo das ciências naturais sob o domínio dos avanços da biologia***, que a ideologia eugênica foi dando forma à biologização da sociedade, sendo executada e naturalmente inserida no projeto eugênico, e este sendo parte essencial da re-estruturação do Estado moderno ocidental.

A partir dessas reflexões e da semelhança desses fatos no período 1970-2000, como uma gira na espiral do tempo, foi elaborado o projeto de doutorado. Importante observar o otimismo como fato recorrente, e como vivemos no incipiente terceiro milênio a passagem ao pessimismo (o pessimismo está abordado nas Considerações Finais a seguir):

As novas promessas utópicas vieram dos institutos de pesquisa e dos laboratórios das ciências naturais. E não demorou muito até que um **otimismo fantástico** dominasse a cena. (...) “A biotecnologia é a tecnologia de base do próximo grande ciclo econômico”. (...) O otimismo endêmico, a consciência missionária e a posição hegemônica dos superpoderosos EUA lhes dão o pano de fundo ideológico. (...) Não é de surpreender que os evangelistas da inteligência artificial, da tecnologia genética e da nanotecnologia privilegiem uma leitura caolha dessas quimeras. (...) Também a política se revela atônita e impotente perante o complexo científico-industrial. A estratégia deste é simples: aponta, rotineiramente, para o fato consumado, com o qual a sociedade bem ou mal há de se acostumar, independentemente do que sejam os fatos consumados. Também de modo rotineiro qualquer contestação é refutada como agressão à liberdade de pesquisa, como aversão à ciência e à tecnologia por gente não-esclarecida, como temor supersticioso em relação ao futuro. São subterfúgios e mentiras bem calculadas, como aquelas a que políticos de partido e lobistas estão acostumados. Numa discussão racional eles não querem se envolver. E colocam em descrédito todo aquele que a proponha. (...) Também nas ciências biológicas há uma maioria silenciosa que vê suas idéias e seus paradigmas postos em perigo. De todo modo, esses cientistas fazem suas objeções de modo tão

decoroso que a mídia mal lhes ouve. (...) O interesse dos pais em filhos perfeitos, até bem compreensível, deve promover a evolução da espécie; e mesmo a extinção do homem, sonhada pelos expoentes da inteligência artificial, serve ainda a um mais elevado fim evolutivo – uma versão do darwinismo que nem o próprio Darwin teria achado divertida<sup>78</sup>. (ENZENSBERGER, FOLHA DE SÃO PAULO – Caderno MAIS, 9 de setembro de 2001, p.24)

Uma vez que partimos dos fatos políticos na gênese da eugenia no século XIX, podemos nos perguntar: ***que fatores de natureza política poderiam ter colaborado na gênese da nova eugenia nos últimos trinta anos do século XX?*** Esta é, de fato, **a questão central** da continuação de nosso trabalho para a tese de doutorado.

## PROJETO DE DOUTORADO

### **Ciência Genômica: gênese e nascimento de uma nova ciência (1970-2000)**

O projeto de pesquisa se propõe a fazer uma análise do contexto político na gênese e nascimento da ciência genômica nos últimos trinta anos do século XX. Tem como objeto de estudo a transnacionalização da ciência e suas novas relações de poder e impacto sobre a vida individual e social. Pretende-se fazer uma análise comparativa das duas conjunturas de hegemonia biológica: 1870-1900 e 1970-2000.

O racismo, xenofobia e anti-semitismo, foram fatores estruturantes da política ideológica em fins do século XIX e fundamentaram a eugenia. Em fins do século XX, perante a nova onda migratória mundial e o triunfo da nova genética sob a égide do Projeto Genoma Humano, faz-se necessário uma reflexão sobre a emergência de uma nova eugenia e em que grau esses fatores estão associados a ela.

---

<sup>78</sup> Grifos da autora.

(...) Se a inteligência é genética, para que desenvolver programas sociais de educação? Mesma coisa para a eternidade dos papéis sociais atribuídos ao sexo ou à cor. A ideologia ambiente é ainda a mesma hoje em dia. (...) os geneticistas não são responsáveis pelo racismo, mas os argumentos da comunidade científica freqüentemente têm dado sustentação às ideologias racistas. O clima criado pelo *Human Genome Project* poderia suscitar um novo eugenismo, até mesmo um novo racismo? E, em todo caso, os resultados do projeto Genoma não poderiam constituir um reservatório de argumentos e de sentidos, prontos a se desdobrar sempre na mesma direção? (SFEZ, 1995, p.175)

Para se caracterizar a nova eugenia e ser possível uma análise crítica dos avanços – incessantes – da biologia, optou-se por uma estratégia metodológica pautada em três dimensões fundamentais e básicas: a história política; a ciência e a biotecnologia. Essas dimensões estarão referenciadas através de pensadores contemporâneos preocupados com conseqüências sociais que poderão advir dos novos acontecimentos políticos e sociais, e das novas descobertas científicas, sem uma profunda discussão e reflexão acadêmica; ou ainda com um atraso desta, visto que a velocidade das informações contemporâneas é exponencial e sem precedentes.

O projeto se propõe a desenvolver uma análise política sobre a ***nova eugenia***. Esta se constitui em um tema emergente tanto na mídia escrita e falada quanto na literatura que questionam a biotecnologia do século XXI. As reflexões de alguns pensadores, na década de 1990, convergem na direção de análises sobre o processo virtuoso da ciência genômica. Tendo a clareza de que a eugenia é somente um dos diversos aspectos da nova ciência, como caracterizá-la nos avanços exponenciais da genômica frente à sua emergência? Quais as permanências, as recorrências e as diferenças face à eugenia original? Como ela pode ser pensada nos moldes da era biotecnológica contemporânea, visto que a perfeição e a imortalidade do ser humano se mantêm como idéia-força da biologia?

Do ponto de vista que nos interessa – a construção de um homem perfeito - esta constatação não teria efeito algum não fosse a propensão americana, européia e oriental (o aborto das meninas em particular) ao eugenismo! (SFEZ, 1995, p.174)

Na atualidade existe a percepção de uma nova representação social, com incorporação de neologismos genéticos que vêm moldando um novo vocabulário, novos conceitos e uma nova sociedade. A emergência de um vocabulário no cerne da sociedade constitui sinal de profunda transformação científica e social. Segundo Hobsbawm (1977): “*As palavras são testemunhas que muitas vezes falam mais alto que os documentos*”. Ele afirma que a I Revolução Industrial foi responsável por uma revolução nas palavras. Essa revolução ocorreu com tal magnitude, que transformou, e continua a transformar, o mundo inteiro<sup>79</sup>. Gradual e crescentemente, no último quarto do século XX, imergimos num *vocabulário genético*<sup>80</sup>. A incorporação social de novos conceitos tem complexificado as representações do cotidiano contemporâneo nos lares, em temas dicotômicos tradicionais, como saúde/doença, hereditariedade saudável/doente e/ou defeituosa, vida/morte, juventude/velhice. A complexificação dessas representações se dá através de novos valores que a sociedade vai adquirindo através da permanente ideologia do progresso, pautada na ciência moderna a qual é tradicionalmente impulsionadora das transformações na estrutura social.

O interesse em realizar este estudo se deve ao emergente discurso científico e político a respeito dos avanços triunfais da ciência genômica, que teve como ponto de partida, o Projeto Genoma Humano (PGH).

---

<sup>79</sup> Algumas delas: indústria, industrial, fábrica, classe média, classe trabalhadora, capitalismo, socialismo, aristocracia, ferrovia, liberal, conservador, jornalismo, ideologia, greve, pauperismo.

<sup>80</sup> Alguns neologismos: saúde genética, doença genética, informação genética, medicamento genético, cirurgia genética, terapia genética, transplante genético, instrução genética, distúrbios genéticos, defeitos genéticos, herança genética, mensagem genética, código genético, mutação genética, regulação genética, clonagem, DNA.

Reconheço a necessidade de compreensão do contexto político na emergência atual (da preocupação) da nova eugenia. A globalização política e econômica contemporânea (re)valorizada nas décadas de 60 e 70, desenvolvida estrategicamente na década de 80 e assimilada a partir da década de 90 com as reformas estruturais globais preconizadas pelos EUA (país que detém a hegemonia política e econômica mundial), através de suas instituições competentes, tem implicações tanto na sociedade quanto na ciência. Ao mesmo tempo que a sociedade ocidental dos países avançados foi sendo transformada através da revolução cultural na década de 60 e da instabilidade da hegemonia político-econômica norte-americana na abertura da III Revolução Industrial e Tecnológica, surgiu um novo modelo político econômico, para consolidação de novas necessidades capitalistas, cuja essência (dessa reestruturação) é o neoliberalismo e sua principal estratégia – a globalização financeira, na retomada da hegemonia norte-americana. A ciência, no cerne dessa transformação política e econômica, tornou-se transnacional.

A biologia e a informática fazem parte da essência dessa Revolução Tecnológica. Politicamente, como isso se deu, para que os efeitos econômicos estejam, hoje (no início do século XXI), tão imbricados na ciência biológica? A economia mundial está estruturalmente envolvida com a produção da biotecnologia de ponta em uma grande rede de países capitalistas (como exemplo, a NASDAQ na bolsa de valores de NY), tanto do núcleo central do poder mundial quanto dos países dependentes dos EUA, através de empresas transnacionais.

Os períodos escolhidos e qualificados por nós como momentos de ascensão do poder biológico na ciência: o período de 1870 - 1900 e o de 1970 - 2000 parecem ter estreita relação na reestruturação dos países que seguem a ordem liberal (da Inglaterra no século XIX e dos EUA no XX). Essa ascensão é aqui exposta como elemento fundamental da **gênese** da eugenia no século XIX e da nova eugenia, como um dos aspectos da ciência genômica.

A partir desta ascensão, estaríamos vivendo uma profunda transformação no pensamento, equivalente à do século XIX? Nasceu um novo pensamento, tanto individual quanto coletivo, ligado às novidades que a ciência tem apresentado ao mundo? Durante essas três décadas, um novo padrão de pensamento social, científico e político emergiu decorrente da crise estrutural capitalista mundial, fornecendo subsídios para a origem de uma poderosa biotecnologia que, segundo RIFKIN (1999) será a nova base da estrutura política e econômica do século XXI.

Para esta pesquisa, **o ponto de mutação** desse processo, nas ciências naturais é o ano 2000, pois foi a partir de 26 de junho de 2000, quando se tornaram possíveis novas diretrizes políticas, sociais e científicas sob a égide da biotecnologia contemporânea, cuja aplicação de dá através da agricultura, pecuária e medicina. Porém, pretende-se analisar o processo político da gênese da ciência genômica e seu impacto social.

Para efeitos de uma sistematização, algumas **questões** estão na base destas reflexões e são responsáveis pela forma que se apresenta o presente projeto:

- ✓ O que é a ciência genômica? O que ela tem de diferenças e semelhanças com a ciência eugênica? De que forma ela se insere na medicina do século XXI, visto que já existe a denominação medicina genômica?
- ✓ A conjuntura do período 1970-2000 configura a gênese da nova eugenia? Como? Por quê?
- ✓ Estaria a eugenia implicitamente contida na ciência genômica? Trata-se de uma nova caracterização, ou em que medida ela se assemelha à eugenia original? O que é a nova eugenia?
- ✓ Quais as diferenças e semelhanças com a eugenia do século XIX? O que é permanente e o que é recorrente na sociedade, na política e na ciência frente à eugenia?

- ✓ Como o racismo, o anti-semitismo e a xenofobia, em (re-)ascensão na contemporaneidade, estão sendo observados a partir dos avanços biotecnológicos?
- ✓ Em que aspecto o projeto genômico está em aliança com os países? Qual principal elo de ligação entre os 17 países do PGH (social, político e/ou científico)?
- ✓ Como a gênese da genômica se entrelaça com a Nova Ordem Política e Econômica Mundial na retomada da hegemonia norte-americana a partir da década de 80, visto que foi nesta mesma década que o PGH foi elaborado e legalizado?
- ✓ Qual política de Estado pode corresponder a um mundo já moldado pela luta de posições estratégicas de capitais supranacionais, nos mercados conectados à nova biotecnologia (inter-ligada) à ciência genômica?

O **objeto** desta investigação é a transnacionalização da ciência genômica e seu impacto sobre a vida na sociedade mundial. Na minha visão, existe um problemático impacto sobre a vida, na associação das empresas transnacionais da genômica. Esse impacto faz parte do processo de avanços tecnológicos decorrentes da revolução cultural em que estamos inseridos. No entanto, torna-se problemático a partir do momento que as relações de poder são potencializadas na biotecnologia sob hegemonia do império norte-americano, pois tal poder tem o 'mérito' de dificultar ou impedir reflexões sobre os riscos potenciais das ações e intervenções políticas e econômicas dos novos conhecimentos.

Quais serão as relações de poder que vigorarão entre as empresas transnacionais e a ciência? Em qual dimensão dessas relações se enquadra o Estado capitalista moderno? A transnacionalização tem o poder de neutralizar o Estado moderno? Estas questões surgem principalmente na questão da crise política econômica da estrutura capitalista e a decorrente ascensão, crise e possível declínio neoliberal. No ano de 1990, dezessete países se uniram para realizar o PGH, a saber: Alemanha, Austrália, Brasil, Canadá, China, Coreia do Sul, Dinamarca, EUA, França, Holanda, Israel, Itália, Japão, México, Reino

Unido, Rússia, Suécia. Qual fundamento os une? Ou não há nenhum fundamento de origem das políticas nacionais e são somente as empresas transnacionais que comandam? Provavelmente muitas destas questões já estão sendo respondidas ou poderão ser encontradas nos estudos de cientistas políticos contemporâneos, e serão delineadas no processo deste estudo.

A intenção que molda o objeto desta pesquisa é esclarecer de que maneira a conjuntura das últimas três décadas pode promover um poder transnacional da ciência sobre a vida individual e social. Poderei então desenvolver o raciocínio de identificar quais elementos sócio-políticos se articulam nesse novo mundo moldado por um novo poder da ciência – o poder biotecnológico.

O processo de centralização capitalista acelerado nas últimas décadas concentrou ainda maior quantidade de poder econômico num espaço político ainda mais restrito. E o controle da tecnologia e da capacidade de investimento transformou-se nas novas barreiras que se somam às intervenções diretas das grandes potências na disputa e preservação dos seus mercados extranacionais. A aliança entre o capital financeiro e os grandes poderes políticos é hoje ainda mais intensa e indispensável do que fora no mundo colonial e imperialista do final do século XIX. (FIORI, 1997, p.142)

Fiori explica que ocorreu um ponto de ruptura do sistema capitalista mundial entre 1968 e 1973 a partir de um verdadeiro “cluster” de decisões e acontecimentos, cujas conseqüências são uma nova forma de disputa entre os povos, estados e nações pelo poder e riqueza mundiais. Essas conseqüências podem ser traduzidas em sete grandes transformações que alteraram a estrutura do sistema capitalista: no campo geopolítico mundial sob a égide do “império anglo-saxão”; no campo político-ideológico com o fim das políticas keynesianas e de bem-estar social na consagração do pensamento único neoliberal; no campo econômico, na área monetário-financeira com a criação

do euromercado de dólares; no campo do trabalho com a desaceleração do crescimento mundial e uma reestruturação produtiva por conta de um desemprego estrutural global; políticas de ajuste neoliberal generalizadas impostas pelos credores dos países periféricos; aumento considerável do número de estados nacionais com aumento da distância entre poder e riqueza dos estados do núcleo central e os da periferia; e a revolução tecnológica. Quanto a esta última transformação estrutural – a revolução tecnológica, cujas raízes se encontram no início do século XX<sup>81</sup>, pode-se afirmar que a evolução desses conhecimentos forneceu o ambiente propício aos avanços da informática e da biologia, somando-se a internacionalização desse sucesso (com o forte movimento de globalização financeira).

Os resultados, sobretudo na campo da microeletrônica, dos computadores e da telecomunicação, afetaram diretamente a extensão, o custo e a velocidade de circulação das informações, facilitando a integração em tempo real de todos os mercados financeiros e provocando alterações produtivas e gerenciais que têm permitido aumentos de produtividade e lucratividade, especialmente depois de 1990. (idem, 2001, p.142)

O projeto genômico foi inserido no contexto nacional norte-americano, na década de 70 e o movimento de elaboração do PGH englobando vários países se deu na década de 80. Ciência, Estado, biotecnologia e sociedade viveram numa retro-alimentação a favor da ideologia capitalista-liberal do progresso e dos avanços científicos.

A descoberta de um destino social com lastros genéticos assenta como uma luva à política neoliberal da redução de custos. A nova disciplina acadêmica da “economia medicinal” fornece aos poucos a carta branca para que, por motivos de custos, os pobres, os enfermos e os incapacitados de países ocidentais sejam agraciados com o “auxílio à morte”. (...) O neoliberalismo, com sua pseudofísica ideológica das leis de

---

<sup>81</sup> Revolução da física – década de 30; revolução da biologia – década de 40; invenção do computador – década de 40.

mercado, soltou as peias de todos os demônios do barbarismo moderno e, assim, remontou à irracionalidade do “cientificismo social” do século XIX. A naturalização da economia, porém, acarreta como conseqüência lógica a bestialização das relações sociais. Os mentores neoliberais não respondem apenas pelo advento do fundamentalismo, mas também pelo atual regresso ao darwinismo social e ao anti-semitismo. (KURZ, 1997, p.197)

O darwinismo social e o anti-semitismo foram elementos da ideologia eugênica. Em que medida, este retorno que Kurz fala, poderia gerar uma ideologia da nova eugenia, visto que há sinais mundiais evidentes da recorrência desses elementos?

Segundo Hobsbawm, nos últimos trinta ou quarenta anos as premissas sobre as quais se ergueram os Estados-nação ou Estados territoriais não estão sendo mais válidas, a saber: 1.<sup>a</sup> o Estado têm mais poder do que outras unidades que operam em seu território; 2.<sup>a</sup> os habitantes do território aceitam a autoridade do Estado mais ou menos de bom grado e 3.<sup>a</sup> os governos podem prover aos habitantes de seu território serviços que, de outro modo, não seriam fornecidos com eficácia igual ou nem sequer seriam fornecidos (– serviços como “lei ou ordem”).

A terceira premissa vem sendo solapada não apenas pelo enfraquecimento do poder do Estado, mas também, desde a década de 70, pelo retorno de políticos e ideólogos a uma crítica ultra-radical, ultra-“laissez-faire” do Estado. Baseado mais em convicção ideológica do que em evidências históricas, é argumentado que todos os serviços que nossas autoridades públicas podem fornecer ou são indesejáveis ou são fornecidos melhor pelo “mercado”. (...) Assim, o Estado tende a depender de mecanismos econômicos privados para tomar o lugar da mobilização ativa e passiva de seus cidadãos. A soberania do mercado não é complemento da democracia liberal – é uma alternativa a ela. (...) A participação no mercado substitui a participação na política. O consumidor

toma o lugar do cidadão. (HOBSBAWM, 2001, FOLHA DE SÃO PAULO, MAIS, p. 06, 09 de setembro de 2001)

Segundo Jean-Claude Guillembaud<sup>82</sup> vivemos hoje três revoluções que não devem ser pensadas separadamente: a economia globalizada, a informática com a internet e a genética com a clonagem. Ele explica que essa tripla revolução se combina e forma um sistema que, encoberto pela modernidade, se arrisca a conduzir à regressões anti-democráticas. Nesta mesma chave, RIFKIN (1999) afirma que a emergência da nova eugenia e da bioinformática são importantes elementos de construção da nova estrutura capitalista do século XXI.

A relevância do tema pode ser detectada através de vários indicadores: pontos convergentes de pensadores contemporâneos sobre os limites da biotecnologia; artigos da mídia que problematizam os avanços da genética no sentido de um alerta sobre uma nova eugenia; debates científicos sobre os avanços incessantes — talvez inexoráveis — da ciência; constituição de legislações para a biotecnologia em vários países; frequência crescente da mídia televisiva que tematizam os avanços da biologia principalmente na reprodução humana, na terapêutica e na cura; tema de seminários recentes — científicos<sup>83</sup> e culturais<sup>84</sup>.

---

<sup>82</sup> LE MONDE DIPLOMATIQUE, p. 20, août 2001.

<sup>83</sup> Oficina de abril/2000: *Genoma Humano: limites e acesso e uso de Gen-tes*, desenvolvida para o I Seminário Nacional de Saúde e Ambiente no Processo de Desenvolvimento, de 11 a 14 de julho de 2000, FIOCRUZ, Rio de Janeiro. Esta oficina deu origem ao livro *Limite: a ética e o debate jurídico sobre acesso e uso do Genoma Humano*, organizado por CARNEIRO e EMERICK.

<sup>84</sup> Em especial o Ciclo de Conferências Internacional "O homem-máquina" realizado no Rio de Janeiro (CCBB) e em Brasília, de 27 de março a 11 de maio de 2001, composto por 19 palestras de intelectuais de diferentes áreas científicas e filosóficas que abordaram as configurações recentes do que seja "corpo", "homem" e "pensamento". Esse ciclo foi um repensar o que vem a ser "ser humano" após o anúncio do rascunho do genoma, considerado uma receita para se fabricar um ser humano – um dos grandes marcos na história da ciência e ponto transformador das bases da medicina.

KEVLES (1995) diz que a nova eugenia não se confunde com a antiga eugenia, pois não requer um programa de ampla escala social para as gerações futuras.

A nova eugenia poderia ser alcançada de forma individual. A velha eugenia exigia uma seleção contínua para a criação do que era 'adequado' e uma aniquilação do 'inadequado'. A nova eugenia permitiria, em princípio, uma conversão de todos os seres 'inadequados' ao mais alto nível genético. A velha eugenia limitava-se a um melhoramento numérico do que há de melhor em nosso *pool* genético. Os horizontes da nova eugenia são, em princípio, ilimitados/sem fronteiras – pois deveríamos ter o potencial de criar novos genes e novas qualidades ainda não concebidas nem imaginadas. (KEVLES, 1995, p.267)

A eugenia está sendo inserida nos debates científicos, em um processo ainda incipiente. Tantos são os campos abertos à genética, que nossa espécie humana já começou a ser drasticamente alterada em sua estrutura biológica. É possível o nascimento de seres escolhidos e cada vez mais “perfeitos” por manipulação genética — de fato eles já estão nascendo<sup>85</sup>. Nos anos mais recentes ameaça-nos um mercado de trabalho em transformação, onde poderá ser incorporada a informação genética para a cobertura do seguro de vida e de saúde. Além da fragilização profunda do valor mais essencial dos seres humanos — **a dignidade** — valor para a preservação natural da espécie humana, em termos de valor de sobrevivência.

Pioneiro de DNA defende a nova eugenia: Sou fortemente favorável a controlar o destino genético de nossos filhos. Trabalhar inteligente e sabiamente para fazer com que bons genes dominem o maior número de

---

<sup>85</sup> Matéria publicada na folha Ciência da Folha de São Paulo em 5 de maio de 2001: "EUA têm bebês 'geneticamente alterados': equipe relata nascimento de crianças que receberam DNA de três indivíduos; técnica também é usada no Brasil".

vidas possível é o modo verdadeiramente moral de procedermos. (JAMES WATSON<sup>86</sup>)

A emergência de uma nova eugenia no contexto social parece estar ligada à medicina genômica nascida a partir da genômica e potencializada através das modernas e avançadas biotecnologias. O fato de James Watson defender (em tese) que o ideal desses avanços científicos é que bons genes dominem o maior número de vidas possíveis na intenção de um controle genético das futuras gerações, é assunto para urgentes reflexões acadêmicas e sociais.

O eugenismo é a expressão do progresso. O que é assombroso desde o século XIX é a continuidade, que se acreditou rompida pela experiência nazista. O que acabou em 1945 foi a dupla política do eugenismo positivo (o estímulo dos mais aptos) e do eugenismo negativo (a eliminação dos fracos). Mas o essencial continua sob a forma nobre e “incontestável” da ideologia do progresso humano. (SFEZ, 1995, p.176)

É necessário classificar a eugenia, visto que existem autores que a subdividem em eugenia positiva e negativa. Em linhas gerais, a eugenia negativa seria aquela que teve, nas mãos de Hitler, sob a ideologia da pureza e perfeição da raça ariana, a legitimação do genocídio de judeus, doentes mentais, criminosos, ciganos, deficientes físicos, etc. A eugenia positiva seria aquela que tem a “intenção” de aperfeiçoar a espécie humana, proporcionando aos progenitores, filhos sadios. Mas, essa chamada eugenia positiva não seria o pré-requisito da eugenia negativa? Assim a história nos conta a respeito da eugenia original! No meu ponto de vista, reside aqui a urgência de reflexões acadêmicas e sociais no contexto atual.

Minha atenção se fixa na complexa articulação da ciência com o Estado que apóia a **transnacionalização da ciência**, por meio das redes de

---

<sup>86</sup> Epígrafe retirada de matéria publicada em 18 de abril de 2001, setor de Biotecnologia na seção Ciência da Folha de São Paulo: *James Watson, descobridor da hélice dupla, afirma que é legítimo modificar os genes das futuras gerações.*

relações nos contextos atuais, quando estas relações se capilarizam através da sociedade e moldam o senso comum. O olhar retrospectivo da história do século XIX, com a distância dos acontecimentos que possibilita esta abordagem, auxilia-nos no discernimento dos discursos científicos e políticos, e dos debates sociais relativos aos avanços da biotecnologia e de suas repercussões sociais. No apogeu da eugenia, vivia-se a utopia da raça bela e perfeita para o mundo moderno. Nos fundamentos que estruturaram esta ciência parecia repousar o mito mais antigo da humanidade: a (eterna) busca de **felicidade**. Neste período de fins do século XIX — 1870 a 1900 — e exatamente um século após, no nosso segundo período de estudo — de 1970 a 2000 — parece haver uma espécie de “crença” na realização da utopia da felicidade através dos avanços da ciência, no que se molda uma próxima concretização das duas idéias-força que a legitimam: a idéia-força da saúde perfeita individual e coletiva e a idéia-força da perfeição física, mental e intelectual. A humanidade estaria prestes a atingir a felicidade dos povos e dos indivíduos enquanto imagem-objeto da modernidade. Isto traria a felicidade geral para uma sociedade impulsionada por um constante progresso científico fundamentado no capitalismo. Essa felicidade faz parte da utopia da ideologia neoliberal que atingiu as instituições na formulação de políticas ocidentais da contemporaneidade, de uma maneira semelhante àquela que atingiu o século XIX.

O desenvolvimento biotecnológico, em fase de descobrir funções dos genes, pós-mapeamento e sequenciamento, vem se sustentando por investimentos econômicos jamais vistos. A história da desigualdade econômico-social entre países agrava-se e os efeitos ecológicos em futuro remoto tornam-se objeto de responsabilidade presente. O setor Saúde torna-se campo de alargamento dos poderes econômicos, de forma acelerada. Formular políticas públicas neste terreno é um exercício de liberdade, quando já a sentimos ameaçada pela dificuldade de reflexão e construção de pensamento, tarefas que exigem tempo, encontro, escuta, enfrentamento de interesses e razões contraditórias, e debate intelectual aberto. (...) A produção científica e tecnológica chegou a estágios de conhecimento que não só possibilita a procriação humana sem

sexualidade, mas rompe com dogmas científicos (reprodução a partir de células somáticas), éticos (reprodução in vitro de gêmeos, clonagem para reprodução de humanos inteiros, manipulação, congelamento e descartabilidade de embriões, virtualização do corpo humano) e econômicos. (CARNEIRO e EMERICK, 2000)

A visão de mundo e a concepção de ser humano vive uma profunda transformação. Mas o que significaria isto, especificamente?

Na ocasião [década de 70], biólogos moleculares, líderes políticos e da mídia, editores e articulistas especializados em ciência tacharam nossas predições como alarmistas e fora da realidade, argumentando que a ciência abordada por nós estaria no mínimo distante, pelo menos, centenas de anos distante. (...) Nestes últimos vinte anos, (...) ocorreram todas as viradas científicas e tecnológicas por nós preditas. Porém infelizmente, líderes da comunidade científica, da imprensa, do governo e dos negócios, com honrosas exceções, permanecem tão relutantes hoje como o foram uma geração atrás para engajarem-se em um grande debate público sobre o mais radical experimento no mundo natural que jamais a humanidade tenha feito. (RIFKIN, 1999, p.xiii)

A nova ciência altera as bases tradicionais da ciência, os valores da sociedade, e fornece suporte a amplos poderes da biotecnologia. Mas, até que ponto foram alteradas as bases políticas na atual reestruturação do capitalismo mundial, frente aos desdobramentos científicos na gênese da ciência genômica?

O **objetivo geral** deste projeto de pesquisa é realizar uma análise política – crítica – da nova eugenia sob a gênese política da ciência genômica, através de pensadores contemporâneos.

### Como **objetivos específicos**:

- ✓ Caracterizar a nova eugenia no contexto da transnacionalização da ciência sob um novo tipo de relações de poder, em particular, as razões da união de 17 países na consolidação do PGH a partir de 1990.
- ✓ Definir a conjuntura 1970-2000 na gênese e nascimento da ciência genômica.
- ✓ Fazer uma análise comparativa entre as características políticas, científicas e sociais em duas conjunturas escolhidas: 1870-1900 (mestrado) e 1970-2000 (doutorado), referente às permanências, recorrências e diferenças entre a eugenia original e a nova eugenia
- ✓ Definir eugenia positiva e eugenia negativa.

### **Hipótese de base:**

- ✓ A nova eugenia mantém os fundamentos ideológicos da eugenia original.

### **Outras hipóteses a serem pesquisadas:**

- ✓ O surgimento da ciência genômica ocorre em um contexto de grande poder entre as relações de empresas transnacionais e a ciência, cuja gênese, uma vez associada à hegemonia norte-americana reforçou o poder biotecnológico.
- ✓ A nova eugenia surge no mundo contemporâneo fundamentada nos avanços da biotecnologia sendo que seu fruto utópico, a clonagem humana (tanto do corpo físico quanto de identidade), poderá ser um modelo de perfeição da espécie humana.
- ✓ A ciência genômica é o solo fértil para a permanência da utopia de felicidade individual e social, além da realização (cada vez mais possível) da imortalidade humana, com um discurso estratégico, moldando diretrizes de controle social subliminares, baseado na prevenção e cura das doenças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É consenso geral de que o mundo entrou em nova fase – tanto social, como política e econômica – após o atentado terrorista de onze de setembro de 2001. Afirma-se que o terceiro milênio iniciou-se exatamente naquela data, com emergentes e radicais transformações estruturais na sociedade mundial, em todos os aspectos.

Ao amanhecer 2002, quem queira especular sobre o futuro do sistema mundial deve prestar atenção em pelo menos três fenômenos ou incógnitas: a evolução da recessão econômica norte-americana e européia; a extensão e profundidade do seu impacto econômico, social e político nos “mercados emergentes” (...); e os desdobramentos da luta contra o terrorismo<sup>87</sup> e da guerra na Ásia Central e no Oriente Médio. (FIORI, O GLOBO, 30 de dezembro de 2001)

Frente a acontecimento de tal magnitude [11 de setembro de 2001], e considerando as ponderações de analistas (políticos, sociais e economistas) contemporâneos, quais poderiam ser os desdobramentos políticos contra o terrorismo na perspectiva da biologia, considerando-se a questão da “guerra biológica” como instrumento de terror social? Esta pesquisa não tem, de forma alguma, intenção prognóstica. Mas realista. Em uma pequena nota do Fórum Econômico Mundial, em 02 de fevereiro de 2002, na Folha de São Paulo (p. A 11, Folha Ciência), com o título “Cientistas vêem o futuro com pessimismo”, podemos ler:

Cientistas presentes ao Fórum Econômico Mundial, em Nova York, prevêem um futuro de ameaças biológicas sem precedentes, aquecimento global e substituição de seres humanos por robôs. “Pessimismo extremo me parece ser a única posição racional”, disse sir Martin Rees, astrônomo do Reino Unido. Ele se declarou particularmente preocupado com o

---

<sup>87</sup> Grifo da autora.

desenvolvimento de armas biológicas, que podem cair nas mãos de grupos ou indivíduos dissidentes e causar devastação.

Não se deve dissociar os poderes neste momento preocupante para a humanidade, principalmente porque o poder (político, econômico, biológico, biotecnológico e ideológico) se concentra no império norte-americano. Nem se conseguiria tal dissociação, se relembrarmos as transformações sociais, políticas e científicas ao longo das três últimas décadas do século XX: o apogeu da globalização econômica liberal, a incontestável velocidade da ciência da computação e a corrida científica na ciência da biologia. E principalmente após 2000, com a inserção da política conservadora na condução da política mundial e principalmente após o fatídico 11 de setembro com a absoluta inflexão da política neoliberal dando espaço ao movimento imperial totalitário dos EUA sobre o mundo. São sistemas inter-ligados da nossa época, que se alimentam continuamente e chegam à sociedade traduzidos em sucesso e progresso – a antiga ideologia iluminista que continua a nos mover. Com uma diferença fundamental: a utopia de se construir um ser humano perfeito física, mental e intelectualmente, está hoje, no incipiente terceiro milênio, buscando concretização imediata. A questão não é mais “se” é possível construir um ser humano, e sim, “como” vai se construir um ser humano perfeito.

Na mesma chave e na mesma tecla, é sabido também, que os desdobramentos da ciência genômica podem fornecer conhecimentos necessários tanto para instrumentalizar o bioterrorismo como para fornecer poderosos instrumentos de controle social e populacional. Este é outro aspecto importante de preocupação de pensadores e cientistas, pois não se conhece o limite individual e ético dos cientistas profissionais que são envolvidos no contexto de um mundo que se transforma.

Infelizmente, especialistas militares e a mídia vêm até agora evitando encarar uma realidade bem mais preocupante, situada no centro dos novos temores suscitados pelo bioterrorismo. As novas descobertas relativas ao genoma e sua utilização comercial para manipulações

genéticas nos campos da agricultura, da pecuária e da medicina têm o potencial de ser transpostas para o desenvolvimento de uma vasta gama de novos agentes patogênicos, capazes de atacar as populações vegetal, animal e humana. (...) Outro fato igualmente assustador é que, nos laboratórios universitários de todo o mundo, milhares de estudantes de terceiro grau sabem o suficiente sobre as utilizações possíveis do DNA recombinado e as técnicas de clonagem para conseguir preparar armas e produzi-las em grande escala. (...) Existem várias maneiras de fabricar armas a partir do DNA recombinado; são as chamadas “designer weapons”- ou armas biológicas criadas. A biotecnologia permite a programação de genes em microorganismos para aumentar sua resistência a antibióticos, sua virulência e sua estabilidade no ambiente. É possível inserir, nos organismos, genes que afetam as funções reguladoras que controlam o humor, o comportamento e a temperatura corporal. Cientistas visualizam a possibilidade de clonar toxinas seletivas, com o objetivo de eliminar grupos étnicos e raciais precisos cujo genótipo os predispõe a certas doenças. (...) Observadores militares profissionais não se mostram otimistas quanto à possibilidade de estabelecer uma divisória estanque entre a revolução genética e as finalidades bélicas. (...) Num estudo de 1995, a CIA informou que 16 países eram suspeitos de tentar produzir arsenais bacteriológicos: Iraque, Irã, Líbia, Síria, Coreia do Norte, Taiwan, Israel, Egito, Vietnã, Laos, Cuba, Bulgária, Índia, Coreia do Sul, China e Rússia. (...) Na medida em que o domínio das manipulações genéticas se torna mais sofisticado e mais acessível, é verossímil prever que a próxima geração será arrastada para uma nova e fatal corrida às armas biológicas. (...) Chegou a hora de agir com firmeza e fazer o que é preciso. Temos o direito de pensar que a saúde da civilização humana vale mais do que os mesquinhos interesses de um punhado de empresas. (RIFKIN, FOLHA DE SÃO PAULO, Caderno MAIS, 11 de novembro de 2001)

Segundo RIFKIN, (1999), SFEZ (1995), WILKIE (1994), KEVLES (1995) e muitos outros pensadores e cientistas contemporâneos<sup>88</sup>, vivemos um momento preocupante e decisivo na história da humanidade. A ruptura da espécie humana já é certa, pois já estão nascendo bebês projetados e a

---

<sup>88</sup> Ver Fontes Documentais.

alteração genética já é possível. O retorno da eugenia é evidente. Uma eugenia diferente, dizem. Sem determinação governamental, apresenta-se como uma nova eugenia, uma escolha individual.

O historiador Daniel Kevles já tinha mostrado que o eugenismo clássico tinha se transformado. De um programa social de transformação ele se torna um programa familiar de conhecimentos com vistas a melhorar as decisões individuais. Na mesma linha, o sociólogo Troy Duster nos revela um verdadeiro “retorno ao eugenismo” soft, adaptado às populações negras ou a certas categorias de judeus ashkenazes. (SFEZ, 1995, p.172)

A genética não é responsável pelo racismo, mas se enrosca admiravelmente em suas espirais. (ibidem, p.178)

É necessário analisar até que ponto essa escolha individual é mesmo individual, ou seja, se não continua sendo pré-determinada pela antiga ideologia iluminista que os governos carregam em seu bojo desde a construção do Estado moderno, no sentido de manter a regulação social.

Parece que agora não há mais ciência, só genoma. (...) Há uma sensação de que, fora os genes, não há o que aprender em termos de ciências médicas. E isso, evidentemente não é verdade. (...) Além disso, a genética não está disputando a primazia só nos EUA, mas vem crescendo acima da média em toda parte. (...) A pesquisa genética segue os interesses mercadológicos que, atualmente, estão transformando a sociedade. (...) O problema é que fechar demais o foco nos interesses paradigmáticos pode causar danos de longo prazo a toda a política científica – o que inclui também o descaso em relação à pesquisa básica. Essa preocupação vale para o Brasil, em particular, onde uma ênfase exagerada na genética poderia potencializar velhas mazelas, sabidamente prejudiciais ao avanço do conhecimento no país. Entre elas, estão a falta de planejamento e uma tendência a acompanhar linhas de pesquisa estabelecidas no exterior, em detrimento de áreas de maior interesse local. (FOLHA DE SÃO PAULO, p. A12, 02 de janeiro de 2002)

Os lucros já são grandes. Eles serão imensos. E, quando os sacerdotes inspirados afirmam que o poder dos indivíduos sobre si mesmos será maior pelo conhecimento que terão dos seus genes, convém saber traduzir: o poder poderá ser maior se *desde o início* houver poder. O poder individual não aumentará jamais frente às seguradoras que recusarem segurar, aos empregadores que negarem um emprego ou aos maridos que quiserem um menino quando suas mulheres quiserem uma menina. O pretense poder individual esconderá o poder institucional. (SFEZ, 1995, p.173)

Ou seja, o individualismo parece ser uma das maiores falácias da modernidade visto que a chamada ‘escolha individual’ parece se apresentar não só ‘sem escolha’ como também sob uma máscara de pré-determinação política.

Sinto-me na responsabilidade de expressar que a aparência pessimista dessas Considerações Finais, não é aparência. Têm verdadeiramente, um tom pessimista. Carregado de grande preocupação com as futuras gerações. Vivenciamos um processo de desenvolvimento da ciência biológica que promove **a ruptura da dignidade** da espécie humana, em uma permanente busca de uma das mais antigas utopias – a ‘construção’ de um ser humano ideal: belo, saudável e... perfeito.

Hoje é de crucial importância um processo de expansão da reflexão dos chamados ‘avanços’ da biologia em direção à sociedade como um todo. Como afirma Stephen Hawkin<sup>89</sup>: “Se há algo que aprendemos com a genética é que a tecnologia nos atinge como um trem de carga, antes que estejamos preparados para ela. Ela chegará. E será sem aviso e rápida [já chegou, esta entrevista é de 1999]. Acho que algum tipo de evolução auto-projetada está destinada a acontecer. Não adianta nos lamentarmos. O melhor que podemos fazer é tentar guiá-la. De certo modo, dou boas vindas à genética. Significa que formas de vidas biológicas têm chance de ficar na frente das eletrônicas”.

---

<sup>89</sup> Ver Fontes Documentais fita de vídeo 01.

Portanto, nesta visão, é imprescindível – para a compreensão dos avanços contemporâneos da ciência e dos sinais da nova eugenia – a tradução política do desfile dos sucessos e conquistas da ciência genômica, cujas vitórias invadem os lares e dificultam a reflexão individual e social.

Deste ponto de vista, é condição básica para esta compreensão, analisar a política científica e biotecnológica mundial das três últimas décadas do século XX. É o que se pretende fazer no desenvolvimento do projeto de doutorado.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALMEIDA, M. E. *A Integralidade na Saúde: a emergência de um novo paradigma*. Monografia de Especialização Lato sensu, Londrina, UEL, 1999. (mimeo)
- ANDERSEN, P. *As Origens da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BERNARDO, J. *A Transnacionalização do Capital e Fragmentação dos Trabalhadores*. São Paulo: Boitempo, 2000.
- CANGUILHEM, G. *Ideologia e Racionalidade nas Ciências da Vida*. Lisboa: Edições 70, 1977,
- CARNEIRO, F.; EMERICK, M. C. (org.). *Limite: a ética e o debate jurídico sobre acesso e uso do genoma humano*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.
- CARNOY, M. *Estado e Teoria Política*. Campinas: Papyrus, 1988.
- CASTEL, R. *As Metamorfoses da Questão Social*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHESNAIS, F. (org.). *A Mundialização Financeira: gênese, custos e riscos*. São Paulo: Xamã, 1998.
- ELIAS, N. *O Processo Civilizador 1: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O Processo Civilizador 2: formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FIORI, J. L. *Brasil no Espaço*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_. (org.) *Estados e Moedas no Desenvolvimento das Nações*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O Capital e o Nacional: diagnóstico e prognóstico. Praga – estudos marxistas*. São Paulo, n. 9, s/p., Hucitec, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Os Moedeiros Falsos*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Globalização, hegemonia e império*. IN: *Poder e Dinheiro: uma economia política da globalização*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 7.a ed., 1985.
- \_\_\_\_\_. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999,
- \_\_\_\_\_. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 8.a ed., 1999,
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

HOBBSAWM, E. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Schwarcz, 1995.

\_\_\_\_\_. *A Era das Revoluções: 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. *A Era do Capital: 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

KEVLES, D. J. *In the Name of Eugenics: genetics and the use of human hereditary*. New York, Knopf, 1995.

KUHN, T. S. *A estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

KURZ, R. *Os Últimos Combates*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LÉVY, P. *O que é Virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

LUZ, M. T. *Medicina e Ordem Política Brasileira*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

\_\_\_\_\_. *As Instituições Médicas no Brasil: instituição e estratégia de hegemonia*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *Natural, Racional, Social: razão médica e racionalidade científica moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

\_\_\_\_\_. *A Arte de Curar X A Ciência das Doenças: história social da Homeopatia no Brasil*. São Paulo: Dynamis Editorial, 1996.

\_\_\_\_\_. *Cultura Contemporânea e Medicinas Alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX*. In: *Physis: Saúde Coletiva, Racionalidades Médicas e Novas Tecnologias*, v. 7, n. 1, p. 13-43, 1997.

MARX, K.; ENGELS, F. *O Manifesto Comunista*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1998.

PERRAULT, G. (org.) *O Livro Negro do Capitalismo*. São Paulo: Record, 2000.

RIDLEY, M. *Genoma: a autobiografia de uma espécie em 23 capítulos*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

RIFKIN, J. *O Século da Biotecnologia: a valorização dos genes e a reconstrução do mundo*. São Paulo: Makron Books, 1999.

ROSE, M. *O Espectro de Darwin: a teoria da evolução e suas implicações no mundo moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ROSEN, G. *Uma História da Saúde Pública*. Hucitec/Abrasco: São Paulo/Rio de Janeiro, 1994.

\_\_\_\_\_. *Da Política Médica à Medicina Social: ensaios sobre a história da assistência médica*. Graal: Rio de Janeiro, 1979.

SANTOS, L. G. Invenção, Descoberta e Dignidade Humana. IN: CARNEIRO E EMERICK (org.) **Limite**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

SAYD, J. D. *Mediar, Mediar, Remediar: aspectos da terapêutica na medicina ocidental*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SFEZ, L. *A Saúde Perfeita: crítica de uma nova utopia*. São Paulo: Loyola, 1996.

THURROW, L. *O Futuro do Capitalismo: como as forças econômicas moldam o mundo de amanhã*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

WILKIE, T. *Projeto Genoma Humano: um conhecimento perigoso*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

## FONTES DOCUMENTAIS

### 09 Fitas de Vídeo-Cassete (com a autora)

#### Jornais selecionados (ordem cronológica):

##### JORNAL DO BRASIL.

*Genoma Humano - Racismo não tem base genética: análise de DNA mostra que negros, brancos, índios e asiáticos partilham 99,99% dos 30.000 genes*. Seção Ciência, p. 12, 13 de fevereiro de 2001.

##### FOLHA DE SÃO PAULO.

\_\_\_\_\_. LEITE, M. *Genética e destino: não é bem assim*. Suplemento MAIS, p. 28, 03 de dezembro de 2000.

\_\_\_\_\_. *Genética: Programa lançado pelo governo federal vai decifrar DNA de bactéria amazônica capaz de concentrar minério de ouro – MTC agora quer projeto genoma próprio*. Folha Ciência, p.A18, 19 de dezembro de 2000.

\_\_\_\_\_. *Pesquisa – Genoma é o campeão do ano, diz ‘Science’: para revista científica norte-americana, seqüenciamento do DNA tem potencial para alterar a face do mundo*. Folha Ciência, p. A12, 22 de dezembro de 2000.

\_\_\_\_\_. *New Scientist aponta as notícias científicas do ano: Gene dominou seleção da revista, presente no mapeamento do genoma humano, terapia e engenharia genética.* Folha Ciência, P.A15, 31 de dezembro de 2000.

\_\_\_\_\_. *Informática – Genética já comanda a supercomputação: Celera Genomics, Compaq e Sandia, laboratório nuclear, se unem para quebrar recordes de processamento.* Folha Ciência, p. A12, 20 de janeiro de 2001.

\_\_\_\_\_. BRAVE, R. *DNA na estante: seis livros recentes mostram como é disparatada a análise do impacto da decifração do genoma humano na sociedade.* Suplemento MAIS, p. 25, 21 de janeiro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Medicina: é a primeira seqüência de DNA relacionada com risco alto; versões defeituosas estão envolvidas em 5% dos casos.* Folha Ciência, p.A14, 31 de janeiro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Biotecnologia – Mercado de genômica já movimentou R\$ 12 milhões: projetos genoma expandiram venda de máquinas no Brasil.* Folha Ciência, p. A27, 04 de fevereiro de 2001.

\_\_\_\_\_. KURZ, R. *A comercialização da alma.* Suplemento MAIS, p. 14, 11 de fevereiro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Genoma Humano: 'Nature' e 'Science' publicam seqüência quase completa dos genes – Revistas anunciam hoje o código de DNA decifrado.* Folha Ciência, p.A12, 12 de fevereiro de 2001.

\_\_\_\_\_. COHEN, P. *A evolução interrompida: cultura e tecnologia podem acelerar desenvolvimento humano.* Suplemento MAIS, p. 24, 18 de fevereiro de 2001.

\_\_\_\_\_. MAURON, A. *Genoma sem alma: DNA reacende falsa esperança de que genes expliquem essência da natureza humana.* Suplemento MAIS, p. 24, 25 de fevereiro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Bioética – Cientistas dizem que irão clonar seres humanos: anúncio feito na Itália é alvo de protestos de pesquisadores e religiosos.* Folha Ciência, p. A16, 10 de março de 2001.

\_\_\_\_\_. *Medicina: trabalho de pesquisador de São Paulo sobre tumores de pele tira o primeiro lugar em congresso internacional. Brasil ganha prêmio por estudo de câncer.* Folha Ciência, p.A12, 13 de março de 2001.

\_\_\_\_\_. *Clonagem Humana - 'Eu sei o que estou fazendo', afirma Zavos: cientista que anunciou primeira cópia de humano diz que oposição ao projeto é causado por 'medo'.* Folha Ciência, p. A24, 15 de março de 2001.

\_\_\_\_\_. GUIMARÃES, M. R. *O A Seleção Humana: Fantasma Em Gestação?* Folha Opinião, p. A3, 16 de março de 2001.

\_\_\_\_\_. KURZ, R. *Populismo histórico: o esforço em personificar o mal, como modo de preservação das estruturas hierárquicas, constitui o próprio princípio de funcionamento da sociedade moderna.; O corpo on line;* p.25; Suplemento MAIS, p. 12, 18 de março de 2001.

\_\_\_\_\_. SANTOS, L.G. *O Ser Digital e a Virada Cibernética.;* RIDLEY, M. *O corpo molecular: decifração do genoma humano, realizada no ano passado, muda para sempre a biologia e traz novas percepções dos enigmas filosóficos, como o livre-arbítrio.* Suplemento MAIS, p. 14, 25 de março de 2001.

\_\_\_\_\_. *Genética: dados do seqüenciamento do genoma humano sugerem que princípio da biologia molecular deve ser reavaliado – cientistas questionam conceito de gene.* Folha Ciência, p.A17, 31 de março de 2001.

\_\_\_\_\_. CASTELLS, M. *A vida sob custódia.* Suplemento MAIS, p. 12, 01 de abril de 2001.

\_\_\_\_\_. COELHO, M. *Muito além da clonagem.* Suplemento MAIS, p. 12, 08 de abril de 2001.

\_\_\_\_\_. *Biotecnologia – Pioneiro do DNA defende nova eugenia: James Watson, descobridor da hélice dupla, afirma que é legítimo modificar os genes das futuras gerações.* Folha Ciência, p. A14, 18 de abril de 2001.

\_\_\_\_\_. KURZ, R. *Ciladas da teologia monetária.* Suplemento MAIS, p. 12, 22 de abril de 2001.

\_\_\_\_\_. *Biotecnologia: Governo Federal anuncia hoje a formação de 7 redes regionais de pesquisa, para descentralizar a genética – FHC destina R\$ 26 milhões para genômica.* Folha Ciência, p.A14, 25 de abril de 2001.

\_\_\_\_\_. *EUA debatem 'reforma' de óvulo humano: para crítico, injeção de citoplasma para combater infertilidade altera patrimônio genético; técnica é usada no Brasil.* Folha Ciência, p.A17, 4 de maio de 2001.

\_\_\_\_\_. *Bioética – EUA têm bebês 'geneticamente alterados': equipe relata nascimento de crianças que receberam DNA de três indivíduos; técnica também é usada no Brasil.* Folha Ciência, p. A15, 05 de maio de 2001.

\_\_\_\_\_. ROUANET, S. P. *Do homem-máquina ao homem-genoma.* Suplemento MAIS, p. 13, 06 de maio de 2001.

\_\_\_\_\_. *Biotecnologia – Surgem cromossomos humanos artificiais: australianos constroem 'pacote' de DNA que poderia ajudar a corrigir genes defeituosos e a curar doenças.* Folha Ciência, p. A14, 08 de maio de 2001.

\_\_\_\_\_. *Fertilização in vitro – Computador poderá controlar contracepção: método automático, semelhante a uma linha de montagem, levaria à produção de bebês em série.* Folha Ciência, p. A19, 03 de junho de 2001.

\_\_\_\_\_. *Genética: Empresa localiza DNA que afeta colesterol; EUA já estudam regulamentação para vender carne e leite de clones.* Folha Ciência, p.A12, 6 de junho de 2001.

\_\_\_\_\_. KURZ, R. *Natureza em ruínas.* . Suplemento MAIS, p. 14, 17 de junho de 2001.

\_\_\_\_\_. FROLKE, V. *Nem toda vida humana é sagrada: Peter Singer, professor de bioética da Universidade Princeton, defende, em entrevista, que pais deveriam ser autorizados a pôr fim à vida de um bebê gravemente deficiente.* Suplemento MAIS, p. 25, 22 de junho de 2001.

\_\_\_\_\_. *Biotecnologia – Genética nacional atrai capital de risco: projetos genoma e de organismos transgênicos deixam universidades e migram para empresas emergentes.* Folha Ciência, p. A11, 23 de junho de 2001.

\_\_\_\_\_. *Reprodução: técnica poderá ajudar mulheres com problemas de fertilidade e que sofreram tratamentos contra câncer – Ovelhas nascem de ovários congelados.* Folha Ciência, p.A10, 3 de julho de 2001.

\_\_\_\_\_. FROLKE, V. *Nem toda vida humana é sagrada.* . Suplemento MAIS, p. 20, 22 de julho de 2001.

\_\_\_\_\_. *Em nome da ciência: número de pesquisas no país cresceu 71% em 2000, mas boa parte dos participantes não tem acesso à informação sobre riscos – Brasil já tem 500 mil ‘cobaias’ humanas.* Folha Cotidiano, p. C1, 29 de julho de 2001.

\_\_\_\_\_. *Medicina: cientistas analisam variações na seqüência de DNA que podem estar ligadas ao comportamento humano – Estudo busca influência de genes no suicídio.* Folha Ciência, A12, 30 de julho de 2001.

\_\_\_\_\_. *Bioética – Especialistas sofrem escrutínio público: profissionais que fazem avaliação da moralidade de experimentos têm laços perigosos com empresas e cientistas.* Folha Ciência, p. A12, 06 de agosto de 2001.

\_\_\_\_\_. COHEN, P. *Rebobinando a evolução: avanços na genômica e no estudo da evolução do desenvolvimento já permitem aos cientistas sonhar em ressuscitar os dinossauros, usando DNA das aves como modelo.* Suplemento MAIS, p. 20, 12 de agosto de 2001.

\_\_\_\_\_. *Biotecnologia: pelas regras de Bush, patente obrigaria cientistas dos EUA a pedir licença a fundação para poder pesquisar – Universidade é ‘dona’ de células de embrião.* Folha Ciência, p.A13, 18 de agosto de 2001.

\_\_\_\_\_. *Genoma: programas financiados pelo MTC têm por meta soluções para a saúde e a agricultura.* Folha Ciência, p.A12, 22 de agosto de 2001.

\_\_\_\_\_. SANÉ, P.; BINDÉ, J. *Racismo e Globalização: na tentação de aperfeiçoar a nossa espécie, não temos percebido o retorno da eugenia.* Folha Opinião, p. A3, 26 de agosto de 2001.

\_\_\_\_\_. SCHWARTZ, A *Mentes que brilham*; VILLA, M. A *A dissolução do racismo: a lei Afonso Arinos, que transformou em contravenção a discriminação por preconceito de raça e cor, completa 50 anos*. Suplemento MAIS, p. 15, 02 de setembro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Biologia: Ser Humano dispara explosão evolutiva – Introdução de antibióticos e herbicidas aumenta a resistência de organismos, induzindo ‘corrida armamentista’*. Folha Ciência, p.A11, 7 de setembro de 2001.

\_\_\_\_\_. HOBBSAWM, E. *A falência da democracia* p.5; ENZENSBERGER, H. M. *Golpistas no laboratório*, p.24 . Suplemento MAIS, , 09 de setembro de 2001.

\_\_\_\_\_. Da “Salon” *Pressão Biológica*. Suplemento MAIS, p. 13, 23 de setembro de 2001.

\_\_\_\_\_. KURZ, R. *O ímpeto suicida*. Suplemento MAIS, p. 14, 30 de setembro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Genética: britânico acha um dos genes da linguagem; O novo dualismo da genômica*. Folha Ciência, p.A11, 4 de outubro de 2001.

\_\_\_\_\_. LEWONTIN, R. *Genes pela goela*. Suplemento MAIS, p. 22, 07 de outubro de 2001.

\_\_\_\_\_. HUGHES, J. J. *A Criônica e o destino do individualismo*. . Suplemento MAIS, p. 4, 04 de novembro de 2001.

\_\_\_\_\_. RIFKIN, J. *Bioterrorismo High-Tech e Revolução Genética*. Suplemento MAIS, p. 13, 11 de novembro de 2001.

\_\_\_\_\_. GUMBRECHT, H. U. *O Holocausto e a consciência histórica alemã*. Suplemento MAIS, p. 14, 25 de novembro de 2001.

\_\_\_\_\_. KURZ, R. *O declínio da última moeda hegemônica*. Suplemento MAIS, p. 14, 02 de dezembro de 2001.

\_\_\_\_\_. GLEISER, M. *Definindo o ser humano*. . Suplemento MAIS, p. 19, 09 de dezembro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Biossegurança: Genômica pode fortalecer bioarmas*. Folha Ciência, p.A11, 22 de outubro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Tecnologia é matriz do risco, diz sociólogo: Para Ulrich Beck, da Universidade de Munique, ciência é causa dos principais problemas da sociedade industrial*. Folha Ciência, p.A12, 20 de novembro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Tecnologia: Israelenses criam computador de DNA*. Folha Ciência, p.A12, 22 de novembro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Genética: Experimento histórico marca um avanço na terapia celular, mas traz de volta o temor da clonagem reprodutiva – Empresa dos EUA clona embrião humano*. Folha Ciência, p.A13, 26 de novembro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Biotecnologia: Experimento acelera legislação anticlone*. Folha Ciência, p.A13, 27 de novembro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Empresa já pediu patentes de clonagem*. Folha Ciência, p.A8, 28 de novembro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Física: técnica quebra recorde e flagra elétrons – revista destaca trabalhos de ‘nanofotografia’*. Folha Ciência, p.A15, 29 de novembro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Biotecnologia: Cientistas criam neurônio em laboratório*. Folha Ciência, p.A14, p.1 de dezembro de 2001.

\_\_\_\_\_. *História: Pai do DNA vende originais por R\$1.3 mi*. Folha Ciência, A13, 7 de dezembro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Psicologia: Estudo diz que noção de raça é apagável – cientistas ligam associação racial a circuitos cerebrais, mas concluem que cor da pele só tem utilidade transitória*. Folha Ciência, p. A12, 11 de dezembro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Biotecnologia: Bactéria é o 1.o genoma de escala nacional – Rede de 25 laboratórios em 15 Estados decifra DNA de microorganismo com potencial para combater doenças*. Folha Ciência, p.A15, 18 de dezembro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Pesquisa: Nanotecnologia ganha destaque em 2001*. Folha Ciência, p.A14, 21 de dezembro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Física: cientistas ainda buscam ‘partícula de Deus’*. Folha Ciência, p.A8, 25 de dezembro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Genética ameaça soberania da Física: levantamento do CNPq mostra que disciplina perde espaço para ciências biológicas, especialmente a genômica*. Folha Ciência, p.A12, 02 de janeiro de 2002.

\_\_\_\_\_. *Fórum Econômico: Cientistas vêem o futuro com pessimismo*. Folha Ciência, p.A11, 02 de fevereiro de 2002.

## **JORNAL O GLOBO.**

\_\_\_\_\_. *DNA humano é decifrado e abre nova fronteira na ciência: conquista internacional promete fazer uma revolução na medicina*. p. A1. *O mapa de uma nova era: EUA e Grã-Bretanha anunciam rascunho do genoma e revolução na medicina*. Folha O Mundo, p. 34. *Rascunho será seguido por avanços radicais: conhecimento do código genético do homem leva a descobertas úteis para numerosos campo da ciência*, p. 35. 27 de junho de 2000.

\_\_\_\_\_. *Brasil será o primeiro a decifrar um tumor; O impacto do genoma: diagnóstico genético e drogas mais eficientes são os primeiros alvos dos cientistas*. Folha O Mundo, p. 34, 28 de junho de 2000.

\_\_\_\_\_. *Clone transgênico ajudará medicina*. Ciência e Vida, p.42, 29 de junho de 2000.

\_\_\_\_\_. *Britânicos quebram tabu da clonagem humana: Governo Blair é o primeiro do mundo a autorizar tecnologia que promete provocar revolução na medicina*. Ciência e Vida, p.38, 17 de agosto de 2000.

\_\_\_\_\_. *Felicidade: pesquisadores discutem se o prazer de viver é uma capacidade genética*. Jornal da Família, p.01, 29 de outubro de 2000.

\_\_\_\_\_. *Bioterrorismo é ameaça ao planeta: investimento de US\$ 1 bilhão não neutraliza risco de ataques com armas biológicas*. O Mundo, p.42, 30 de novembro de 2000.

\_\_\_\_\_. *Injeção de gene retarda velhice: supercamundongo preserva por toda a vida músculos da juventude*. Ciência e Vida, p.34, 08 de fevereiro de 2001

\_\_\_\_\_. *Genoma público acelerará avanços médicos: cientista britânico diz que só com divulgação dos dados genéticos será possível combater doenças mais depressa*. Ciência e Vida, p. 42, 25 de março de 2001.

\_\_\_\_\_. *Empresa Americana cria o primeiro clone humano; Clonagem Humana: cientistas brasileiros acreditam que nova tecnologia pode revolucionar a medicina – Promessa de cura de doenças desafia a ética*. Ciência e Vida, p.25, 26 de novembro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Países criticam clonagem: Presidentes do Brasil e EUA condenam criação de bebês*. O Mundo, p.36, 27 de novembro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Italiano promete bebê clone em 2002: experiência polêmica será realizada fora da Itália, num país cujo nome Antinori não revela*. O Mundo, p.34, 28 de novembro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Pronto genoma do câncer de mama: equipe de pesquisa brasileira conclui o primeiro mapa genético de um tumor maligno*. Ciência e Vida, p.24, 24 de dezembro de 2001.

\_\_\_\_\_. FIORI, J.L. *No princípio era o poder*. Especial, p.5, 31 de dezembro de 2001.

## **LE MONDE DIPLOMATIQUE**

GUILLEBAUD, J-C. *L'homme en voie de disparition? p. 20, août, 2001.*

### **Revistas selecionadas:**

VEJA Começou: a corrida para fazer o primeiro clone humano: um médico italiano e um americano anunciam para novembro a tentativa de fazer a cópia idêntica de um homem no laboratório. Ed. Abril, 1713, ano 34, n. 32 15 de agosto de 2001.

ECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO. *Projeto Genoma Humano: mapeamento dos genes revoluciona alicerces da medicina*. Ed. Terceiro Milênio, ano 10, n. 79

### **Programas de Televisão selecionados:**

WEBER, E. - TV SENADO, canal 10. *The Western Tradicion*. Série apresentada pelo Professor de História da Universidade da Califórnia – Eugen Weber, Los Angeles, em 2000.

TV GNT, CANAL 41 – Grandes Séries. *Bebês Perfeitos (Bebês sob medida; O mercado de bebês)*, em abril de 2000.

\_\_\_\_\_. *Amar e Respeitar*, em maio de 2000.

\_\_\_\_\_. *Nosso Tempo. Bebês sob medida*, em junho de 2000.

TV DISCOVERY, CANAL 51 – *O Poder dos Genes*, em julho de 2000.

\_\_\_\_\_. *Genoma*.

TV BANDEIRANTES, CANAL 20 – *Genoma: o mapa da vida*, em setembro de 2000.

TV GLOBO NEWS, CANAL 40 – Arquivo N: *O Futuro*, em junho de 2000.

\_\_\_\_\_. *Jornal das Dez: O Triunfo do Projeto Genoma Humano*, em 26 de junho de 2000.

\_\_\_\_\_. *Entrevista Dr. Danilo Pena, médico geneticista*.

\_\_\_\_\_. *Sem Fronteiras: A Chave da Criação – Clonagem*.

\_\_\_\_\_. *Milênio: O Século da Biotecnologia – Jeremy Rifkin*, em maio de 2000.

\_\_\_\_\_. *Espaço Aberto: Revolução Tecnológica na Medicina a Serviço da Vida*. Entrevista com Max Gonçalves (Pres. Da FENASOFT) e Renato Sabatini (Informática Biomédica da UNICAMP).

TV GLOBO, CANAL 19 – *Jornal Nacional: A Ética dos Genes*, em outubro de 2001.

TV SENADO, CANAL 08 – *Entrevista: Bioética e Clonagem com Senador Tião Viana (PT/AC) e Volnei Garrafa (Soc. Bras. Bioética)*

TV CULTURA, CANAL 18 – *Genoma e Câncer*.

TV UNIVERSIDADE, CANAL 16 – *Debate Genoma com Elói Garcia (Pres. FIOCRUZ-2000) e Rodrigo Moura Neto (UFRJ)*

### **Filmes-Documentários selecionados**

*Arquitetura da Destruição*. Peter Cohen.

*Homo Sapiens 1900*. Peter Cohen.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)